

Carla Bernardett Marques Santos

**Satisfação Sexual e Habilidades Sociais: Correlatos Interpessoais e  
Relacionais na Sexualidade Humana**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2017



Carla Bernardett Marques Santos

**Satisfação Sexual e Habilidades Sociais: Correlatos Interpessoais e  
Relacionais na Sexualidade Humana**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2017

Carla Bernardett Marques Santos

**Satisfação Sexual e Habilidades Sociais: Correlatos Interpessoais e  
Relacionais na Sexualidade Humana**

---

Carla Bernardett Marques Santos

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Fernando Pessoa como parte  
dos requisitos para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia, na área de  
especialização de Psicologia Clínica e da  
Saúde, sob orientação da Professora  
Doutora Rute Meneses.

## **Resumo**

A sexualidade é uma componente fundamental do ser humano, experienciada e expressa de diversos modos e influenciada por uma multiplicidade de fatores, sendo a satisfação sexual uma componente significativa desta. O estudo da satisfação sexual é ainda dificultado por questões teóricas e práticas. Assim, com o objetivo de identificar correlatos sexuais e não sexuais da satisfação sexual, incluindo as habilidades sociais, foram desenvolvidos quatro estudos.

O primeiro consistiu numa revisão narrativa da literatura sobre habilidades sociais; o segundo numa revisão sistemática de estudos sobre avaliação de habilidades sociais; o terceiro numa abordagem teórica da sexualidade, sob a perspectiva da satisfação sexual; e o quarto num estudo empírico com o qual se pretendia caracterizar a satisfação sexual de amostra de estudantes universitários, analisando a sua relação com variáveis sexuais e não sexuais e as diferenças entre os sexos.

Face às conclusões dos três primeiros estudos, o quarto é um estudo quantitativo, com uma amostra de 200 estudantes universitários de três instituições do Norte de Portugal, a quem foram administrados, em contexto de sala de aula, um Questionário Sociodemográfico e Clínico, a NSSS - Nova Escala de Satisfação Sexual, a SSSS - Escala de Busca de Sensações Sexuais e o IHS - Inventário de Habilidades Sociais (versão adaptada para Portugal). Os resultados revelaram que a amostra tinha níveis elevados de satisfação sexual, identificando-se como correlatos desta o estatuto relacional, a frequência das relações sexuais, a busca de sensações sexuais e algumas classes comportamentais de habilidades sociais. Foram ainda verificadas várias diferenças estatisticamente significativas entre o sexo feminino e o sexo masculino nas relações identificadas.

Os quatro estudos realizados afiguram-se como contributos relevantes no âmbito de uma melhor compreensão (e, em última análise, promoção) das habilidades sociais e da sexualidade, de um grupo crescente da população portuguesa: estudantes universitários.

**Palavras-chave:** Habilidades sociais; estudantes universitários; sexualidade; satisfação sexual; diferenças entre os sexos.

## **Abstract**

Sexuality is a fundamental component of the human being, experienced and expressed in a multiple of ways and influenced by a myriad of factors. Sexual satisfaction emerges as a significant component sexuality. The study of sexual satisfaction is hampered by theoretical and practical questions. In order to identify sexual and non-sexual correlates of sexual satisfaction, including social skills, four studies were developed.

The first consisted of a narrative review of the literature on social skills; the second of a systematic review of studies on social skills assessment; the third on a theoretical approach to sexuality, from the perspective of sexual satisfaction; and the fourth in an empirical study aiming to characterize the sexual satisfaction of a sample of university students, analyzing its relationship with sexual and non-sexual variables and the differences between the sexes.

Considering the conclusions of the first three studies, the fourth is a quantitative study, carried out with a sample of 200 university students from three institutions in the North of Portugal. They answered, in the classroom, to a Sociodemographic and Clinical Questionnaire, the NSSS - New Sexual Satisfaction Scale, the SSSS - Sexual Sensations Seeking Scale and IHS - Social Skills Inventory (adapted to Portugal). The results showed that the sample had high levels of sexual satisfaction, which was related with relational status, sexual relations frequency, the sexual sensations seeking and some social skills behavioral classes. It was also possible to identify statistically significant differences between the women and men in the relations found.

The four studies are relevant contributes in the context of a better understanding (and, ultimately, promotion) of social skills and sexuality, of a growing group of the Portuguese population: university students.

**Keywords:** Social skills; university students; sexual satisfaction; differences between sexes.

*Por ti e para ti...*

*Meu Pai,*

*És a minha força...*

*És o meu exemplo de vida!*

*Obrigada por tudo o que me deste,*

*por tudo o que me ensinaste!*

*Meu querido Pai, estejas onde estiveres,*

*sei que vais estar sempre ao meu lado*

*e que vais continuar a cuidar de mim...*

*E como tu me escreveste...*

*“Nunca é tarde demais para aprender”*

*NUNCA!*

*Saudades infindas!*

## **Agradecimentos**

Há caminhos assim, cheios de encruzilhadas, obstáculos, algumas pausas inesperadas, mas sempre a caminhar, mesmo quando os pés doem, persistente, e só descansar no fim da viagem. Ter fé e nunca desistir. As pedras, essas, trouxe algumas, outras ficaram pelo caminho, são os “tijolos” da minha aprendizagem.

Parcas serão sempre as palavras de agradecimento a “todos” os que me deram algum tempo das suas vidas, que me incentivarem a construir o meu caminho.

À Professora Doutora Rute Meneses, por mais palavras que escreva, nunca conseguirei agradecer o quanto foi valiosa, preciosa e significativa a sua dedicada e cuidada orientação e supervisão ao longo de todo este processo. Obrigada... pela sua tolerância e paciência, pelos desafios estimulantes e sempre motivantes, pela sua exigência, pela sua sabedoria, pela sua eficiência, ..., e pela sua generosidade. Agradeço sinceramente todo o seu apoio incondicional, obrigada por acreditar em mim, por me ter ajudado a crescer e a evoluir, como pessoa e como profissional.

À Carina, “estrela cintilante”, companheira de viagem, és uma lutadora, uma guerreira, obrigada pela tua luz, pela tua alegria, por estares sempre ao meu lado, pelo teu especial apoio, pela tua força, mais do meu, sabes que este momento é nosso... porque juntas somos mais fortes e o nosso “brilho” é mais intenso!

À minha mãe, obrigada por estares sempre a cuidar de mim, amor incondicional.

À tia “Tresuca”, a “mãe” de todos os sobrinhos, obrigada pelo amparo, pela força, por estar sempre ao meu lado, em todos os momentos, nos bons e nos maus.

Ao Bruno, obrigada pela tua amizade verdadeira, pelo carinho, pela força que me transmites, por acreditares que posso ser mais e melhor... sei que estás sempre comigo.

À Rute e ao João, obrigada pelo carinho e pela amizade, em vocês eu encontrei a força e a paz para conseguir voltar ao meu caminho e continuar esta viagem.

À Márcia, obrigada pela tua amizade e pelo teu companheirismo, quando chegaste a este meu caminho tudo ficou mais “doce”, “os pinguins” podem esperar.

À Lia, Sandra, Albertino, Nuno, obrigada pela amizade, as “partilhas” e aprendizagens.

A todos os professores que comigo partilharam esta viagem e me deram um pouco da “sua” Psicologia, a todos os familiares, amigos e colegas de curso, os meus sinceros agradecimentos.

## Índice Geral

<b>Resumo</b>	<b>v</b>
<b>Abstract</b>	<b>vi</b>
<b>Dedicatória</b>	<b>vii</b>
<b>Agradecimentos</b>	<b>viii</b>
<b>Índice Geral</b>	<b>ix</b>
<b>Índice de Tabelas</b>	<b>xi</b>
<b>Índice de Figuras</b>	<b>xii</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I - Habilidades Sociais de Estudantes Universitários: Revisão Narrativa da Literatura</b>	<b>6</b>
<i>Resumo:</i>	7
<i>Abstract:</i>	8
<i>Introdução</i>	8
1. <i>Definição de habilidades sociais</i>	11
2. <i>Habilidades sociais de adultos e universitários</i>	15
3. <i>Avaliação das habilidades sociais</i>	19
4. <i>Treino de habilidades sociais</i>	24
<i>Conclusão</i>	26
<b>CAPÍTULO II - Avaliação de Habilidades Sociais em Adolescentes e Adultos: Revisão Sistemática da Literatura</b>	<b>29</b>
<i>Resumo:</i>	30
<i>Abstract:</i>	30
<i>Introdução</i>	31
<i>Método</i>	34
Estratégia de Pesquisa	34
Seleção de Estudos	35
<i>Resultados</i>	36
Apresentação dos Artigos selecionados	37
Caracterização sociodemográfica da amostra	41
Descrição das variáveis e técnicas de avaliação	46
<i>Discussão dos Resultados</i>	52
<i>Conclusão</i>	54

<b>CAPÍTULO III - Perspetivando a Satisfação Sexual: da delimitação do conceito à síntese de evidências</b>	<b>57</b>
<i>Resumo:</i>	58
<i>Abstract:</i>	59
<i>Introdução</i>	59
1. <i>Sexualidade: Breve delimitação de conceitos</i>	60
2. <i>Resposta Sexual Humana e respetivos modelos</i>	64
3. <i>Satisfação Sexual e respetivos modelos</i>	69
4. <i>Satisfação Sexual: síntese de evidências</i>	72
<i>Conclusão</i>	77
<b>CAPÍTULO IV - Satisfação sexual e correlatos sexuais e não sexuais: Diferenças entre os sexos</b>	<b>80</b>
<i>Resumo:</i>	81
<i>Abstract:</i>	82
<i>Introdução</i>	83
<i>Método</i>	86
Participantes	86
Material	90
Procedimento	93
<i>Apresentação e Discussão dos resultados</i>	95
Caracterização da Satisfação Sexual	95
Relação entre Satisfação Sexual e Estatuto Relacional	97
Relação entre Satisfação Sexual e Frequência das Relações Sexuais	98
Relação entre Satisfação Sexual e Busca de Sensações Sexuais	99
Relação entre Satisfação Sexual e Habilidades Sociais	100
<i>Conclusão</i>	105
<b>CONCLUSÃO GERAL</b>	<b>107</b>
<i>Conclusão</i>	108
<i>Comunicações e Publicações Desenvolvidas no Âmbito do Projeto</i>	111
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>114</b>
<i>Referências Bibliográficas - Capítulo I</i>	115
<i>Referências Bibliográficas - Capítulo II</i>	124
<i>Referências Bibliográficas - Capítulo III</i>	129
<i>Referências Bibliográficas - Capítulo IV</i>	134
<i>Referências Bibliográficas</i>	138

## Índice de Tabelas

### **Capítulo II - Avaliação de Habilidades Sociais em Adolescentes e Adultos: Revisão Sistemática da Literatura**

Tabela 1 - Apresentação dos Estudos	37
Tabela 2 - Caracterização Sociodemográfica da Amostra	41
Tabela 3 - Variáveis Estudadas e Técnicas de Avaliação Usadas	46

### **Capítulo IV - Satisfação sexual e correlatos sexuais e não sexuais: Diferenças entre os sexos**

Tabela 1 - Caracterização da Residência e Profissão Amostra por Sexo	87
Tabela 2 - Caracterização do Curso Frequentado pela Amostra por Sexo	87
Tabela 3 - Caracterização do Estado Civil da Amostra por Sexo	88
Tabela 4 - Caracterização da Orientação Sexual da Amostra por Sexo	88
Tabela 5 - Caracterização da Atividade Sexual da Amostra por Sexo	89
Tabela 6 - Caracterização do Uso de Métodos Contracetivos da Amostra e por Sexo	89
Tabela 7 - Caracterização da Importância e a Procura de Informação sobre a Sexualidade da Amostra por Sexo	90
Tabela 8 - Satisfação Sexual da Amostra por Sexo	96
Tabela 9 - Satisfação Sexual em função do Estatuto Relacional da Amostra por Sexo	98
Tabela 10 - Satisfação Sexual em função da Frequência das Relações Sexuais da Amostra por Sexo	99
Tabela 11 - Correlações entre a Satisfação Sexual e a Busca de Sensações Sexuais da Amostra por Sexo	100
Tabela 12 - Correlações entre Satisfação Sexual e Habilidades Sociais da Amostra por Sexo	101
Tabela 13 - Preditores do Satisfação Sexual – <i>Centração no Eu</i> da amostra total	103
Tabela 14 - Preditores da Satisfação Sexual – <i>Centração no Eu</i> no sexo feminino	103
Tabela 15 - Preditores da Satisfação Sexual – <i>Centração no Eu</i> do Sexo Masculino	103
Tabela 16 - Preditores Satisfação Sexual – <i>Centração no Outro e na Atividade Sexual</i> do Sexo Masculino	104
Tabela 17 - Preditores do Satisfação Sexual Total da Amostra Total	104
Tabela 18 - Preditores do Satisfação Sexual Total do Sexo Feminino	104
Tabela 19 - Preditores do Satisfação Sexual Total do Sexo Masculino	104

## **Índice de Figuras**

### **Capítulo II - Avaliação de Habilidades Sociais em Adolescentes e Adultos:**

#### **Revisão Sistemática da Literatura**

*Figura 1* - Processo de Seleção e análise dos artigos 36

### **Capítulo III - Perspetivando a Satisfação Sexual: da delimitação do conceito**

#### **à síntese de evidências**

*Figura 1* - Modelo de resposta sexual humana circular de Basson 68

## INTRODUÇÃO

---

*“O sexo encanta e ao mesmo tempo assombra a humanidade. Tema que ninguém consegue ignorar, causador de sofrimentos profundos e motivo de alegrias, é a essência da reprodução e do prazer físico”*

(Lins & Braga, 2005, p.17)

A sexualidade é vivenciada e expressa em tudo que o indivíduo é e sente pensa e faz. Uma das definições mais completas e aceitas sobre a sexualidade humana foi proposta pela *World Health Organization* (WHO) em 2002, referindo-a como sendo “um aspeto central do ser humano ao longo da sua vida, que envolve o sexo, a identidade e o papel de género, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução. É experienciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas e relações. A sexualidade inclui todas estas dimensões, embora nem sempre sejam experienciadas ou expressas, depende da interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, económicos, políticos, culturais, éticos, históricos, religiosos e espirituais” (World Health Organization, 2006, p.5).

A sexualidade humana é construída através das interações entre o indivíduo e a sociedade em geral, e o seu desenvolvimento depende da expressão das necessidades humanas básicas, incluindo intimidade, expressão emocional e amor (World Association for Sexual Health, 1999), influenciada por uma complexa interligação de fatores sociais e biológicos (World Health Organization, 2010).

Uma grande parte da vida quotidiana de um indivíduo é, de algum modo, passada em interação social diádica ou em grupo, e as relações sociais positivas são uma das maiores fontes de autoestima e bem-estar pessoal (Rojas, 2010).

As habilidades sociais são classes e subclasses de comportamentais que existem no repertório de um indivíduo e contribuem para um competente desempenho social (Del Prette & Del Prette, 1996). A competência social é essencial para, por exemplo, para fazer novos amigos ou manter uma relação íntima e o repertório de habilidades sociais apresentado em cada uma dessas situações será

determinante, em grande parte, do comportamento do indivíduo nas mesmas (Caballo, 2007).

Apesar de um indivíduo ter no seu repertório determinadas habilidades sociais nem sempre as utiliza, dependendo das situações e de diversos outros motivos, incluindo, ansiedade, crenças e uma percepção incorreta do contexto social (Del Prette & Del Prette, 2013).

Um comportamento socialmente competente envolve habilidades sociais que viabilizem obter satisfação pessoal, através da expressão de sentimentos e defesa dos próprios direitos (assertividade) e, ao mesmo tempo, de uma motivação genuína para compreender e acolher as necessidades da outra pessoa (empatia), de um modo adequado (Sardinha, Falcone, & Ferreira, 2009).

Um dos maiores preditores de um relacionamento satisfatório é a satisfação sexual (Byers & Macneil, 2006), estando associada com a comunicação no âmbito da díada relacional (Basson, 2005), refletindo uma diversidade de competências interpessoais (McClelland, 2010).

A satisfação sexual é um fator significativo da qualidade de vida, à qual têm sido associados aspectos relacionais, tais como níveis elevados de satisfação no relacionamento, a comunicação com o parceiro, a assertividade sexual (Sánchez-Fuentes, Santos-Iglesias, & Sierra, 2014) e o suporte social (Henderson, Lehavot, & Simoni, 2009).

A construção psicológica da satisfação sexual objetiva verificar se um indivíduo atingiu um nível satisfatório na sua atividade sexual, pois esta tem consequências cada vez mais importantes na vida pessoal de cada um (McClelland, 2010).

As experiências sexuais apresentam uma essência multifacetada e complexa, tendo vindo a ser cada vez mais evidente, através da investigação, a abrangência de

variáveis individuais, relacionais, contextuais e sociais, na compreensão da sexualidade humana.

Assim, a realização da presente dissertação de mestrado torna-se pertinente no âmbito da sexualidade humana, pretendendo ser um contributo para a investigação da satisfação sexual, abrangendo o estudo das habilidades sociais no panorama nacional, associando dois constructos com características interpessoais e relacionais, sexuais e não sexuais. Enquadra-se no âmbito de um projeto que tem por objetivo desenvolver um estudo comparativo entre Portugal e Brasil acerca dos preditores biopsicossociais da qualidade de vida de indivíduos com esclerose múltipla, de que é parte integrante. Neste contexto, surgiu a necessidade de adaptar, para posterior validação, o instrumento de avaliação das habilidades sociais IHS – Inventário de Habilidade Sociais, de Del Prette e Del Prette (2001), para a população Portuguesa.

Dada a complexidade da temática da satisfação sexual, e uma vez que as habilidades sociais surgem como um vantajoso entendimento no modo do desempenho social do indivíduo, englobando características interpessoais e relacionais, e pretendendo-se um bom suporte científico acerca do estado da arte de ambas as temáticas, optou-se pela organização da presente dissertação em artigos, apresentados em diferentes capítulos, propiciando uma maior funcionalidade na posterior publicação.

O Capítulo I aborda conceitos e definições da área das habilidades sociais, referenciando o seu desenvolvimento e relevância no campo da Psicologia, explorando a sua avaliação e treino, apresentando alguns estudos empíricos, dando particular enfoque à população de estudantes universitários.

O capítulo II centra-se numa análise e sistematização de estudos publicados, com base nas recomendações propostas no guia *Preferred Reporting for Systematic Reviews and Meta-Analyses: PRISMA*, dando especial atenção aos métodos de avaliação das habilidades sociais, em adolescentes e adultos, assim como às variáveis associadas a estas, de forma a identificar quais os instrumentos mais

utilizados. A pesquisa foi efetuada no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal - RCAAP, entre os anos de 2008 a Junho/2016.

Os resultados demonstraram que o IHS de Del Prette e Del Prette (2001) foi o instrumento de avaliação mais utilizado. Constatando-se, ainda, lacunas nesta área em Portugal, emergiu pertinência da sua adaptação para a população portuguesa, de modo a facultar uma caracterização das habilidades sociais, enquadrada no contexto nacional.

Paralelamente, o Capítulo III aborda a sexualidade surgindo a satisfação sexual como uma componente significativa da mesma, são, assim, apresentadas algumas conceptualizações da satisfação sexual.

O Capítulo IV apresenta o estudo empírico, descrevendo cuidadosamente o método seguido, mencionando os resultados do estudo psicométrico preliminar dos instrumentos de avaliação usados, bem como dos resultados obtidos pela amostra total e subamostras do sexo feminino e do sexo masculino. Caracteriza-se a satisfação sexual e analisa-se a relação entre a satisfação sexual (NSSS - Nova Escala de Satisfação Sexual de Stulhofer, Busko e Brouillard, 2010) dos participantes e o estatuto relacional destes, a frequência das relações sexuais, a Escala de Busca de Sensações Sexuais (de Kalichman & Rompa, 1995) e do IHS - Inventário de Habilidades Sociais (de Del Prette & Del Prette, 2001) adaptado para a população Portuguesa por Santos, Peixoto e Meneses (no prelo).

É ainda de referir que, no que concerne ao protocolo de avaliação, este integrou mais itens e instrumentos do que os analisados no presente estudo, pois não estão relacionados com os objetivos do mesmo.

Antes da apresentação das referências bibliográficas consultadas, apresenta-se a conclusão (geral), em que se pretende sintetizar os dados mais relevantes obtidos nos estudos efetuados, apresentando algumas das limitações observadas, assim como alguns dos aspetos que se consideram pertinentes em futuras investigações.

## CAPÍTULO I

---

# **Habilidades Sociais de Estudantes Universitários: Revisão Narrativa da Literatura**

Ana Carina Peixoto (1), Carla Bernardett Santos (1), Rute F. Meneses (2)

(1) FCHS – UFP; (2) FCHS / CTEC / FP – B2S / HE - UFP

## **Resumo:**

As habilidades sociais são definidas como a capacidade de demonstrar um comportamento apropriado numa multiplicidade de contextos, sendo desenvolvidas por aprendizagem. A investigação mostra a sua importância, bem como a relevância do seu treino, evidenciada em amostras de estudantes universitários, uma vez que estes se encontram numa fase de mudanças ambientais e sociais, associado ao facto desta reestruturação tender a coincidir com a consolidação da sua identidade. A avaliação das habilidades sociais permite identificar os défices, possibilitando a intervenção, com programas de treino adequados ao desenvolvimento e/ou manutenção das habilidades sociais. Assim, o objetivo do presente estudo é apresentar uma revisão da literatura sobre habilidades sociais: da sua definição ao seu treino, passando pela sua avaliação, especificamente junto de estudantes universitários

**Palavras-chave:** habilidades sociais, estudantes universitários, treino de habilidades sociais; revisão da literatura

**Abstract:**

Social skills, developed through learning, are defined as the ability to demonstrate appropriate behavior in a multiplicity of contexts. Research shows its importance as well as the relevance of its training, evidenced in samples of university students, since these tend to face environmental and social changes, associated with the consolidation of their identity. The evaluation of social skills allows the identification of deficits, and therefore an intervention with adequate training programs for the development and/or maintenance of the social skills. Consequently, the aim of the present study is to present a literature review on social skills: from its definition to its training, considering its evaluation, specifically with university students.

**Keywords:** Social skills, university students, social skills training, literature review.

**Introdução**

O interesse pelas habilidades sociais tem-se manifestado durante décadas, sendo demonstrado pela abundância de obras teóricas, empíricas e de divulgação (Gismero, 2000). Assim, as habilidades sociais constituem, desde a década de 60 do Séc. XX, uma das dimensões de estudo da Psicologia (Magalhães & Murta, 2003) que tem tido um desenvolvimento notório, decorrente das diversas investigações realizadas por estudiosos da área.

As habilidades sociais são definidas como um conjunto de comportamentos que capacitam o indivíduo para interagir com o meio (Lucca, 2016), sendo desenvolvidas através da aprendizagem, por observação ou modelagem, e pelo fornecimento de instruções (Douaire, 2008).

O efeito social que as interações produzem é, muitas das vezes, avaliado como adequado ou não, sendo que as habilidades sociais resultam desse conjunto de comportamentos que viabilizam o desempenho social (Couto, Vandenberghe, Tavares, & Silva, 2012).

O funcionamento social assume-se assim como uma construção complexa, que integra habilidades sociais, comportamento social e cognição, durante as interações que o indivíduo estabelece com os outros num determinado contexto (Garrido, Azevedo, & Palma, 2011). Esta construção resulta da integração de habilidades sociais emocionais, linguísticas, cognitivas, ajustamento social e competência social (Cordier et al., 2015). Considera-se que a apresentação de défices nas habilidades sociais acarretará dificuldades no funcionamento social do indivíduo e na capacidade que este terá em se adaptar (Angélico, Crippa, & Loureiro, 2006).

No entanto, existem fatores, externos e internos, que podem interferir na predisposição do indivíduo para a interação com os outros e, conseqüentemente, no funcionamento social. Como fatores internos podem-se referir o desenvolvimento do cérebro, a personalidade e o temperamento, e como fatores externos as influências ambientais, as condicionantes familiares, o nível socioeconómico e a cultura (Cordier et al., 2015).

Para Caballo (2007), não existe um padrão de comportamento hábil, sendo necessário observar o efeito desse comportamento, atendendo à situação e ao contexto em que este acontece.

Um dos grupos em que as habilidades sociais têm vindo a ser estudadas é a população dos estudantes universitários, pois é-lhe exigida uma, cada vez maior, competência nas relações interpessoais (Del Prette & Del Prette, 2001).

Tradicionalmente, o período universitário coincide com o final da adolescência e o início da idade adulta; esta transição pode traduzir-se na consolidação da identidade pessoal e social do indivíduo (Andrade, 2010), provendo-o de novos padrões de comportamento, vivências sociais e afetivas, próprias do ingresso na Universidade (Almeida, Soares, Guisande, & Paisana, 2007).

Esta nova etapa tende a ser encarada pelo indivíduo e pela restante família de forma muito positiva, levando à construção de expectativas que, muitas das vezes, não se confirmam no contato real com o mundo universitário (Almeida & Soares, 2004, Freitas, Raposo & Almeida, 2007, citados por Tavares, 2014).

O ingresso no ensino superior poderá, ocasionalmente, implicar o afastamento do grupo de amigos, ou a mudança de área de residência, resultando no residir sozinho (Teixeira, Dias, Wottrich, & Oliveira, 2008). A experiência de novos estilos de vida, numa altura em que muitos estudantes se encontram em fase de resolução de conflitos interpessoais, poderá tornar ainda mais complicada a adaptação ao ensino superior e o desenvolvimento académico e psicossocial (Diniz & Almeida, 2006), por vezes associados a problemas de comportamento e estados psicológicos de vulnerabilidade, que se podem traduzir em ansiedade excessiva, ou até mesmo no consumo e abuso de determinadas substâncias e comportamentos de risco (Almeida & Cruz, 2010).

Nesse sentido, e tendo em conta o crescente número de jovens que atualmente ingressa no ensino superior, têm surgido estudos que se focam nesta adaptação, com o objetivo de conhecer a realidade que estes indivíduos enfrentam.

Este levantamento, para além de identificar possíveis facilitadores da adaptação em causa, permite a implementação de programas que visam auxiliar a

integração no meio académico (Teixeira, Castro, & Piccolo, 2007).

Nesta adaptação podem surgir contextos facilitadores, tais como as redes de amizades que os estudantes estabelecem, proporcionando um melhor ajuste (Teixeira et al., 2007), ou as instituições, com impacto no desenvolvimento psicossocial, no rendimento académico e na ambientação à Universidade (Teixeira, 2009).

Assim, o presente artigo tem como objetivos definir habilidades sociais e abordar a sua avaliação e treino, com enfoque em estudos realizados com estudantes universitários.

## **1. Definição de habilidades sociais**

O estudo das habilidades sociais fundamenta-se em vários princípios e conhecimentos, desenvolvidos e estabelecidos em distintos marcos teóricos e científicos, entre os quais Loureiro (2011) salienta: o Modelo de Assertividade de Wolpe e Lazarus, o Modelo Interativo de McFall, o Modelo Interacionista de Trower, o Modelo de Argyle e Kendon e a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura. Tal pode estar na origem de alguma divergência ao nível dos conceitos que se verifica na literatura da especialidade. Em seguida, apresenta-se uma breve descrição destes modelos.

O modelo de assertividade de Wolpe e Lazarus (1966, citado por Loureiro, 2011) integra duas vertentes explicativas para as dificuldades no desempenho social. Por um lado, os níveis de ansiedade associam-se a estímulos aversivos, inibindo respostas assertivas, por outro, o controlo ineficaz de estímulos no encadeamento de respostas sociais determina dificuldades no desempenho social.

O modelo interativo de McFall (1982, citado por Loureiro, 2011) e o modelo interacionista de Trower (s.d, citado por Loureiro, 2011) referem que a competência

social é o resultado de um conjunto de processos, cognitivos e de conduta, que se iniciam com uma percepção correta de um determinado estímulo interpessoal, de relevância para a pessoa, segue com o pensamento flexível e que irão produzir a resposta. É, assim, resultado de um encadeamento cognitivo, que se inicia com uma percepção e avaliação cognitiva da pessoa, relativamente à situação que a rodeia (Loureiro, 2011).

O modelo de Argyle e Kendon (1983, citado por Loureiro, 2011, Jiménez, 2003) surge como um precedente dos estudos da assertividade dos anos 40 do século XX, propondo o contexto social como o elemento principal, envolvendo as habilidades necessárias para a integração do indivíduo no mesmo.

Assim, o modelo explica o défice em habilidades sociais como sendo um erro produzido num determinado ponto do sistema e que influenciará, posteriormente, a integração no processo da socialização (Loureiro, 2011).

O desenvolvimento das habilidades sociais é feito através de processos cognitivos, que buscam compreender o ambiente e o contexto social em que o indivíduo se insere (Loureiro, 2013).

Segundo a teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1987, citado por Jimenez, 2003), o comportamento social resulta da interação entre os fatores intrínsecos do indivíduo, aludindo aos processos cognitivos e motivacionais, e os fatores extrínsecos, designadamente ambientais e situacionais.

Quando se faz referência ao contexto social, dois conceitos sobressaem nesta área: habilidades sociais e competência social. Os dois conceitos têm semelhanças entre si, sendo aplicados de forma indiferenciada, mas, por vezes, têm sido igualmente destacados como dois conceitos distintos (Bandeira, Costa, Del Prette, Del Prette, & Gerk-Carneiro, 2000).

O conceito de competência social é situacional, envolvendo uma avaliação ou julgamento, relativa à adequação do comportamento perante uma determinada

situação, ou seja, é considerada como o avaliativo de um comportamento numa interação social, e do efeito que este produz em determinada situação (Del Prette & Del Prette, 2010). Por seu lado, as habilidades sociais envolvem o aspeto descritivo desses mesmos comportamentos verbais e não-verbais, necessários à competência social (McFall, 1982).

A competência social define-se como um constructo, multidimensional, que envolve a capacidade do indivíduo organizar pensamentos, sentimentos e ações em função dos seus objetivos e valores (Lemos & Meneses, 2002). As habilidades sociais são os comportamentos que contribuem para a competência social do indivíduo (Freitas, 2011). Logo, um desempenho competente requer do indivíduo uma combinação de diferentes classes de habilidades sociais (Braz, 2013).

As habilidades sociais referem-se à existência de diferentes classes de comportamentos sociais, do repertório do indivíduo, para lidar com as situações de forma adequada, estando estas relacionadas com condutas interpessoais, envolvendo um conjunto de capacidades específicas aprendidas, mas que se encontram sujeitas à influência de fatores ambientais e às próprias características do indivíduo (Bartholomeu, Carvalho, Silva, Miguel, & Machado, 2011).

Segundo Del Prette e Del Prette (2001, citado por Cia, Pereira, Del Prette, & Del Prette, 2006), o termo habilidades sociais refere-se ao conjunto de classes e subclasses comportamentais, apresentadas por um indivíduo, para responder a diferentes situações interpessoais. Do conjunto de habilidades sociais significativas, destacam-se as habilidades de comunicação, de civilidade, de empatia, de expressão de sentimentos, as profissionais e as educativas (Del Prette, Del Prette & Villa, 2005).

Segundo Lange e Jakubowski (1976), o conceito de habilidades sociais engloba a assertividade, que consiste na habilidade que o indivíduo demonstra para se autoafirmar, e a autodefesa, através da expressão dos pensamentos, sentimentos e crenças.

Para além destas características, as especificidades dos contextos nos quais o indivíduo se insere também assumem relevância, uma vez que os papéis representados, os valores e as normas, poderão promover determinados comportamentos (Caballo, 1993).

Existem, também, características do indivíduo que se podem mencionar como fatores a favor ou contra um melhor desempenho das habilidades sociais, tais como, as predisposições biológicas que interagem com as experiências de aprendizagem e determinados padrões de funcionamento (Bartholomeu et al., 2011).

As habilidades sociais incluem três componentes: os comportamentais, os cognitivos e os situacionais. Os componentes comportamentais referem-se aos aspetos verbais e não-verbais, os cognitivos envolvem as variáveis pessoais, e os situacionais reportam ao contexto ambiental (Naves, Rotundo, Carvalho, & Baia, 2011).

As habilidades sociais podem ainda ser divididas em níveis molares e moleculares: os níveis molares referem-se às classes funcionais das ações e reações dos indivíduos, e o nível molecular às partes dessas ações, ou seja, aspetos verbais e não-verbais (Del Prette, Del Prette, Torres, & Pontes, 1998). Como exemplos de algumas ações moleculares podem-se mencionar, entre outros, o iniciar e o manter uma conversa, falar em público e recusar pedidos (Amaral, Bravo, & Messias, 1996).

O desenvolvimento da habilidade social mostra-se, assim, como um facilitador das interações sociais (Lange & Jakubowski, 1976).

## **2. Habilidades sociais de adultos e universitários**

Nas pesquisas em que as habilidades sociais têm sido exploradas, podem-se verificar diferentes tendências de investigação. Se em alguns estudos o objetivo incide na caracterização das habilidades sociais em determinadas populações, em outros a finalidade é analisar a possível relação destas com uma multiplicidade de variáveis, abrangendo uma diversidade de áreas, como a clínica, a social, a educação, os aspectos psicológicos e as características pessoais.

Por serem essenciais nas relações interpessoais em múltiplos contextos, as habilidades sociais têm também sido relacionadas com vários constructos, entre os quais a qualidade de vida, as relações interpessoais, a realização pessoal e profissional (Caballo, 1982, citado por Grün, 2006), e a saúde mental (Loureiro, 2011).

De forma a demonstrar que um bom repertório de habilidades sociais pode funcionar como modelador nas relações interpessoais, Lima, Bandeira, Oliveira e Tostes (2014), num estudo com uma amostra de 53 familiares cuidadores, em que o objetivo foi avaliar o repertório de habilidades sociais, verificaram que a existência de défices nesta área, mais concretamente ao nível da assertividade, poderá dificultar a interação dos familiares com os pacientes, comprometendo a sua rede social de apoio, empobrecendo-a.

Outra das áreas que se mostra apelativa para o estudo das habilidades sociais é a profissional, identificada como sendo um contexto rico em interações sociais. Logo, possuir um bom repertório de habilidades sociais poderá ser considerado fundamental para um bom desempenho nesta área.

Nesse sentido, o estudo de Cerutti e Wagner (2014), com 15 funcionários de atendimento ao público, cujo objetivo foi avaliar as habilidades sociais, verificou que os indivíduos mais habilidosos demonstraram uma maior competência social e estabeleciam relações interpessoais mais satisfatórias. No mesmo estudo, foi ainda verificado que o sexo masculino se apresentava mais habilidoso quando comparado

com o sexo feminino.

Concordante com o facto de existirem diferenças nas habilidades sociais relativamente ao género, Bolsoni-Silva, Loureiro, Rosa e Oliveira (2010) concluíram no seu estudo que o sexo masculino apresenta uma maior competência para falar em público, mas, por outro lado, o sexo feminino é mais competente na expressão de sentimentos positivos.

A literatura mostra ainda correlações entre as habilidades sociais e indicadores de saúde mental, afirmando que estas podem funcionar como promotoras de saúde (Murta, 2005). Prova disso é o estudo levado a cabo por Feitosa (2013), com 1031 adultos, com o objetivo de verificar correlações entre habilidades sociais e neuroticismo. Perante os resultados obtidos, concluiu-se que os indivíduos que apresentam défices nas habilidades sociais, quando comparados com indivíduos socialmente competentes, tendem a desenvolver transtornos mentais e a vivenciar, de forma mais frequente, estados negativos. No modo inverso, é possível estabelecer a relação, ou seja, indivíduos com transtornos mentais apresentam maiores dificuldades na adaptação ao meio social.

Por forma a complementar as afirmações anteriores, o estudo de Ongaratto, Grazziotin e Scortegagna (2016), com 104 indivíduos, em que o objetivo foi investigar as habilidades sociais e a autoestima, constatou que quanto mais desenvolvidas são as habilidades sociais maior é a autoestima.

Uma das populações que tem sido bastante estudada nesta área são os estudantes universitários. Trata-se, maioritariamente, de investigações que objetivam caracterizar o reportório de habilidades sociais e/ou relacioná-lo com outras variáveis, admitindo que, eventualmente, poderão influenciar o seu desenvolvimento. Supondo-se que existe uma relação entre o meio académico e o comportamento social, então a aquisição ou desenvolvimento destas habilidades poderá facilitar o ajustamento ao contexto académico (Soares & Del Prette, 2015).

Nesse sentido, Gomes e Soares (2013), num estudo realizado com universitários, objetivando verificar as relações entre expectativas académicas e habilidades sociais, concluíram que estas podem interferir no comportamento académico, corroborando que as habilidades sociais de enfrentamento, de autoafirmação e de autocontrolo de agressividade influenciam de modo positivo o desempenho do estudante, logo, estudantes com maiores habilidades sociais possuem mais expectativas académicas.

Ao identificar as áreas em que os universitários demonstram maior dificuldade, Landim et al. (2000, citado por Bandeira & Quaglia, 2005) referem que estas são: o medo de falar em público e lidar com a autoridade, a preocupação pela aprovação dos outros na expressão de sentimentos, o medo de não ser aprovado pelos outros, a expressão de sentimentos e a recusa de pedidos.

Com o mesmo objetivo, Magalhães e Murta (2003) referem, como conclusão aos resultados obtidos no seu estudo, que os universitários mostram défices em recusar pedidos, discordar, contra-argumentar e defender as próprias ideias com receio de possíveis consequências na vida profissional.

Teles, Fernandes e Abramides (2015), num estudo com estudantes de jornalismo, demonstrou que as necessidades, que foram referidas para a falta de agilidade das relações interpessoais, estão associadas com a civilidade e a expressão de sentimentos positivos e negativos.

Contudo, Bryant e Trower (1974, citado por Bandeira & Quaglia, 2005) acrescentaram que as dificuldades de interação interpessoal, manifestadas por universitários, poderão estar associadas a aspetos psicológicos, resultando no fracasso da realização de atividades académicas e na dificuldade em concluir o curso.

Tal facto é corroborado por Bandeira, Quaglia, Bachetti, Ferreira e Souza (2005), com uma investigação numa amostra de universitários, em que foi estudado o comportamento assertivo (Escala de Assertividade de Rathus) e a sua relação com

a ansiedade, a autoestima e o *locus* de controlo. Verificou-se que a ansiedade se correlacionou negativamente com a assertividade, ou seja, quanto menor for o nível de ansiedade, maior é a assertividade. As autoras obtiveram também correlações positivas entre o *locus* de controlo, a autoestima e a assertividade, ou seja, quanto maior a internalidade, mais frequentes são os comportamentos assertivos, e quanto maior o nível de assertividade mais elevada é a autoestima.

Também no estudo de Bartholomeu, Nunes, & Machado (2008), cujo objetivo foi analisar as relações entre os traços de personalidade englobados por socialização e as habilidades sociais, foram obtidas correlações positivas entre os fatores autoafirmação, expressão de sentimentos, confiança e o total da socialização, concluindo-se que quanto mais os universitários tendem a expressar os sentimentos positivos, afirmando a sua autoestima, tendem a ser mais preocupados em ajudar os outros, sendo mais agradáveis e, conseqüentemente, refletindo-se numa maior e melhor socialização.

Na mesma linha de investigação, Furtado, Falcone e Clark (2003) realizaram um estudo com estudantes de medicina com o objetivo de avaliar as situações causadoras de stresse e a sua relação com as habilidades sociais, tendo verificado uma correlação entre os défices nas habilidades sociais e a ocorrência de stresse na amostra.

Por seu turno, Tavares, Couto e Silva (2012), num estudo com estudantes de psicologia, verificaram que estes demonstram ser mais habilidosos do que os de outros cursos, percecionando as suas relações interpessoais como sendo mais adaptativas aos padrões sociais. Este fato é justificado por Del Prette, Del Prette e Branco (1992) e Bastos e Achcar (1994, citado por Lima, 2005), que referem que na formação de um psicólogo existe uma maior exigência quanto ao desempenho social.

Também a posição e qualidade das interações interpessoais têm sido alvo de análise por parte de alguns autores. Couto et al., (2012), num estudo realizado com universitários, objetivando verificar se as interações interpessoais se relacionam

com as habilidades sociais, concluiu que estas se correlacionam positivamente com posições mais amigáveis e negativamente com posições hostis e submissas.

Assim, concluiu-se que indivíduos com melhores habilidades sociais apresentam padrões de interação mais diversificados e adequados, demonstrando ser mais ativos, com maior interesse pelo ambiente social e pelos outros (Couto et al, 2012).

Depreende-se, então, que existe uma diversidade de variáveis que poderão, eventualmente, não favorecer o desenvolvimento das habilidades sociais, decorrendo destas diferentes tipos de défices e que quando não corrigidos, atempadamente e de forma adequada, podem comprometer o indivíduo a nível psicossocial (Naves et al, 2011).

O treino das habilidades sociais é um dos modos de correção destes défices, e é composto por duas grandes áreas e/ou etapas. A primeira etapa, denominada por avaliação, tem como finalidade identificar os défices dos indivíduos no que se refere às habilidades sociais (Murta, 2005).

### **3. Avaliação das habilidades sociais**

A avaliação das habilidades sociais pode focar-se em aspetos observáveis ou não observáveis do comportamento do indivíduo. Os aspetos observáveis dizem respeito às classes comportamentais amplas, tais como responder, cumprimentar, elogiar e expressar opiniões; os aspetos não observáveis, estes referem-se aos pensamentos, representações, como proceder, acompanhar ou seguir o desempenho social (Del Prette et al., 2004).

Segundo Caballo (2002, citado por Freitas, 2011), as medidas de autorrelato das habilidades sociais, obtidas através de inventários, questionários e escalas, revelam-se como a estratégia de avaliação mais utilizada. Del Prette e Del Prette

(1999, citado por Del Prette e Del Prette, 2002) corroboram esta opção ao afirmarem que, numa avaliação padronizada, existe uma menor possibilidade de enviesamentos dos resultados e, por outro lado, permite o estabelecimento dos constructos a avaliar e a submeter a uma intervenção.

Ao realizar uma avaliação, não deverá ser ignorado o fato de existirem particularidades, inerentes ao indivíduo, que poderão influenciar a avaliação do seu reportório das habilidades sociais, afigurando-se como um obstáculo para uma comparação entre amostras, tais como os valores, as normas e as expectativas sobre o desempenho social, e as características sociodemográficas, como o sexo e a idade, entre outras (Del Prette et al., 2004).

Numa revisão sistemática, compreendida entre os anos 2008 e 2015, cujo objetivo foi identificar os instrumentos utilizados na avaliação das habilidades sociais, concluiu-se que o IHS – Inventário de Habilidades Sociais de Del Prette e Del Prette – nas suas diferentes versões, foi o instrumento com utilização mais frequente na avaliação do reportório das habilidades sociais em estudos com adultos e adolescentes, nomeadamente estudantes universitários (Santos, Peixoto & Meneses, 2017).

O IHS – Inventário de Habilidade Sociais de Del Prette e Del Prette é um instrumento de fácil aplicação, com o objetivo de caracterizar o desempenho social em diferentes situações quotidianas (Lima, 2006), através da estimativa que o individuo faz sobre a frequência com que reage da forma indicada em cada item (Del Prette & Del Prette, 2001). É um instrumento de autorrelato para a avaliação das dimensões situacional e comportamental molar das habilidades sociais, contendo 38 itens, cada um deles descrevendo uma relação interpessoal e uma possível reação àquela situação, e que se agrupam em cinco fatores: F1- Enfrentamento e Autoafirmação com risco; F2- Autoafirmação na expressão de afeto positivo; F3- Conversação e desenvoltura social; F4- Autoexposição a desconhecidos e situações novas; e F5- Autocontrole da agressividade a situações aversivas. A resposta a cada item pode ser classificada de 0 (nunca ou raramente) até 4 (sempre ou quase sempre), numa escala tipo *Likert* de 5 pontos, com score

total variando de 0 a 152 (Angélico, Crippa, & Loureiro, 2012).

No entanto, apesar do IHS se mostrar como o instrumento mais utilizado em jovens adultos, considerou-se relevante, com base na literatura que aborda a avaliação das habilidades sociais, caracterizar outros instrumentos. Assim, atendendo a que as habilidades sociais estão presentes em diferentes contextos na vida do indivíduo e que este, perante estas situações, terá necessidade de apresentar respostas socialmente habilidosas, serão também descritos instrumentos específicos para amostras clínicas, bem como instrumentos de avaliação em contexto universitário (Pureza, Souza Rusch, Wagner, & Oliveira, 2012).

A Escala de Avaliação da Competência Social (EACS) de Tremblay e Bandeira (1989), validada para a população brasileira por Bandeira em 2002, tem como objetivo avaliar a competência social em termos globais, sendo composto por cinco subescalas: verbal, não-verbal, paralinguística, expressividade emocional e solução de problemas (Bandeira, 2002). O instrumento é composto por quatro situações quotidianas que envolvem conflitos interpessoais, apresentando variação na demanda da situação e no sexo do interlocutor. O grau de competência social é avaliado através de uma escala tipo *Likert* de seis pontos, tanto para a escala global como para as subescalas.

O Inventário de Resolução de Problemas Sociais de Dugas, Ladouseur e Freesrton (1996), traduzido e adaptado por Matos, Simões, Carvalhosa e Reis em 1999, tem como objetivo avaliar a forma como o indivíduo lida com os problemas que poderá enfrentar no seu dia-a-dia (Padovani, Schelini, & Williams, 2009). É constituído por 14 afirmações descritivas, que refletem a forma de pensar e agir perante diferentes situações. A avaliação é realizada através de um intervalo que varia entre 1 “nunca” e 5 “sempre”.

A *Checklist* de Relações Interpessoais - II (CLOIT-II) de Couto, Vandenberg e Van Hattum (2005), baseada na *Checklist of Interpersonal Transaction – Revised*, de Kiesler et al. (1991), tem como finalidade caracterizar o comportamento de pessoas-alvo. A avaliação é realizada mediante 96 itens que

descrevem ações que podem ocorrer entre os indivíduos (Couto, Hattum, Vandenberghe, & Benfica, 2005).

A Escala Multidimensional de Expressão Social (EMES - Parte Cognitiva) de Caballo (1987), traduzida e adaptada por Dinis e Mateus em 2007, é uma escala composta por 44 itens agrupados em 12 fatores, estão relacionados com receios que o indivíduo pode sentir (Pureza et al., 2012). Entre os receios incluídos nestes 12 fatores, encontram-se: o receio em expressar-se em público e de enfrentar superiores, receio de desaprovação dos demais ao expressar sentimentos negativos e recusar pedidos e o receio de expressar sentimentos positivos. A matriz de resposta do EMES possui cinco opções, que variam entre 0 “nunca ou muito raramente” e 4 “sempre ou muito frequentemente”, associado ao número de vezes que o indivíduo apresenta os comportamentos referidos.

A Escala Multidimensional de Expressão Social (EMES- Parte Motora) – de Caballo (1987), traduzida e adaptada por Dinis e Mateus em 2007, é constituída por 64 itens que se dividem em 12 áreas, que avaliam, entre outras, a iniciação de interações, falar em público/enfrentar superiores, aceitação de elogios e defesa dos direitos (Pureza et al., 2012). A matriz de resposta do EMES possui cinco opções, que variam entre 0 “nunca ou muito raramente” e 4 “sempre ou muito frequentemente”, associado ao número de vezes que o indivíduo apresenta estes comportamentos.

O Questionário de Avaliação de Comportamentos e Contextos para Universitários (QHC – Universitários) de Bolsoni-Silva (2011) é um questionário que avalia as habilidades sociais, composto por questões que se referem à forma como o indivíduo se comporta em relação a diversos interlocutores e diferentes contextos (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2016). Está organizado em duas partes, sendo a primeira parte composta por 30 itens e constituída por três fatores: Comunicação e Afeto, Enfrentamento e Falar em Público. A segunda parte organiza os 448 itens em dois fatores: Potencialidades e Dificuldades.

Apesar de, na sua maioria, os instrumentos avaliarem as habilidades sociais/competência social de um modo global, alguns objetivam avaliar componentes das habilidades sociais específicas, como é o exemplo da Escala de Assertividade de Rathus e da Escala de Comportamento Interpessoal, que focam a assertividade, e o Sistema de Avaliação do Comportamento Empático – Formas Verbal (SACE – V) e Forma Não-verbal (SACE- NV), que avalia o comportamento empático, caracterizadas a seguir.

A Escala de Assertividade de Rathus (1973), validada para o Brasil por Pasquali e Gouveia em 1990, é constituída por 30 questões que visam avaliar o grau de assertividade dos indivíduos (Pasquali & Gouveia, 1990). Os itens descrevem comportamentos ou sentimentos que ocorrem em situações sociais quotidianas. As respostas variam entre -3 e +3, identificando-se assim a intensidade das reações dos indivíduos diante das situações.

A Escala de Comportamento Interpessoal de Vagos e Pereira (2010) que resultou da adaptação da *Scale for Interpersonal Behavior* de Arrindell e van der Ende (1985), é um instrumento multidimensional que avalia a frequência com que o indivíduo utiliza a assertividade (Vagos & Pereira, 2010). É constituída por 50 itens, divididos em duas escalas de resposta: desconforto e frequência de comportamento. A primeira escala relata o quanto o indivíduo se sente desconfortável ou ansioso perante a necessidade de desempenhar comportamentos assertivos, sendo a sua avaliação realizada em cinco pontos, variando entre “nada” e “extremamente”. Quanto à segunda escala, avalia a frequência com que o indivíduo pratica os comportamentos assertivos; de igual forma a sua avaliação é realizada em cinco pontos, que variam de “nunca” a “sempre”.

O Sistema de Avaliação do Comportamento Empático – Formas Verbal (SACE – V) e Forma Não-verbal (SACE- NV) de Falcone (1998) (Falcone, 1999). O SACE – V é um sistema que permite avaliar as respostas de empatia dos indivíduos de acordo com cinco níveis, distribuídos de forma hierárquica. Já no que se refere ao SACE – NV, este avalia os componentes moleculares da comunicação não-verbal, por meio de uma escala de cinco pontos, que incluem: olhar, posição do

corpo, braços e pernas, posição da cabeça, proximidade, orientação, gestos e movimentos, volume da voz e velocidade e tempo de fala (Falcone, 1999).

Em síntese, pode-se verificar a existência de um leque variado de instrumentos que visam avaliar as habilidades sociais, quer na sua forma global ou apenas uma das suas componentes, em diferentes amostras e contextos, possibilitando uma melhor identificação dos défices.

#### **4. Treino de habilidades sociais**

As dificuldades nas habilidades sociais são compreendidas como deficiências na aprendizagem dos padrões comportamentais e cognitivos que constituem as respostas adequadas às situações (Trower, 1995, citado por Del Prette & Del Prette, 2010).

Um dos modos de colmatar estas dificuldades, proporcionado ao indivíduo a possibilidade de promoção/manutenção de habilidades sociais, é através do treino (Murta, 2005; Pureza et al., 2012).

O treino das habilidades sociais surgiu em 1970, em Inglaterra, tendo como contribuição principal os estudos e publicações de Argyle e o treino assertivo, impulsionado por Wolpe (Del Prette & Del Prette, 2000, citado por Murta, 2005), sendo este o método mais tradicional de intervenção, existindo um aumento de publicações de programas na década de 80 do século XX (Del Prette & Del Prette, 2003).

Del Prette e Del Prette (1999, citado por Leal, Quadros, & Reis, 2011) afirmam que o treino das habilidades sociais envolve diversos modelos conceptuais, em particular, o modelo experimental do comportamento ou terapia comportamental, tal como as técnicas de reforço, modelagem, *feedback*, relaxamento, dessensibilização sistemática e abordagem cognitiva.

Analogamente, Murta (2005) refere que os programas de desenvolvimento das habilidades sociais resultam de uma combinação de teorias, no entanto, as técnicas aplicadas com mais frequência são as cognitivo-comportamentais. As estratégias mais usuais são: fornecimento de instruções, modelagem, *feedback*, ensaio comportamental, reestruturação cognitiva, resolução de problemas, relaxamento e vivências (Caballo, 1996). Magalhães e Murta (2003) acrescentaram ao seu programa a exposição dialogada. O uso destas técnicas teve como objetivo final alterações ao nível comportamental e cognitivo.

Falcone (1999), numa intervenção com uma amostra de estudantes universitários, com o objetivo de avaliar a eficácia de um programa de treino de empatia, recorreu às seguintes técnicas: fornecimento de instruções, auto-observação para a identificação dos défices apresentados, modelação encoberta, ensaio comportamental e prática das habilidades sociais aprendidas em ambiente natural. Os resultados obtidos mostraram uma melhoria na comunicação verbal e não-verbal.

Del Prette, Del Prette e Barreto (1998), numa amostra constituída por estudantes de psicologia, realizaram no seu programa sessões que permitissem ao participante obter mais informações acerca das habilidades sociais, da sua avaliação à intervenção, adotando, como forma de reduzir a ansiedade, as vivências grupais, as técnicas da reestruturação cognitiva e a solução de problemas. Os resultados obtidos evidenciaram um significativo aumento das habilidades sociais dos participantes.

Magalhães e Murta (2003), numa intervenção com estudantes de psicologia, trabalharam a assertividade, as crenças irracionais, a escuta empática e o controlo da raiva. As técnicas utilizadas englobaram as vivenciais, o ensaio comportamental, a modelagem, a reestruturação cognitiva, o relaxamento e a exposição dialogada. Os resultados evidenciaram que, após a intervenção, seis participantes apresentaram um aumento no *score* total de habilidades sociais e a média grupal aumentou nos cinco fatores.

Mais recentemente, alguns estudos têm revelado que o treino das habilidades sociais em diversas áreas, tais como comunicação, assertividade, empatia e expressão de sentimentos, poderão trazer ao indivíduo uma vantagem para modificar o seu comportamento em diversas situações (Bolsoni-Silva, Salina-Brandão, Versuti-Stoque, & Rosin-Pinola, 2008).

Segundo Cordioli (2008, citado por Leal et al., 2011), o programa de treino das habilidades sociais deverá ser elaborado individualmente, permitindo ajustamentos durante o seu desenvolvimento. Possibilitará ao terapeuta uma maior disponibilidade para observar a evolução do indivíduo no processo e, se necessário, intensificar o treino de determinadas técnicas, de forma a obter melhores resultados. Segundo Caballo (2007), o fato de se tratar de um processo individual permite ao indivíduo não sentir a ansiedade advinda da sua exposição, que seria expectável, perante um grupo de pessoas.

Todavia, outros autores (cf. Bolsoni-Silva, 2002) defendem que o treino em grupo apresenta vantagens, pois este fornece ao indivíduo um ambiente protegido, permitindo uma aprendizagem num meio real, e que o grupo favorece o ambiente social, uma vez que todos os participantes têm formas de vida e experiências distintas, obtendo-se assim uma maior variedade de modelos, um maior número de situações-problemas, proporcionando o *feedback* do grupo e possibilitando a maximização dos recursos humanos e materiais.

## **Conclusão**

A entrada no ensino superior assume-se como um marco importante na vida do indivíduo, uma vez que esta poderá ocasionar alterações no seu dia-a-dia. A saída de casa dos pais e a mudança da rede de amigos são algumas das mudanças que poderão surgir na vida dos estudantes.

Aliado a este período de reestruturação, e tendo-se em consideração que esta passagem se faz, maioritariamente, no final da adolescência e no início da vida adulta, onde por vezes o indivíduo ainda se encontra numa fase de resolução de dilemas, pode-se concluir que a adaptação à nova etapa da vida poderá não se afigurar como uma tarefa fácil. Este fato ganha ainda mais relevância quando se confirma que este é um período de aprendizagens, significativas, que complementam a caracterização da identidade do indivíduo.

Se, por um lado, se identifica a existência de fatores favoráveis, potenciais auxiliares para uma boa integração no ensino superior, por outro, deverão ser considerados outros aspetos menos favoráveis que, eventualmente, influenciarão o indivíduo durante a sua integração, comprometendo-a negativamente.

O funcionamento social assume-se como um fator de suma importância nesta etapa de adaptação do indivíduo, uma vez que nele estão integrados os processos cognitivos, o comportamento social e as habilidades sociais, que o indivíduo exterioriza na sua interação com o meio.

No entanto, o funcionamento social não funciona de forma autónoma, ou seja, pode ser influenciado por diversas variáveis, tais como, a personalidade, o temperamento e até a perceção física, interferindo na predisposição do indivíduo para a interação com os pares.

Assim, as habilidades sociais surgem como uma das capacidades mais relevantes na adaptação dos estudantes ao ensino superior, uma vez que se traduzem em comportamentos mais adequados às diversas situações que vivenciam durante esta fase.

Diversos estudos têm vindo a demonstrar que os indivíduos que apresentam défices ao nível das habilidades sociais, tendem a demonstrar uma maior dificuldade na adaptação ao ensino superior e no desempenho académico.

A avaliação das habilidades sociais poderá ser encarada como o início de um

processo contínuo, que terá como finalidade identificar as áreas em que o indivíduo apresenta maiores dificuldades. Essa avaliação terá, como um objetivo posterior, a intervenção, com a implementação de programas de treino de habilidades sociais.

É de enfatizar que os programas de treino das habilidades sociais não pretendem apenas colmatar défices nesta área, atuando também com o intuito de manutenção das mesmas. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Para facilitar a leitura da presente Dissertação de Mestrado, as referências bibliográficas do presente capítulo/artigo foram remetidas para o final da Dissertação, encontram-se a partir da página 115.

## CAPÍTULO II

---

## **Avaliação de Habilidades Sociais em Adolescentes e Adultos: Revisão Sistemática da Literatura <sup>2</sup>**

Carla Bernardett Santos (1), Ana Carina Peixoto (1), Rute F. Meneses (2)

(1) FCHS – UFP; (2) FCHS / CTEC / FP – B25 / HE - UFP

### **Resumo:**

**Introdução:** A avaliação, nomeadamente a das habilidades sociais, permite o planeamento de uma intervenção mais ajustada às necessidades apresentadas pelo indivíduo. **Objetivo:** Apresentar uma revisão sistemática de estudos que relatem a avaliação de habilidades sociais. **Método:** A pesquisa foi efetuada no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal – RCAAP, entre os anos de 2008 a Junho/2016. **Resultados:** Numa primeira fase foram obtidos 79 artigos, dos quais, após várias etapas, foram selecionados 21 para leitura na íntegra e análise. Os resultados obtidos na presente revisão sistemática indicam que o IHS é o instrumento mais utilizado na avaliação das habilidades sociais, que tem vindo a ser realizada em diferentes contextos, no âmbito de estudos com objetivos e variáveis bastante diversos e amostras diversificadas. **Conclusões:** A avaliação e treino de habilidades sociais, sendo uma área rica e que suscita o interesse de investigadores e clínicos, deveriam contar, em Portugal, com uma versão do IHS para permitir uma melhor comparação dos resultados obtidos nos diferentes estudos.

**Palavras-chave:** Habilidades Sociais; Avaliação, IHS.

### **Abstract:**

**Introduction:** Social skills assessment allows planning a more tailored intervention which meets the needs presented by individual. **Objective:** present a systematic

---

<sup>2</sup> Santos, C., Peixoto, A. C. & Meneses, R. F. (2017). Avaliação das Habilidades Sociais em Adolescentes e Adultos: Uma Revisão Sistemática da Literatura. E- Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP, 5, 1-30. Disponível em: <https://www.iscap.ipp.pt/cei/E-REI%20Site/Pages/5.htm>.

studies review reporting a social abilities evaluation. **Method:** this research was made in RCAAP, between 2008 and June/2016. **Results:** On an early stage, 21 articles were selected from a starting point of 79, for a later reading, understanding and analysis. The results say that HIS it's the most common instrument used for social skills evaluation, among various contexts, regarding various types of studies with such different variables. **Conclusions:** It should be possible to find in Portugal a version of IHS to allow a better comparison of the obtained results in each type of study, as far as researchers and clinics define this area of social abilities evaluation and training as being full of interest and clinical richness.

**Keywords:** Social abilities, Evaluation, IHS.

## **Introdução**

Atualmente, o número crescente de estudos sobre habilidades sociais deve-se, em parte, ao fato de este ter sido reconhecido como um campo teórico de suma importância no enquadramento dos indivíduos nos seus múltiplos contextos da vida (Del Prette & Del Prette, 1996; MacKray, 1988), tendo em consideração que a complexidade social exige, de cada um, habilidades sociais cada vez mais elaboradas (Del Prette & Del Prette, 2000).

As habilidades sociais são aprendidas ao longo do desenvolvimento do indivíduo, revelando-se fundamentais para que este estabeleça relações adequadas com o ambiente que o rodeia (Rojas, 1995).

Assim, as habilidades sociais referem-se ao repertório de comportamentos que um indivíduo manifesta ao lidar com situações interpessoais de forma apropriada (Villa, Del Prette, & Del Prette, 2007). Estes comportamentos, individuais e contextualizados, referem-se à comunicação de sentimentos, atitudes, expectativas e opiniões, que os indivíduos expõem nas suas inter-relações sociais e se moldam às suas vivências (Pacheco, Teixeira, & Gomes, 1999).

Deste modo, os domínios das habilidades sociais surgem como uma resposta aos problemas emergentes e/ou a longo prazo, sendo o seu desenvolvimento um facilitador das interações sociais (Lange & Jakubowski, 1976), que envolvem o aspeto descritivo dos comportamentos verbais e não-verbais (McFall, 1982).

Considerar que as habilidades sociais têm um papel importante no desenvolvimento humano, tem impulsionado o seu treino/aprendizagem em múltiplos contextos (Cecconello & Koller, 2000).

Recentemente, alguns estudos têm demonstrado que o treino de habilidades sociais, nomeadamente ao nível da comunicação, assertividade, empatia e expressão de sentimentos, poderá fornecer ao indivíduo uma vantagem para alterar o seu comportamento, em função de determinadas circunstâncias (Bolsoni-Silva, Salina-Brandão, Versuti-Stoque, & Rosin-Pinola, 2008).

Assim sendo, considera-se que os programas de promoção das habilidades sociais são uma ferramenta significativa a vários níveis, sendo vantajosa para minimizar situações de risco e incrementar fatores de proteção para o desenvolvimento humano (Jeffery, 1989).

Contudo, para que a estratégia de intervenção a delinear seja a mais adequada ao indivíduo, é crucial uma avaliação das suas habilidades sociais pré-intervenção, contribuindo como um auxiliar significativo na averiguação da existência de défices, visando o posterior planeamento/modificação de intervenções.

Freitas (2013) realizou uma revisão sistemática de estudos experimentais sobre o treinamento de habilidades sociais, cujo objetivo foi identificar as tendências metodológicas e as eventuais omissões na avaliação das mesmas. Nesse sentido, Freitas efetivou uma investigação documental no espaço temporal compreendido entre 2004 e 2012, e reutilizou os 10 estudos citados na revisão anteriormente realizada por Bolsoni-Silva et al em 2006. Após a pesquisa nas bases de dados digitais - SciELO, INDEXPSI, PSICOINFO, LILACS, foram obtidos 65

estudos. Deste trabalho, foram selecionados para a revisão de Freitas 10 estudos experimentais, sendo estes, na sua maioria, de indivíduos com características clínicas.

As pesquisas encontradas apresentavam contribuições para caracterizações do repertório das habilidades sociais e competência social em pacientes psiquiátricos, e a verificação da efetividade de programas de intervenção em estudantes universitários (Freitas, 2013). O autor concluiu que o instrumento de avaliação mais recorrente foi a EACS – Escala de Avaliação das Competências Sociais, de Tremblay e Bandeira.

Um estudo de Bender e Calvetti (2015), através de uma revisão sistemática da literatura, pretendeu identificar produções científicas que abordassem os instrumentos de avaliação psicológica das habilidades sociais, entre os anos de 2000 a 2013. Dos 80 artigos obtidos inicialmente pela pesquisa, 23 foram excluídos por apresentarem data anterior a 2000 ou por não abordarem a temática, selecionando-se 31 artigos relacionados às diversas etapas do desenvolvimento da criança, adolescente e adulto.

Segundo a análise referenciada, os resultados evidenciaram que o desenvolvimento da avaliação das habilidades sociais ocorreu nos 5 anos anteriores a 2013, constatando-se que a escala com maior incidência foi o IHS - Inventário de Habilidades Sociais desenvolvido por Del Prette e Del Prette, adaptado a dimensões diferenciadas (Bender & Calvetti, 2015).

Uma revisão sistemática da literatura foi realizada por Cordier e colegas em 2015, tendo como objetivo analisar as propriedades psicométricas das habilidades sociais e dos comportamentos, em crianças e adultos. A pesquisa foi realizada em bases de dados digitais - CINAHL, PsycINFO, EMBASE, PUBMED; no Health and Psychosocial Instruments database - HAPI, e Grey Literature usando o PsycExtra e o Google Scholar, sendo identificados um total de 2.164 documentos, tendo sido incluídos para análise 36 artigos e 9 manuais, com um total 13 escalas de avaliação (Cordier, et al., 2015).

Os instrumentos de avaliação de habilidades sociais acedidos nos estudos, foram, na sua maioria, desenvolvidos para o meio escolar e/ou adolescência, não tendo sido identificados instrumentos de avaliação para a população adulta (Cordier, et al., 2015).

Uma das formas de ampliar o conhecimento produzido acerca de um determinado tema é analisar a produção científica e, desse modo, compilar os resultados mais pertinentes acerca da temática. Assim sendo, esta revisão terá como principal objetivo realizar uma análise e sistematização de estudos concretizados nos últimos anos, dando especial atenção aos métodos de avaliação de habilidades sociais, em adolescentes e adultos, assim como às outras variáveis em análise.<sup>3</sup>

## **Método**

A presente revisão sistemática tem como base as recomendações propostas no guia Preferred Reporting for Systematic Reviews and Meta-Analyses: PRISMA. (Liberati, et al., 2009).

### **Estratégia de Pesquisa**

Como estratégia de pesquisa de artigos, optou-se por efetuar uma “pesquisa avançada” no RCAAP – Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal.

O RCAAP constitui-se como um ponto único de pesquisa, descoberta, localização e acesso a milhares de documentos de carácter científico e académico, nomeadamente artigos de revistas científicas, comunicações em conferências, teses e dissertações, distribuídos por inúmeros repositórios portugueses e brasileiros, tais

---

<sup>3</sup> Parte do presente estudo foi apresentado no evento “Uma vida, uma oportunidade de reabilitação, uma relação de ajuda” na Universidade Fernando Pessoa em Ponte de Lima em novembro/2015, tendo posteriormente sido alargado.

como, Instituições de Ensino Superior, OASISbr – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, SciELO. Deste modo, pretendeu-se aumentar a probabilidade de identificar métodos de avaliação de habilidades sociais que já tivessem sido utilizados em Língua Portuguesa.

Com a pesquisa avançada, pode-se definir à partida um conjunto de critérios para a pesquisa, aumentando a sua precisão e limitando adequadamente o número de documentos a encontrar.

### **Seleção de Estudos**

A primeira etapa foi a identificação de estudos.

A pesquisa avançada divide-se em partes distintas. O “Campo de Pesquisa” permitiu selecionar como base na opção “Título” o termo “habilidades sociais”, sendo efetuada uma pesquisa de documentos que contivessem no título essas palavras. As “Opções de Apresentação” possibilitaram definir que os resultados da pesquisa fossem ordenados por data. Os “Filtros Avançados” permitiram efetuar restrições com base nos seguintes aspetos: “Data” - delimitou os resultados ao espaço temporal pretendido, de 2008 a Junho de 2016; “Tipo de Documento” - restringiu a pesquisa a um tipo de documento: “Artigo”; e “Idioma” - filtrou os resultados pelo idioma dos documentos, limitando a “Português”, “Inglês” e “Espanhol”.

Procedeu-se então a uma primeira seleção sobre os artigos identificados, tendo sido excluídos os que estavam em duplicado.

Foi então realizada uma leitura parcial dos artigos aprovados na seleção, na qual foi analisado o resumo e alguns elementos do texto, incluindo o método (nomeadamente, os participantes).

Foram excluídos artigos não empíricos, os que não se enquadravam no

objetivo da revisão, os que não apresentavam um método fidedigno e os que tinham como alvo de avaliação somente crianças.

Na etapa final, após selecionar os artigos a incluir na revisão, estes foram lidos na íntegra, procedendo-se à extração e análise dos dados.

A Figura 1 demonstra o processo de seleção e análise de artigos.

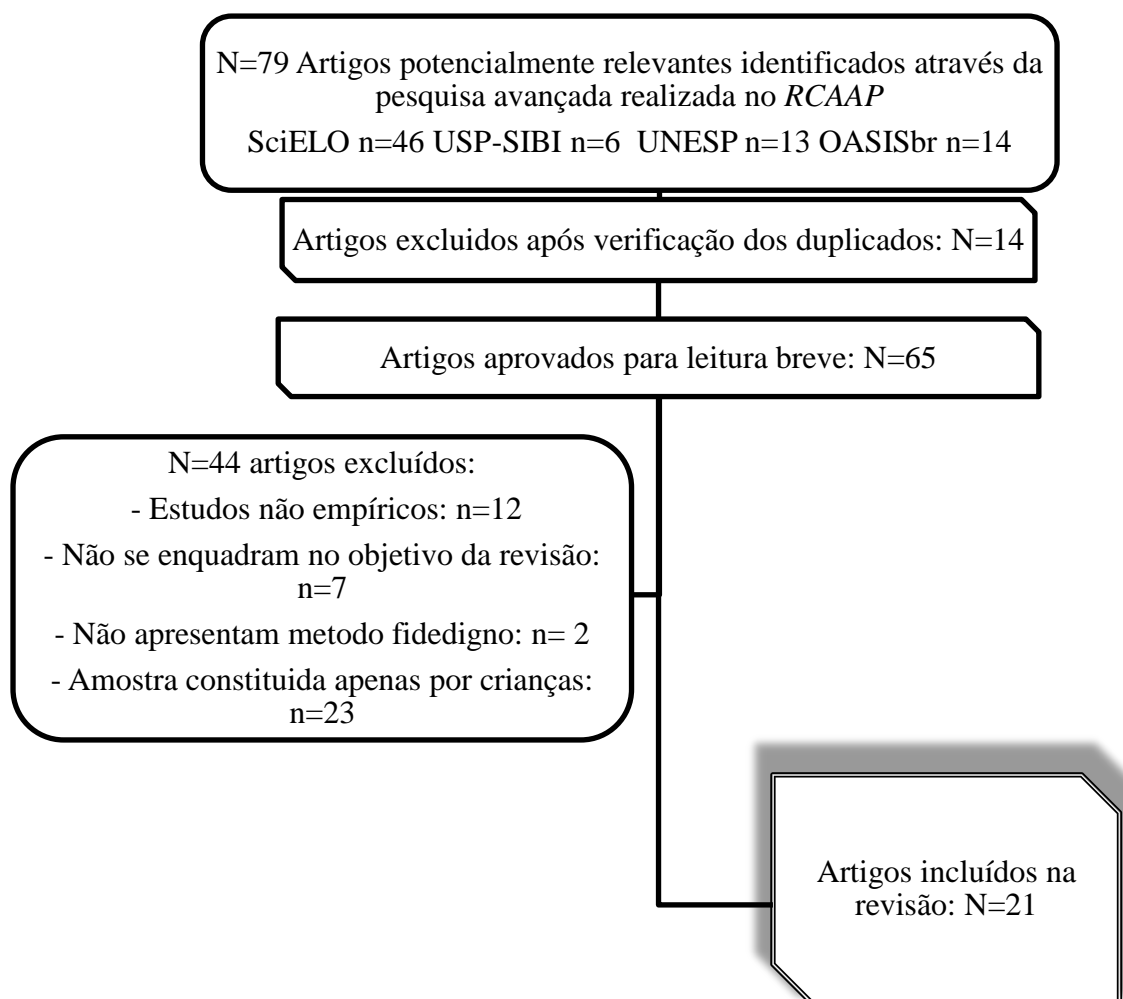


Fig. 1. Processo de seleção e análise dos artigos

## Resultados

Os textos foram lidos e analisados, organizando a informação relativa a ano de publicação, autoria, instituição que aprovou/apoiou o projeto, país, objetivo(s)

de estudo, características de amostra (dimensão, sexo, idade, escolaridade, dados significativos para cada estudo), variáveis estudadas e respectivas técnicas de avaliação.

A exposição dos resultados está dividida em três tabelas de dados: 1) a apresentação dos estudos; 2) as características sociodemográficas da amostra; e 3) variáveis estudadas e respectivas técnicas de avaliação.

### **Apresentação dos Artigos selecionados**

**Tabela 1.** Apresentação dos Estudos

<b>Nº</b>	<b>Ano</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Instituição</b>	<b>Objetivo(s)</b>
<b>1</b>	<b>2008</b>	Bartholomeu, D. Nunes, C. S. Machado, A.	Universidade São Francisco <i>Brasil</i>	Aprofundar o estudo das associações entre socialização e habilidades sociais
<b>2</b>	<b>2009</b>	Carrara, K. Betetto, M. F.	Faculdade de Ciências da UNESP Bauru <i>Brasil</i>	Investigar se o programa de habilidades sociais importantes para a formação ética de um grupo de estudantes de ensino médio, curso pré-vestibular e cursos de graduação em psicologia, evidencia mudanças relacionadas com a diferença de idade e características específicas dos contextos interativos oferecidos pelas instituições de ensino participantes desse processo
<b>3</b>	<b>2009</b>	Pereira, C. S. Del Prette, A. Del Prette, Z. A.	Universidade Federal de São Carlos <i>Brasil</i>	Analisar as habilidades sociais de trabalhadores com deficiência física (TDF) em comparação com trabalhadores sem deficiência Física (TND);  Identificar as diferenças entre mulheres com e sem deficiência física e homens com e sem deficiência física
<b>4</b>	<b>2009</b>	Sardinha, A. Falcone, E. M. O. Ferreira, M. C.	Universidade do Estado do Rio de Janeiro <i>Brasil</i>	Investigar as relações entre as habilidades sociais percebidas pelo cônjuge e satisfação conjugal
<b>5</b>	<b>2009</b>	Wagner, M. F.	Faculdade de Psicologia da	Avaliar as habilidades sociais de adolescentes usuários de maconha e

<b>Nº</b>	<b>Ano</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Instituição</b>	<b>Objetivo(s)</b>
		Oliveira, M. S.	Universidade Católica do Rio Grande do Sul <i>Brasil</i>	comparar o seu desempenho com o de adolescentes não-usuários de maconha, a fim de verificar se existe diferença quanto a déficit nas habilidades sociais entre adolescentes usuários e adolescentes não usuários da droga
<b>6</b>	<b>2010</b>	Leme, V. Bolsoni-Silva, A	Universidade de São Paulo e Universidade Estadual Paulista- Bauru <i>Brasil</i>	a) Comparar as frequências das habilidades sociais e dos problemas de comportamento das crianças com e sem indicativos de problemas de comportamento; b) Descrever as situações em que as habilidades sociais e os problemas de comportamento de crianças ocorrem; c) Descrever os comportamentos das mães frente às habilidades sociais e aos problemas de comportamento das crianças; d) Descrever os comportamentos das crianças frente aos comportamentos maternos.
<b>7</b>	<b>2011</b>	Bartholomeu, D. Carvalho, L. F. Silva, M. C. R. Miguel, F. K. Machado, A. A.	Faculdade Anhanguera Educacional <i>Brasil</i>	Investigar as associações entre as habilidades sociais e aceitação-rejeição em estudantes universitários
<b>8</b>	<b>2011</b>	Angélico, A. Del Prette, A.	Universidade Federal de São João del-Rei e Universidade Federal de São Carlos <i>Brasil</i>	Investigar, a partir da metodologia observacional direta o repertório de habilidades sociais de um grupo de adolescentes com síndrome de Down
<b>9</b>	<b>2011</b>	Bartholomeu, D. Montiel, J. M. Pessotto, F.	Faculdade Politécnica de Jundiaí <i>Brasil</i>	Verificar as correlações entre as habilidades sociais e aceitação entre os pares, tanto para a situação de estudar como de sair
<b>10</b>	<b>2012</b>	Angélico, A. P. Crippa, J. A. S.	Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto	Verificar se as manifestações comportamentais do TAS, identificadas com a aplicação do IHS de Del-Prette,

<b>Nº</b>	<b>Ano</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Instituição</b>	<b>Objetivo(s)</b>
		Loureiro, S. R.	da USP <i>Brasil</i>	estão associadas às manifestações clínicas, detetadas com a aplicação do Inventário de Fobia Social (SPIN);  Avaliar a validade concorrente entre o IHS e o SPIN; aferir a validade discriminativa e preditiva do IHS no diagnóstico do TAS;  Verificar o poder discriminativo dos itens que compõem o IHS para rastreamento do TAS
<b>11</b>	<b>2012</b>	Tavares, W. M. Couto, G. Silva, R. L. F. C.	Universidade Federal de Goiás <i>Brasil</i>	Investigar o perfil de estudantes de Psicologia no que diz respeito às características das suas relações interpessoais e habilidades sociais  Comparar os resultados obtidos com os de um grupo normativo de estudantes universitários
<b>12</b>	<b>2012</b>	Couto, G. Vandenber, L. Tavares, W. M. Silva, R. L. F. C.	Universidade Federal de Goiás <i>Brasil</i>	Verificar como as interações interpessoais se relacionam com habilidades sociais e, ao mesmo tempo, investigar evidências de validade para a <i>Checklist</i> de Relações Interpessoais-II
<b>13</b>	<b>2013</b>	Kloster, M. C. Perotta, B. Junior, A. H. Paro, H. B. Tempski, P.	Faculdade de Medicina Evangélica do Paraná, <i>Brasil</i>	Analisar as habilidades sociais dos estudantes de Medicina e a sua associação com a presença de sonolência diurna nas fases do curso que antecedem o internato médico
<b>14</b>	<b>2013</b>	Rondina, R. C. Martins, R. Manzato, A. J. Terra, A. P.	Universidade Estadual Paulista – UNESP <i>Brasil</i>	Analisar as características do repertório das habilidades sociais de acadêmicos fumantes, segundo o grau de dependência nicotínica
<b>15</b>	<b>2013</b>	Grazziotin, J. B. D. Scortegagna, S. A.	Universidade de Passo Fundo <i>Brasil</i>	Analisar evidências de validade do Zulliger (ZSC), focalizando as variáveis relacionamento e produtividade em correlação com os fatores ao IHS- Inventário de Habilidades Sociais
<b>16</b>	<b>2013</b>	Gomes, G.	Universidade Salgado de	Identificar através de pesquisa qualitativa a relação entre expectativas acadêmicas,

<b>Nº</b>	<b>Ano</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Instituição</b>	<b>Objetivo(s)</b>
		Soares, A. B.	Oliveira (UNIVERSO), <i>Brasil</i>	habilidades sociais e qual o impacto no desempenho acadêmico
<b>17</b>	<b>2013</b>	Bolsoni-Silva, A. T. Mariano, M. L. Loureiro, S. R. Bonaccorsi, C.	Universidade Estadual Paulista Universidade de São Paulo <i>Brasil</i>	Comparar as práticas educativas de professores do ensino regular e do especial, com os comportamentos infantis em grupos diferenciados por problemas de comportamento e pelo sexo das crianças
<b>18</b>	<b>2014</b>	Pinto, F. N. F. R. Barham, E. J.	Universidade Federal de São Carlos <i>Brasil</i>	Investigar habilidades sociais e estratégias de enfrentamento de stresse em cuidadoras de idosos e verificar se as habilidades sociais se correlacionam com medidas de percepção de bem-estar psicológico
<b>19</b>	<b>2014</b>	Lima, D. C. Bandeira, M. S. Oliveira, M. S. Tostes, J. G. A.	Universidade Federal de São João del-Rei e Centro Universitário de Lavras <i>Brasil</i>	Avaliar as habilidades sociais dos familiares cuidadores, necessárias para o desenvolvimento de um bom relacionamento com o paciente
<b>20</b>	<b>2015</b>	Teles, L. C. S. Fernandes, N. F. Abramides, D. V. M.	Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo <i>Brasil</i>	Caracterizar o reportório de habilidades sociais de estudantes de Jornalismo
<b>21</b>	<b>2015</b>	Teles, L. C. S. Fernandes, N. F. Romero, C. D. Abramides, D. V. M.	Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo <i>Brasil</i>	Comparar o reportório de habilidades sociais de estudantes de Jornalismo e de Fonoaudiologia

A Tabela 1 mostra que os 21 estudos incluídos na revisão foram publicados entre os anos de 2008 a 2015, inclusive desenvolvidos, na sua totalidade, no Brasil.

Os artigos selecionados possuem, na sua totalidade, coautoria, salientando-se que alguns dos autores participaram em várias pesquisas, como complemento das já elaboradas ou em novos projetos. Constata-se também que, os anos de 2009 (N=4) e de 2013 (N=5) apresentam o maior número de estudos realizados.

Quanto à distribuição dos estudos pelas instituições de pesquisa, pode-se depreender um interesse por parte de estabelecimentos de ensino superior, públicos e privados, em desenvolver investigações no âmbito das habilidades sociais.

Pelos objetivos dos estudos expostos, pode-se aferir que estes projetaram, maioritariamente, caracterizar/descrever as habilidades sociais na sua globalidade, não optando apenas por uma das suas componentes específicas.

Ainda no que concerne aos objetivos dos estudos, pode-se considerar que doze (12) têm como finalidade identificar se existe uma relação entre as habilidades sociais e outras variáveis, cinco (5) pretendem descrever e/ou caracterizar as habilidades sociais de uma determinada amostra, três (3) propõem-se comparar as habilidades sociais entre dois grupos (clínico e não clínico), e um (1) projeta analisar as evidências de validade de um instrumento de avaliação de uma outra variável em relação ao IHS.

### **Caracterização sociodemográfica da amostra**

**Tabela 2.** Caracterização Sociodemográfica da Amostra

<b>Nº</b>	<b>Dados Sociodemográficos</b>
<b>1</b>	N=126 Estudantes Universitários de Educação Física Sexo: F=46,5%; M=53,5% Idade: M=21; DP =3,37; min=18; máx=35; (68,3% < 21anos) Solteiros - 93%; Só estudam - 41,7%
<b>2</b>	N= 54 Estudantes (GE): n=45; GP Professores (GP) n=9

Nº	Dados Sociodemográficos
	<p>GE1 – Ensino médio: n=15; Sexo: F n=10, M n=5; Idade M=15,1</p> <p>GE2 – Ensino pré-vestibular: n=15; Sexo: F n=7, M n=8; Idade: M=19,51</p> <p>GE3 – 3º Ano Universitário de Psicologia: n=15; Sexo: F n=13, M n=2; Idade: M=21,1</p> <p>GP1 – Ensino médio: n=3; Sexo: F n=1 (Português), M n=2 (Filosofia e Matemática)</p> <p>GP2 – Ensino pré-vestibular: n=3; Sexo: F n=1 (Português), M n=2 (Matemática e Biologia)</p> <p>GP3 – 3º Ano Universitário de Psicologia: n=3; Sexo: F n=2 (Psicologia Escolar e Prática de ensino de Psicologia), M n=1 (Psicologia Social Comunitária)</p>
3	<p>N=54</p> <p>Grupo TDF – trabalhadores com deficiência física n=27</p> <p>Grupo TND – trabalhadores sem deficiência física n=27</p> <p>Sexo: F n=26; M n=28; Idade: min=18; máx=37</p> <p>Nota: ambos os grupos foram emparelhados, conforme critérios de seleção da amostra, nas variáveis: sexo, idade, classe econômica e função</p>
4	<p>N=100</p> <p>(50 casais heterossexuais)</p> <p>Idade: M=48,5; DP=9,6; min=29; máx= 69</p> <p>Tempo da relação (anos): M=22; DP=1; min=7; máx=35</p> <p>Escolaridade mínima: ensino médio completo</p>
5	<p>N=98</p> <p>Grupo de usuários de maconha (com diagnóstico de dependência ou abuso dessa substância) n=49</p> <p>Grupo de não usuários de maconha n=49</p> <p>Sexo: Masculino (100%)</p> <p>Critérios de inclusão: idade entre 15 e 22 anos e a frequentar (no mínimo) a 5ª série do Ensino Fundamental</p>
6	<p>N= 40</p> <p>Mães de crianças com idade de 4 a 6 anos</p> <p>Grupo clinico: mães de crianças (maioritariamente meninos – 84,75%) com indicativos de problemas de comportamento n=20; Idade: M=31 anos</p> <p>Grupo não clinico: mães de crianças (maioritariamente meninas – 84,75%) sem indicativos de problemas de comportamento n=20; Idade: M=33 anos</p>

<b>Nº</b>	<b>Dados Sociodemográficos</b>
	Sexo: Feminino (100%) Escolaridade: maioria entre o ensino médio incompleto e completo Estado Civil: maioria na primeira união conjugal legal ou por consenso
<b>7</b>	N=126 Estudantes universitários do 4º ano da licenciatura Sexo: F=47%; M=53% Idade: M=21; DP=3,37; min=18; máx=35 (com idade de 21 anos = 68,3%)
<b>8</b>	N=10 Adolescentes com Síndrome de Down Sexo: F=30% (n=3); M=70% (n=7) Idade: min=12; máx=17
<b>9</b>	N=45 Estudantes adolescentes Sexo: F=55,6%; M=44,4% Idade: M=16; PD=0,61; min=16; máx=18
<b>10</b>	N=86 (selecionados, por meio de uma avaliação clínica sistemática, de uma população de 1006 indivíduos) Estudantes Universitários F/M Grupo caso n=45 Grupo não-caso de TAS n=41 Idade: min=17; máx=32
<b>11</b>	N=153 Estudantes universitários de Psicologia Sexo: F=80,4%; M=19,6% Idade: M=22,67; DP=7,41; min=19; máx=60 Possuíam outro curso superior – 3,9%
<b>12</b>	N=542 Estudantes universitários Sexo: F=64,4% (n=349); M=35,6% (n=193)

Nº	Dados Sociodemográficos
	<p>Idade: M=21; DP=5,48; min=18; máx=55 anos</p> <p>Estado civil: solteiros=89,5% (n=485); casados=8,3% (n=45); divorciados=1,3% (n=7); viúvo=0,2% (n=1); não informaram o estado civil=0,7% (n=4)</p> <p>A frequentar um curso superior pela primeira vez=95,6% (n=254)</p> <p>Possuíam outro curso superior=4,4% (n=24)</p>
<b>13</b>	<p>N=167</p> <p>Estudantes Universitários de Medicina</p> <p>(1ºano n=48; 2ºano n=46; 3ºano n=35; 4ºano n=38)</p> <p>Sexo: F=53,8% (n=90); M=46,2% (n=77)</p> <p>Idade: M=20,9; DP=2; mim=17; máx=28</p>
<b>14</b>	<p>N=1.126</p> <p>Estudantes universitários</p> <p>Sexo: F=75,55%; M=24,42%</p> <p>Fumantes: 8,61% (n=97);</p> <p>Sexo fumantes (de N=1.126): F=5,4%; M=18,5%;</p> <p>Sexo fumantes (de n=97): F=47,4% (n=46); M=52,6% (n=51)</p> <p>Fumantes dependentes de nicotina (de n=97): 20,61% - Sexo: F=45%; M=55%</p>
<b>15</b>	<p>N=40</p> <p>Trabalhadores de um supermercado, com atendimento direto ao cliente – Operadores de frente de caixa=45% (n=18); Atendentes de perecíveis=35% (n=14); Atendentes de loja=20% (n=8)</p> <p>Sexo: F=57% (n=23); M=43% (n=17)</p> <p>Idade: M=26,5; DP=7,99; min=18; máx=43</p> <p>Escolaridade: Ensino médio completo=85% (n=34)</p>
<b>16</b>	<p>N=196</p> <p>Estudantes universitários do 1º ano de graduação</p> <p>Sexo: F n=156; M n=40</p> <p>Idade: min=17; máx=59 anos</p> <p>Classe social: alta n=35; média n=62; baixa n=99</p>
<b>17</b>	<p>N=15</p> <p>Professoras: Ensino infantil n=5; Ensino fundamental n=5; Ensino especial n=5</p> <p>Sexo: Feminino (100%)</p>

Nº	Dados Sociodemográficos
	<p>Idade: M= 33,56; min=23; máx=50  Tempo de docência (anos): M=7; DP=7; min=5; máx=20</p> <p>Alunos: N=28 alunos  Com problemas de comportamento n=15  Sem problemas de comportamento n=13  Ensino regular n=18; Ensino especial n=10</p> <p>Idade: min=6; máx=9 (Ensino Infantil: 6 anos; Ensino Fundamental: 7 anos;  Ensino Especial: 6 anos (n=4), 7 anos (n=3), 8 anos (n=2) e 9 anos (n=1)</p>
18	<p>N=20</p> <p>Cuidadoras familiares de idosas</p> <p>Sexo: Feminino (100%)</p> <p>Idade: M=54; DP=10,5</p> <p>Cuidadoras há (anos): M=4; DP=3,67</p>
19	<p>N=56</p> <p>Familiares cuidadores de pacientes psiquiátricos;  Atendidos no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)</p> <p>Sexo: maioria feminino</p> <p>Idade: M=48,64; DP=15,15; min=18; máx=79</p> <p>Escolaridade: Ensino fundamental incompleto</p>
20	<p>N=89</p> <p>Estudantes universitários de Jornalismo</p> <p>Sexo: F=71% (n=63); M=29% (n=26)</p> <p>Idade: M=21; DP=1,8; min=18; máx=28</p>
21	<p>N=189</p> <p>Estudantes Universitários de Jornalismo e de Fonoaudiologia</p> <p>Curso de Jornalismo n=89</p> <p>Sexo: F=71% (n=63); M=29% (n=26)</p> <p>Idade: M=21; DP=1,8; min=18; máx=28</p> <p>Curso de Fonoaudiologia n=100</p> <p>Sexo: F=96% (n=96); M=4% (n=4)</p> <p>Idade: M=23; DP=1,5; min=18; máx=31</p>

De acordo com a Tabela 2, no que concerne ao tamanho da amostra em estudo, verificam-se variações entre 10 a 542 participantes, sendo, em geral, as

pesquisas efetuadas com estudantes as que têm amostras mais numerosas, tendo-se apurado dois (2) estudos cuja amostra inicial foi composta por mais de 1000 indivíduos.

Analisando as características sociodemográficas, constata-se que as amostras estudadas são, maioritariamente, mistas em termos de sexo (n=18); compostas por elementos do sexo masculino, apurou-se uma investigação, e duas investigações cujo alvo de avaliação são elementos do sexo feminino.

Dos 21 artigos incluídos na revisão, 62,50% do total dos estudos foram efetuados com estudantes (14), dos quais onze (11) são com estudantes universitários, sendo que um (1) inclui universitários e professores. Quanto às características das amostras dos restantes 37,5% dos estudos, verificamos um (1) com mães de crianças, um (1) com casais, dois (2) com indivíduos que apresentavam algum tipo de patologia (um com deficiência física e um com Síndrome de Down), e dois (2) com cuidadores (um de pacientes psiquiátricos e um de idosos), e um (1) com trabalhadores de um supermercado.

Relativamente à idade dos participantes nas pesquisas, abrangem um intervalo desde os 12 aos 69 anos, estando as médias compreendidas entre 15,1 e os 54 anos.

### **Descrição das variáveis e técnicas de avaliação**

**Tabela 3.** Variáveis Estudadas e Técnicas de Avaliação Usadas

<b>Nº</b>	<b>Variáveis Estudadas</b>	<b>Técnicas de Avaliação</b>
<b>1</b>	1. Habilidades Sociais 2. Socialização	1. IHS – Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 2. Escala Fatorial de Socialização (Nunes & Hutz, 2007)
<b>2</b>	1. Habilidades Sociais 2. Habilidades Sociais no Comportamento pró-Cidadania	1. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001)

Nº	Variáveis Estudadas	Técnicas de Avaliação
	3. Categorias de comportamentos socialmente habilidosos já apresentados pelos alunos	2. Versão do IHS adaptada que contempla questões específicas vinculadas ao tema de comportamentos pró-cidadania 3. “Questionário aberto sobre Habilidades Sociais” elaborado com 8 perguntas, aplicado aos professores
3	1. Habilidades Sociais 2. Poder de aquisição de bens pelo consumidor, utilizado para classificar a população em termos económicos	1. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 2. Critério de Classificação Econômica Brasil – CCEB (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2003)
4	1. Satisfação Conjugal 2. Habilidades Sociais na Empatia Conjugal 3. Habilidades Sociais Conjugais	1. Escala de Satisfação Conjugal – ESC (Dela Coleta, 1989) 2. Questionário de Empatia Conjugal – QEC (Oliveira, 2005) 3. IHSC - Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (Villa, 2002), adaptado do IHS – Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001)
5	1. Dados pessoais, história de consumo de maconha e morbilidades decorrentes do uso de drogas 2. Diagnóstico da dependência e abuso da substância ( <i>Cannabis</i> ou maconha) 3. Habilidades Sociais 4. Rastreamento de défice cognitivo 5. Depressão 6. Ansiedade	1. Questionário sociodemográfico 2. Entrevista clínica estruturada, elaborada segundo critérios do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-IV-TR 3. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 4. <i>Screening</i> cognitivo das Escalas Weschler de Inteligência (Cunha, 2009) Subtestes <i>vocabulário, cubos, código e dígitos</i> da - WISC-III (Weschler, 1991), adolescentes com 15 a 16 anos - WAIS-III (Weschler, 1997), adolescentes com 17 a 22 anos 5. BDI - Inventário de Depressão de Beck

Nº	Variáveis Estudadas	Técnicas de Avaliação
		6. BAI - Inventário de Ansiedade Beck
6	1. Problemas de comportamento 2. Habilidades Sociais de pré-escolares por parte das mães 3. Habilidades Sociais e Indicativos de Problemas de comportamento	1. Escala Comportamental Infantil B de Rutter, versão professor (ECI-B, Santos, 2002); Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter, versão para pais (ECI-A2, adaptada por Graminha, 1994) 2. Questionário de respostas Socialmente Habilidosas para Pais (QRSH- Pais, Bolsoni-Silva, Marturano & Loureiro, no prelo) 3. Entrevista sobre Comportamentos Infantis e Parentais (E-CIP, Leme, 2008)
7	1. Habilidades Sociais 2. Aceitação e rejeição entre pares	1. IHS – Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 2. Medida Sociométrica (Moreno, 1972)
8	Reportório de Habilidades Sociais	Observação direta
9	1. Habilidades Sociais 2. Aceitação ou rejeição entre pares	1. IHS – Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 2. Medida Sociométrica (Moreno, 1972)
10	1. Habilidades Sociais 2. Sintomas de medo, evitação e fisiológicos 3. Transtorno de Ansiedade Social (TAS) 4. Confirmação do diagnóstico do TAS	1. IHS – Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 2. <i>Social Phobia Inventory</i> (SPIN) 3. Mini-SPIN - Versão abreviada do SPIN 4. Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV ([SCIDCV – versão clínica], First, Spitzer, Gibon, & Williams, 1997), adaptada para o Brasil (Del-Ben et al., 2001), Módulo F (ansiedade)
11	1. Comportamento interpessoal 2. Habilidades sociais	1. <i>Checklist</i> de Relações Interpessoais-II (CLOIT-II) (traduzido e adaptado para a

Nº	Variáveis Estudadas	Técnicas de Avaliação
		<p>população Brasileira por Couto, Van Hattum, Vandenberghe e Benfica, 2005)</p> <p>2. IHS – Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette &amp; Del Prette, 2001)</p>
12	<p>1. Habilidades sociais</p> <p>2. Comportamento interpessoal</p>	<p>1. IHS – Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette &amp; Del Prette, 2001)</p> <p>2. <i>Checklist</i> de Relações Interpessoais - II (CLOIT-II)</p>
13	<p>1. Habilidades sociais</p> <p>2. Tendência à sonolência em situações cotidianas</p>	<p>1. IHS – Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette &amp; Del Prette, 2001)</p> <p>2. Escala de Sonolência Diurna de Epworth (Jonh Muray, 1991)</p>
14	<p>1. Características sociodemográficas e padrão de consumo de tabaco</p> <p>2. Dependência Nicotínica</p> <p>3. Habilidades sociais</p>	<p>1. Questionário sociodemográfico</p> <p>2. Teste de Fagerstrom para Dependência Nicotínica – Versão Brasileira (Meneses- Gaya, Zuardi, Loureiro &amp; Crippa, 2009)</p> <p>3. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette &amp; Del Prette, 2001)</p>
15	<p>1. Relacionamento Interpessoal e Produtividade</p> <p>2. Habilidades Sociais</p>	<p>1. Zulliger no Sistema Compreensivo ZSC - forma individual (Villemor, Amaral &amp; Primi, 2009)</p> <p>2. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette &amp; Del Prette, 2005)</p>
16	<p>1. Habilidades Sociais</p> <p>2. Inteligência e Expetativas Académicas</p>	<p>1. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette &amp; Del Prette, 2001)</p> <p>2. Teste Raciocínio Abstrato da Bateria de Provas de Raciocínio - BPR-5 (Almeida &amp; Primi, 2000)</p>
17	<p>1. Habilidades Sociais no Relacionamento professor/aluno</p>	<p>1. Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas para Professores – RE-HSE-Pr (Adaptação de Bolsoni-</p>

Nº	Variáveis Estudadas	Técnicas de Avaliação
	2. Habilidades Sociais nas Práticas Educativas	Silva et all, 2011) 2. Questionário de Respostas Socialmente Habilidosas- versão professor (QRSH-PR)
18	1. Itens pertinentes ao contexto de cuidar de um idoso 2. Comportamentos construtivos e pertinentes ao contexto de cuidar de um idoso 3. Sobrecarga subjetiva de familiares de cuidadores 4. Aspectos positivos e negativos do vínculo entre o cuidador e o idoso	1. Versão reduzida do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) 2. Versão reduzida do Inventário de Estratégias de Enfrentamento de Estresse do Canadian Aging Research Network (Carnet, 1993) 3. Escala de Burden de Zarit (ZBI) 4. Versão em português da Dyadic Relationship Scale, traduzida por Thomazatti e Barham
19	1. Habilidades Sociais 2. Timidez, Agressividade e Assertividade 3. Variáveis sociodemográficas dos familiares e pacientes, e variáveis clínicas dos pacientes	1. IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) 2. <i>Rathus Assertiveness Schedule</i> - RAS, Escala de Assertividade Rathus, adaptada para o Brasil por Pasquali e Gouveia (1990) 3. Questionário sociodemográfico e clínico
20	Habilidades Sociais	IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001)
21	Habilidades Sociais	IHS - Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001)

*Nota.* A numeração permite emparelhar as variáveis com as técnicas de avaliação utilizadas para avaliar cada uma delas

Particularizando a avaliação das Habilidades Sociais, a Tabela 3 demonstra que 18 dos artigos descritos referem a utilização do IHS - Inventário de Habilidades Sociais de Del Prette e Del Prette. Contudo, salienta-se o facto de três destes estudos serem versões adaptadas do IHS, como é o exemplo do “IHS - versão adaptada para contemplar questões específicas vinculadas ao tema de

comportamentos pró-cidadania”, o “IHSC – Inventário de Habilidades Sociais Conjugais” e a “Versão Reduzida do Inventário de Habilidades Sociais (IHS - Del Prette)”.

Referenciando outras técnicas de avaliação das habilidades sociais, um dos artigos menciona uma metodologia observacional direta, sendo de sublinhar que o estudo é sobre um grupo de sujeitos portadores do Síndrome de Down.

Nos estudos que envolvem pais e professores, os instrumentos de avaliação aplicados são: o QRSH-Pais - Questionário de respostas Socialmente Habilidosas para Pais de Bolsoni-Silva, Marturano e Loureiro; o QRSP-PR - Questionário de respostas Socialmente Habilidosas para Professores de Bolsoni-Silva et al.; o RE-HSE-Pr - Roteiro de Entrevista de Habilidades Educativas para Professores adaptado por Bolsoni-Silva et al.

Mencionando as restantes variáveis estudadas, identificou-se uma multiplicidade de temáticas, abrangendo dimensões do meio profissional (relações interpessoais e produtividade), do meio académico (relação entre professores e alunos), características psicológicas (personalidade, ansiedade social, timidez, agressividade e inteligência), físicas (dependência e abuso de substâncias, sono, consumo de tabaco), socialização (comportamento pró-cidadania e aceitação e rejeição entre pares), meio económico (poder de compra), comportamentais (problemas de comportamento), características conjugais (satisfação conjugal) e características do cuidador (de idosos e doentes psiquiátricos).

A esta variabilidade de constructos correspondem uma diversidade de técnicas de avaliação.

## **Discussão dos Resultados**

Refletindo sobre os resultados obtidos na análise efetuada aos artigos selecionados, ao apurar que os anos em que se verificou maior produção de estudos são os de 2009 e 2013, uma das conclusões viáveis relativamente à investigação sobre habilidades sociais, é que poderá ter existido períodos de maior e de menor interesse, por parte da comunidade científica, e não um investimento crescente (ou decrescente) nesta área.

No decorrer da revisão, constatou-se que os 21 estudos foram todos efetuados no Brasil. Porém, ao refletir sobre este resultado, considera-se que uma das suas prováveis causas será o facto de terem sido utilizadas para a pesquisa as bases de dados integradas no RCAAP, assim como as palavras-chave usadas (“habilidades sociais”), o que terá, eventualmente, limitado o número e a variedade de artigos identificados. A palavra-chave pode, também, estar na base da não identificação de estudos que focassem habilidades sociais específicas.

Quanto às amostras, foram constituídas por uma média de 352 indivíduos, indo de encontro ao que já havia sido referido por Bolsoni-Silva et al., (2006) e Bender e Calvetti, (2015), quando afirmaram que as amostras dos estudos realizados no Brasil eram grandes, existindo a possibilidade de uma amostra maior poder gerar resultados mais confiáveis.

Uma amostra reduzida poderá apresentar dificuldades para o estudo, uma vez que afetará a análise entre os subgrupos, comprometendo o desempenho dos testes estatísticos (Miot, 2011). Mas, por outro lado, o aumento da amostra reduz os intervalos de confiança, existindo a probabilidade de uma diferença estatística entre grupos da amostra, ainda que não tenham um significado relevante (Júnior, 2009).

Da pesquisa empreendida sobre a temática, obtiveram-se 21 estudos com resultados favoráveis quanto à avaliação das habilidades sociais, apesar de se ter detetado um número reduzido de técnicas de avaliação (psicométricas). Em 18 estudos foi utilizado o IHS - Inventário de Habilidades Sociais de Del Prette & Del

Prette, e em três foram aplicadas versões adaptadas do IHS, nas quais foram valorizadas as variáveis em estudo. A diminuta acessibilidade a instrumentos que permitam avaliar as habilidades sociais e, por outro lado, o facto de os estudos terem sido realizados no Brasil, predispondo a uma preferência pela escala mais recorrente no país, poderão justificar a predominância do IHS na presente revisão.

No entanto, nos resultados da pesquisa, localizou-se um estudo em que a metodologia utilizada, para avaliar as habilidades sociais em adolescentes com Síndrome de Down, foi a observação direta. Atendendo ao facto de que estes indivíduos poderão manifestar algumas limitações na leitura, a observação apresentou-se como o modo de avaliação mais adequado.

Dos artigos seleccionados, foi possível concluir que a sua totalidade tinha como objetivo caracterizar e relacionar as habilidades sociais com outras variáveis em estudo. Este facto vem confirmar o estudo realizado por Bolsoni-Silva et al (2006), que relata subsistir uma predominância de estudos de natureza correlacional.

Ao comparar os resultados obtidos na presente revisão em relação às técnicas de avaliação com os de outras revisões da literatura consultadas, não se verifica uma convergência total.

O estudo de Freitas (2013) obteve como resultado da sua revisão de sistemática entre os anos de 2004 a 2012, uma predominância da Escala de Avaliação Ecológica de Habilidades Sociais de Tremblay e Bandeira em 1989. Tal contraria a presente revisão, que indica que o IHS - Inventário de Habilidades Sociais de Del Prette e Del Prette foi o instrumento mais utilizado na avaliação das habilidades sociais. Refletindo sobre esta circunstância, uma hipotética justificação terá sido o facto de o IHS ter surgido em 2001 e, em parte da época analisada (2004/2012), ainda não haver evidências da sua eficácia.

Já o estudo de Bender e Calvetti (2015), que aborda uma revisão dos instrumentos mais utilizados na avaliação das habilidades sociais entre os anos de

2000 a 2013, concluiu que o IHS era o instrumento mais utilizado, indo de encontro ao resultado obtido na presente revisão.

O estudo de Cordier et al. (2015) revela uma evidência de suma importância ao constatar, na sua análise, o facto de não existirem instrumentos de avaliação das habilidades sociais destinados a adultos, não possibilitando uma investigação credível desta faixa etária.

O levantamento dos instrumentos de avaliação das habilidades sociais surge assim como um ponto de partida, facilitando a elaboração de uma intervenção adequada e que vá de encontro às necessidades do(s) indivíduo(s).

Considera-se pertinente referir que, na maioria dos estudos analisados, a avaliação é realizada de forma a caracterizar e relacionar as habilidades sociais com outras variáveis, propondo como um objetivo subsequente, o delineamento de um programa de treino habilidades sociais. Não foram identificados, no entanto, estudos que se debruçassem sobre a avaliação das habilidades sociais como forma de prevenção, o que seria um aspeto de suma importância (Thompson & Rappe, 2002), já que o treino não proporciona apenas a aprendizagem de novas habilidades sociais, mas também a melhoria do desempenho social do indivíduo (Gresham & Elliot, 2008).

## **Conclusão**

Atualmente, as habilidades sociais apresentam-se como uma das temáticas mais estudadas na psicologia, decorrente da complexidade e diversidade dos contextos em que o indivíduo está inserido e das competências necessárias para a sua integração. Com o intuito de promover a adequação do comportamento do indivíduo ao seu meio, possibilita identificar quais as habilitações sociais que

fazem parte do seu repertório, bem como os seus défices, possibilitando ajustar os seus comportamentos aos outros e ao meio, desenvolvendo assim as suas relações sociais.

Pretendendo colmatar essas carências, a avaliação surge como a fase inicial de um processo, que culminará com a intervenção, por meio do treino adequado de habilidades sociais.

O treino das habilidades de comunicação, de civilidade, de habilidades empáticas e de expressão de sentimentos positivos, entre outras, são algumas das temáticas que integram os programas de habilidades sociais, que têm como objetivo melhorar a interação social do indivíduo.

Pode-se, sucintamente, concluir que a totalidade dos estudos selecionados do RCAAP, que abordam o tema das habilidades sociais, foi realizada no Brasil, tendo a maioria como instrumento de avaliação o IHS de Del Prette e Del Prette.

A grande maioria destes estudos utilizou um método não-experimental, limitando-se a descrever as habilidades sociais e/ou verificar a relação entre estas e outras variáveis. Neste contexto, tornam-se mais compreensíveis as dimensões de grande parte das amostras, que eram maioritariamente constituídas por estudantes. É, todavia, de sublinhar a integração de amostras clínicas nos estudos analisados. Adicionalmente, as variáveis (adicionais) incluídas nos estudos e as relações identificadas entre estas e as habilidades sociais, poderão estar na base da planificação de novos programas de treino de habilidades sociais.

Analisando as limitações da presente revisão, considera-se que a dimensão do estudo poderia ter sido mais ampla, caso se tivesse optado por incluir uma maior quantidade de bases de dados, o que leva a refletir acerca dos resultados apurados. O mesmo raciocínio pode ser aplicado ao facto de se ter recorrido à palavra-chave “habilidades sociais”, integrado no título dos artigos.

Como proposta para futuros estudos, seria de alargar a pesquisa a outras

bases de dados, o que permitiria comparar os estudos realizados sobre as habilidades sociais noutros países, com recurso a outras técnicas de avaliação e com uma maior diversidade.

Tendo em consideração os resultados obtidos nesta revisão, que sugere que o IHS se apresenta como o instrumento mais utilizado no Brasil, seria pertinente a sua adaptação à população portuguesa.

Este é um projeto que permitirá avaliar e mensurar as habilidades sociais de indivíduos em diversas dimensões e detetar défices, contribuindo para o delineamento de programas de intervenção adequados, quer para a sua prevenção e/ou intervenção ao nível das habilidades sociais.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Para facilitar a leitura da presente Dissertação de Mestrado, as referências bibliográficas do presente capítulo/artigo foram remetidas para o final da Dissertação, encontram-se a partir da página 124.

## **CAPÍTULO III**

---

## **Perspetivando a Satisfação Sexual: da delimitação do conceito à síntese de evidências**

Carla Bernardett Santos (1) & Rute F. Meneses (2)

(1) FCHS – UFP; (2) FCHS / CTEC / FP-B2S / HE - UFP

### **Resumo:**

A sexualidade é uma componente fundamental do ser humano, em toda a sua vida, experienciada e expressa em pensamentos, intimidade, prazer, relacionamentos, influenciada por fatores sociais, biológicos, culturais, entre outros. A satisfação sexual surge como uma componente significativa da sexualidade, resultante duma avaliação subjetiva do indivíduo sobre a sua atividade sexual, fundamental na sua qualidade de vida, na saúde sexual, física e psicológica. A resposta sexual humana está associada à satisfação sexual, composta por uma sequência de alterações físicas e emocionais, definida, por exemplo, pelo modelo EPOR de Masters e Jonhson e pelo modelo DEOR de Kaplan. Contudo, estes são modelos lineares, mais adequados ao homem, após os quais surgiu o modelo circular de Basson. Como modelos conceptuais da satisfação sexual são de referir o IEMSS - Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction de Lawrence e Byers, o modelo ecológico de Henderson e a teoria de suporte à nova escala de satisfação sexual de Stulhofer, Busko, e Brouillard. Apesar da falta de consenso na área, a investigação tem revelado diversos resultados clinicamente relevantes. Neste contexto, com o presente estudo pretende-se sistematizar a literatura científica sobre satisfação sexual, de modo a facilitar o delineamento de novos estudos, necessários para que os profissionais de saúde possam compreender e promover a satisfação sexual ao longo do ciclo vital.

**Palavras-chave:** Satisfação sexual, Sexualidade, Resposta sexual humana.

**Abstract:**

Sexuality is a fundamental component of the human being, in all of his/her life, experienced and expressed in thoughts, intimacy, pleasure and relationships, influenced by social, biological, cultural factors, among others. Sexual satisfaction appears as an important component of sexuality, resulting from a subjective evaluation of the subject about his/her sexual activity, fundamental for his/her quality of life, sexual, physical and psychological health. The human sexual response is associated with sexual satisfaction, composed by a sequence of physical and emotional changes, defined, for example, by the EPOR model of Masters and Jonhson and by the DEOR model of Kaplan. However, these are linear models, more suited for men, after which comes up are circular model of Basson. In this context, sexual satisfaction models like the IEMSS - Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction of Lawrence and Byers, the ecological model of Henderson and the support theory to the new scale of sexual satisfaction of Stulhofer, Busko and Brouillard are worth mentioning. Even though consensus is still lacking in this area, research has been revealing several clinically relevant results. In this context, the present study aims to systemize the scientific literature on sexual satisfaction, in order to foster the development of new studies, needed for health care professionals better understand and promote sexual satisfaction through the life cycle.

**Keywords:** Sexual satisfaction, Sexuality, Human sexual response

**Introdução**

A sexualidade é uma das áreas mais relevantes na vida de uma pessoa, sendo vivenciada e expressa em tudo que é e sente, pensa e faz, influenciando a sua saúde física e mental.

A sexualidade humana é uma parte integrante de cada um, do comprometimento ou não num relacionamento ou fantasia sexual, do conhecimento

de si mesmo como mulher ou homem, assim como da capacidade para ter experiências e respostas eróticas (Rathus, Nevid, & Fichner-Rathus, 2005).

É, assim, um conceito amplo e complexo, que engloba um conjunto de outros conceitos cuja definição e inter-relação não é consensual. Consequentemente, o objetivo do presente estudo é sistematizar a literatura científica sobre a satisfação sexual. De facto, considera-se tal sistematização urge para que os profissionais de saúde possam compreender e promover adequadamente a satisfação sexual dos seus utentes. Assim, pretende-se delimitar conceitos neste domínio e, sintetizar modelos e evidências científicas.

## **1. Sexualidade: Breve delimitação de conceitos**

A anteriormente Associação Mundial de Sexologia e atualmente Associação Mundial para a Saúde Sexual (WAS), em 2014, reafirma que a sexualidade é “um aspeto central do ser humano em toda a sua vida e abrange sexo, identidade e papéis de género, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. É experienciada e expressada em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas estas dimensões, nem todas elas são sempre expressas ou sentidas” (WAS, 2014; p.1, World Health Organization, 2006, p.5).

O conhecimento sobre a sexualidade humana foi, maioritariamente, obtido e publicado durante o século XX, existindo ainda pontos de vista controversos sobre alguns dos aspetos da ampla e complexa gama de especificidades que a mesma engloba (Pi, 2008), tendo-se, nas últimas três décadas, verificado mudanças significativas na sua compreensão, assim como do comportamento humano, decorrente do impacto que determinadas adversidades tais como infeções sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, disfunção sexual, discriminação baseada na orientação sexual, entre outras, têm na saúde sexual, na saúde mental e no bem-estar em geral (Oliveira, 2014; World Health Organization, 2004),

tornando-se numa questão de saúde fulcral para o desenvolvimento social e económico (Oliveira, 2014).

A sexualidade humana tem sido investigada por diversas áreas científicas, nomeadamente, a biologia, a antropologia, a medicina, a sociologia, a psicologia, entre outras, reflexo da relevância do estudo das capacidades biológicas e das características psicológicas do indivíduo, e das influências culturais e sociais no mesmo (Rathus et al., 2005).

Grande parte da pesquisa sobre a sexualidade foi realizada por biólogos e psicólogos, tendo-se focado no comportamento sexual humano como sendo um fenómeno individual, determinado por fatores internos (Laumann et al., 1994, citado por Hyde & DeLamater, 2006). A psicologia estuda o modo como os comportamentos sexuais e as atitudes são influenciados pela percepção, aprendizagem, motivação, pensamento, emoção e personalidade (Rathus et al., 2005). Contudo, a socialização de um indivíduo numa determinada sociedade, a sua interação com os parceiros sexuais e as restrições impostas sobre os mesmos, tornam-se extremamente importantes na escolha das suas atividades sexuais (Rathus, et al., 2005).

**O comportamento sexual** humano ocorre em diferentes locais físicos e contextuais, incluindo uma grande variedade de atividades específicas, que são percecionadas de modo diferente pelos indivíduos, envolvendo em conjunto complexo de motivações, com base em numerosos fatores e influências externas (Hyde & DeLamater, 2006).

Os primeiros estudos científicos realizados, de grande amplitude, sobre o comportamento sexual humano e que ainda hoje constituem uma referência para muitos investigadores da área da sexologia, foram concretizados nos anos 40 de Séc. XX por uma equipa da Universidade de Indiana, orientada por Alfred Kinsey (Lins & Braga, 2005; Nobre, 2006).

A metodologia dos estudos de Kinsey incidiu em entrevistas confidenciais a cerca de 18.000 indivíduos, homens e mulheres, de raça branca, abrangendo uma grande diversidade de características, tais como idade, níveis educacionais, estrato económico e social, filiações religiosas e áreas geográficas dos Estados Unidos (Almagia, 2002; Nobre, 2006), promovendo a revolução mais relevante nos costumes e atitudes sexuais da sexologia moderna, desmistificando uma diversidade de estereótipos sexuais e crenças erróneas (Lins & Braga, 2005; Nobre, 2006).

Os estudos desenvolvidos por William Masters e Virginia Johnson no campo da sexualidade, principiados nos anos 50 do séc. XX, tiveram enfoque na prática terapêutica, objetivando estudar os mecanismos fisiológicos associados à resposta sexual e a sua implicação na disfuncionalidade sexual, tendo criado um laboratório de fisiologia para a respetiva recolha de dados fisiológicos e comportamentais associados à atividade sexual (Nobre, 2006; Sena, 2010).

Masters e Johnson consideram que o sexo, quer seja fonte de prazer ou motivo de grande sofrimento, tem como origens aspetos de ordem psicológica e as bases biológicas das sensações e das respostas sexuais, sendo estes componentes da função sexual interligados entre si, em que uns influenciam os outros (Lins & Braga, 2005). Decorrentes dos resultados das suas pesquisas, os autores propuseram um ciclo de resposta sexual, publicado na sua obra *Human Sexual Response*, de 1966, e procederam à criação de um protocolo de intervenção terapêutica empiricamente validado, sendo considerados os “pais” da terapia sexual com a sua obra *Human Sexual Inadequacy*, de 1970 (Nobre, 2006).

O interesse da Organização Mundial de Saúde (WHO) pela temática da sexualidade humana constata-se claramente aquando dum encontro concretizado em 1974, em Genebra, com profissionais da área, de diversos países, os quais foram convidados tendo em consideração os seus conhecimentos e experiência no ensino, na investigação, ou na prática clínica, e cujas deliberações foram publicadas num relatório intitulado *Education and Treatment in Human Sexuality: The Training of Health Professionals* (WHO, 1975).

No encontro acima referido é definida a importância da **sexualidade** nos programas de saúde, realçando o conceito de saúde sexual como a integração de características intelectuais, emocionais e sociais do ser sexual, a incrementar, de um modo positivo, a sua personalidade, a comunicação e o amor, o direito do indivíduo a ter acesso a informação sobre sexo e prazer, destacando os aspetos a serem considerados na educação e treino no campo da sexualidade humana (WHO, 1975).

A **saúde sexual e reprodutiva** requer uma abordagem positiva e uma ampla compreensão da sexualidade humana, dos fatores complexos que dão forma ao comportamento sexual humano e à promoção do bem-estar, sendo estes elementos essenciais para que as pessoas tenham uma vida sexual segura, responsável e satisfatória (WHO, 2006).

Efetivamente, na atual declaração de direitos sexuais a WAS reafirma que a sexualidade “é influenciada pela interação de fatores biológicos, sociais, económicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais”, e reconhece que a sexualidade é “uma fonte de prazer e bem-estar e contribui para a satisfação e realização como um todo” (WAS, 2014, p.1).

Uma componente significativa da sexualidade humana é a **satisfação sexual**, definida como uma resposta afetiva, resultante da avaliação subjetiva do sujeito, positiva ou negativa, da sua relação sexual (Lawrence & Byers, 1995), sendo também um elemento fundamental na qualidade de vida de um indivíduo, repercutindo-se numa melhor condição de saúde física e psicológica e bem-estar (Sánchez-Fuentes, Santos-Iglesias & Sierra, 2014).

A **satisfação sexual** e o **prazer** estão associados às fases da resposta ao estímulo sexual, que é constituída por uma sequência de alterações emocionais e físicas (Oliveira, 2014). Têm sido diversos os modelos desenvolvidos ao longo dos anos para definir a resposta sexual humana. Alguns serão sintetizados de seguida.

## 2. Resposta Sexual Humana e respectivos modelos

Masters e Johnson, na década de 50 do Séc. XX, propuseram um modelo de resposta sexual humana linear, composto por quatro fases: excitação, planalto, orgasmo e resolução – modelo **EPOR** (Lins & Braga, 2005; Marques, Chedid, & Eizerik, 2008; Nobre, 2006; Oliveira, 2014; Pechorro, 2006; Teira, 2010), comum aos dois sexos, pois os autores verificaram uma semelhança entre os processos fisiológicos na resposta sexual dos homens e das mulheres (Nobre, 2006; Oliveira, 2014), apesar destas, provavelmente, não ocorrerem ao mesmo tempo, sobretudo em relação ao orgasmo.

A primeira fase, **excitação**, desenvolve-se com origem num estímulo psíquico ou físico, podendo ser visual, táctil, uma lembrança de um momento vivido com intensidade, uma carícia, um beijo, entre outros, provocando sensações sexuais que variam de pessoa para pessoa assim como a intensidade da resposta (Lins & Braga, 2005; Pi, 2008).

Os estímulos provocam a excitação, ocasionando diversas reações neurológicas, musculares, endócrinas e vasodilatadoras; os órgãos genitais passam do estado de repouso para o de excitação (Lins & Braga, 2005; Teira, 2010), podendo durar pouco tempo ou horas, verificando-se o aumento da tensão muscular e da frequência respiratória e cardíaca (Oliveira, 2014; Teira, 2010).

Na mulher as mamas aumentam cerca de 25%, os mamilos tornam-se eretos ou turgidos, aumenta o fluxo sanguíneo para a área genital, surge a tumescência do clitóris e dos pequenos lábios, lubrificação vaginal e das paredes da vagina facilitando a penetração; no homem surge a ereção e o aumento dos testículos (Lins & Braga, 2005; Nobre, 2006; Oliveira, 2014; Pi, 2008).

Geralmente, a mulher excita-se com estímulos tácteis e mais lentamente do que o homem, que por sua vez se excita, principalmente, com estímulos visuais (Lins & Braga, 2005; Pi, 2008).

Mas nem sempre a excitação ocorre de forma natural: se a mulher estiver preocupada ou ansiosa, esta fase poderá surgir com uma intensidade muito baixa ou até nem acontecer, pois os músculos estando tensos e a vagina seca, fazem com que a penetração do pénis seja dolorosa e em alguns casos poderá não ser possível (Lins & Braga, 2005).

Na segunda fase, **plateau**, há uma intensificação das modificações descritas na fase da excitação, atingindo-se o nível máximo da excitação, a frequência respiratória e cardíaca continuam a aumentar e há uma subida da tensão arterial (Lins & Braga, 2005; Nobre, 2006; Oliveira, 2014; Pi, 2008; Teira, 2010), há espasmos musculares na face, nos pés e nas mãos (Oliveira, 2014; Pi, 2008).

Na mulher o clitóris torna-se muito sensível e retrai um pouco, no homem a pele do escroto retrai e os testículos ficam numa posição superior (Lins & Braga, 2005; Oliveira, 2014; Pi, 2008). A duração da fase do plateau para atingir a excitação máxima depende da eficácia dos estímulos, uma vez que se estes forem inadequados ou suprimidos não ocorrerá o orgasmo passando-se diretamente para a fase final de resolução (Lins & Braga, 2005).

Contudo, a mulher necessita de mais tempo do que homem para garantir uma excitação constante e uma lubrificação adequada, geralmente nunca inferior a 15 ou 20 minutos, uma vez que o não estar suficientemente lubrificada no momento da penetração dificulta o momento do orgasmo (Lins & Braga, 2005). Segundo os autores, o desconhecimento deste facto é um dos causadores da insatisfação de muitas mulheres, pois muitos homens quando estão bastante excitados supõem que a companheira também o esteja.

Na terceira fase, **orgasmo**, o envolvimento do corpo na resposta à excitação sexual é experienciado de uma forma subjetiva por cada pessoa, existindo uma grande variedade tanto na duração quanto na intensidade (Lins & Braga, 2005), mas de altíssimo nível de prazer (Lins & Braga, 2005; Teira, 2010).

Nesta fase é alcançado o clímax da resposta sexual, sendo esta a fase de menor duração, apenas alguns segundos, com contrações musculares involuntárias, a frequência respiratória e cardíaca aumentam ainda mais e a tensão arterial atinge o ponto máximo; na mulher os músculos do aparelho genital contraem-se, as contrações podem ser rítmicas, simultâneas ou ocorrer separadamente; no homem há fortes contrações da próstata e do pênis com ejaculação do sémen (Lins & Braga, 2005; Oliveira, 2014; Pi, 2008; Teira, 2010).

Na quarta fase, **resolução**, as funções do corpo vão, progressivamente, retornando à normalidade (Nobre, 2006; Oliveira, 2014; Teira, 2010), há uma sensação de plenitude e bem-estar (Lins & Braga, 2005; Teira, 2010).

A mulher pode ter múltiplos orgasmos em cada ciclo (Oliveira, 2014) ou, desde que exposta a novos estímulos, vivenciar uma experiência orgástica em qualquer momento (Lins & Braga, 2005; Teira, 2010).

No homem geralmente existe um tempo de recuperação, o período refratário, para poder responder fisiologicamente a uma nova estimulação, de duração variável, sendo muita mais lenta do que a da mulher (Lins & Braga, 2005; Nobre, 2006; Oliveira, 2014; Pi, 2008; Teira, 2010).

Um outro modelo de resposta sexual humana, trifásico, foi proposto por Helen Kaplan em 1974, diferente do proposto por Masters e Jonhson, composto por três fases: Desejo, Excitação e Orgasmo (**DEOR**) (Nobre, 2006; Pechorro, 2006; Oliveira, 2014).

O modelo de Kaplan integra uma primeira fase antes da Excitação – **desejo**, que é caracterizada pela sua natureza motivacional (Nobre, 2006), essencialmente de origem psicológica e relacionada com a libido ou desejo, mediado pelo cérebro, pelo sistema límbico, pelo meio hormonal e por influências psicossociais (Oliveira, 2014), sendo uma experiência de sensações específicas, que motivam o indivíduo a iniciar ou a responder a uma estimulação sexual (Nobre, 2006).

O **desejo sexual** é uma experiência subjetiva de interesse em objetos ou atividades sexuais, ou vontade de se envolver numa atividade sexual (Regan & Berscheid, 1999, citado por Peplau, 2003), que também pode ser definido como um interesse psicológico em ter relações sexuais, cuja continuidade estará associada às expectativas nos incentivos sexuais, como a criação de laços afetivos ou a obtenção de prazer (Pfaus & Scepkowski, 2005), e ainda como um sentimento subjetivo desencadeado por estímulos externos ou internos e que poderá ocasionar, ou não, um comportamento sexual (Leiblum & Rosen, 1988).

Os modelos de resposta sexual humana lineares são considerados mais apropriados ao homem: a mulher nem sempre se enquadra neste tipo de modelo, pois poderá existir excitação e orgasmo sem desejo prévio, ou desejo e excitação sem atingir o orgasmo (Oliveira, 2014).

A diferença relativamente à forma como os homens e as mulheres experienciam a sexualidade poderá ser expressa da seguinte forma: no homem, geralmente a progressão da resposta sexual é linear, ou seja, do desejo passam para a excitação e daí para o orgasmo; na mulher, a progressão sexual é circular, as fases sobrepõem-se e a ordem poderá variar, dependendo das circunstâncias, das vivências e das experiências de cada situação (Granero, 2014).

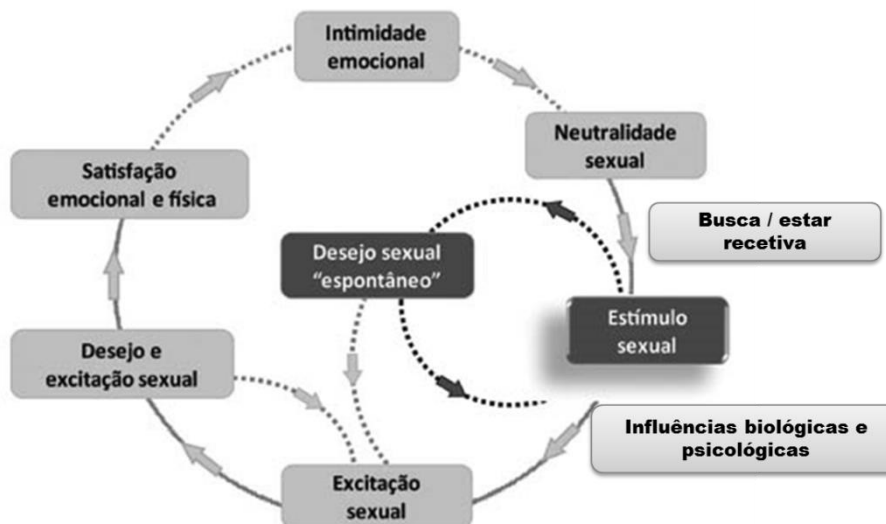
Basson (2000) constatou que a resposta sexual na mulher, comumente, decorre duma necessidade de intimidade, ao invés de uma excitação sexual física, levando a uma diferente perceção do seu desejo sexual, assim como da noção de que a libertação orgásmica poderá ser múltipla e variável, dependendo do tipo de estimulação, concluindo que os componentes de maior significância para a sua satisfação sexual são, entre outros, o afeto, a confiança, a sua vulnerabilidade, o respeito, a comunicação, a intimidade e o prazer do toque sensual.

A excitação sexual nas mulheres ocorre, sobretudo, de um modo mental subjetivo, e a probabilidade de querer ter uma atividade sexual é apoiada nas recompensas (Pechorro, 2006).

Assim, em 2001, Rosemary Basson propôs um **modelo de resposta sexual humana circular** (Fig. 1) biopsicossocial da resposta sexual feminina, enfatizando que uma relação sexual poderá começar por um estado emocional não sexual, em que considera a influência de um *feedback* entre os aspetos emocionais, cognitivos e físicos (Basson, 2001).

O modelo de Basson tem em atenção o facto de que na mulher pode ocorrer um desejo espontâneo impulsionador de uma atividade sexual, ou uma predisposição para a mesma, se os estímulos forem suficientes e adequados, um aumento da motivação sexual se o desfecho for positivo, emocional e fisicamente (Basson, 2001; Teira, 2010).

A gratificação da mulher é obtida através da satisfação e do prazer, com ou sem orgasmo, e outros aspetos não estritamente sexuais e subjetivos, mas que poderão ser de elevada significância, como a intimidade emocional, a comunicação, a expressão do afeto, o agradar o parceiro sexual e compartilhar o prazer físico, a autoestima, entre outros (Basson, 2001; Granero, 2014; Teira, 2010).



**Figura 1** – Modelo de resposta sexual humana circular de Basson (adaptado de acordo com Basson, 2001)

Este modelo integra aspectos relevantes da sexualidade feminina, não contemplados nos modelos tradicionais, representando uma mudança de paradigma ao considerar que a motivação sexual poderá ser desencadeada por fatores não necessariamente sexuais e a experiência sexual começaria, frequentemente, por uma atitude neutra, não existindo a percepção do desejo, os fatores interpessoais tornando-se assim mais significativos e, como o modelo é circular, o comprometimento em qualquer ponto do círculo poderá originar a diminuição do desejo (Fleury & Abdo, 2009).

Torna-se, nesta fase, pertinente explorar um pouco os modelos relativos à satisfação sexual, o que se seguirá.

### **3. Satisfação Sexual e respectivos modelos**

A satisfação sexual é uma componente integral da saúde sexual e do bem-estar (Henderson, Lehavot, & Simoni, 2009), podendo ser considerada a última etapa do ciclo de resposta sexual (Basson, 2005); é um constructo psicológico complexo, usualmente privado, apesar do pensamento de quando se é sexualmente satisfeito ser autoevidente, com uma cada vez maior pertinência na avaliação da qualidade de vida, refletindo uma multiplicidade de competências pessoais e interpessoais (McClelland, 2010).

Os conceitos acerca da satisfação sexual têm sido diversificados, assim como a das variáveis consideradas nas suas definições, mas, na sua globalidade, todos têm em comum o fator físico e o afetivo.

Maioritariamente, a frequência das relações sexuais e o orgasmo têm sido as variáveis mais estudadas e associadas à satisfação sexual, havendo já estudos que demonstram a importância das variáveis relacionais e afetivas, assim como o prazer e as sensações sexuais (Barrientos & Páez, 2006).

Contudo, para a maior parte dos casais, a satisfação sexual é um aspecto importante do seu relacionamento, uma vez que ambos se preocupam com a qualidade das suas relações sexuais, assim como da sua própria satisfação sexual e a do(a) parceiro(a) (Byers, 1999).

Assim, alguns conceitos referem que a satisfação sexual está associada à qualidade da relação conjugal (Barrientos & Páez, 2006), como sendo um balanço favorável entre custos e recompensas dos aspetos sexuais e não sexuais do relacionamento (Sprecher, 2001), interligado com a qualidade de vida, o bem-estar, a felicidade, pelo que o declínio da satisfação sexual estará relacionado com uma maior probabilidade do divórcio (Sprecher, 2002).

Uma das conceptualizações mais amplamente aceite é o Modelo das Trocas Interpessoais da Satisfação Sexual (**IEMSS** - *Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction*) proposto por Lawrence e Byers (1995), definindo que uma relação sexual pode ser considerada uma troca interpessoal de recompensas (trocas de satisfação, como sentir prazer durante a atividade sexual) e custos (trocas que originam angústia, como um avanço sexual ignorado) (Byers, 1999; Lawrence & Byers, 1995).

De acordo com o IEMSS, são quatro os componentes que determinam a satisfação sexual, nomeadamente, o balanço entre as recompensas e os custos dum relacionamento sexual, a comparação das recompensas e custos reais com os níveis das suas expectativas, a perceção da igualdade das recompensas e custos sexuais entre os parceiros e a qualidade dos aspetos não sexuais da relação (Lawrence & Byers, 1995). Consequentemente, a satisfação sexual é obtida, provavelmente, aumentando, progressivamente, se as recompensas vão superando os custos, se a comparação dos níveis reais com os expectáveis é positiva, se houver uma maior igualdade entre as próprias recompensas e custos e as do(a) parceiro(a), e se a satisfação com o relacionamento for elevada (Byers & Cohen, 2017; Lawrence & Byers, 1995).

Com base em estudos prévios e na Teoria Ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner, Alison Henderson desenvolveu em 2006 o **modelo ecológico da satisfação sexual**, o qual considera a importância das condições ambientais e sociais na forma como o indivíduo interage com outros indivíduos e com o contexto no qual está inserido, permitindo a conceptualização da satisfação sexual em vários níveis referente a uma determinada variável, que vão dos fatores mais próximos do indivíduo aos mais distantes (Henderson et al., 2009).

No modelo ecológico referido, o primeiro nível é o individual, o microsistema, que analisa as diferenças individuais, as emoções, os valores e as crenças; o segundo nível é o mesosistema, inclui as relações íntimas, frequentemente com um conjugue ou um parceiro; o terceiro nível é o exosistema, reflete os fatores que poderão influenciar diretamente o mesosistema, como a rede familiar e o apoio social; o quarto nível é o macrosistema, que abrange os fatores sociais e institucionais, incluindo leis, ideologias e culturas (Henderson et al., 2009).

Apoiado, em grande parte, na literatura sobre a terapêutica e o aconselhamento na área da saúde sexual, Stulhofer, Busko e Brouillard (2010) desenvolveram a conceptualização da **teoria sobre a satisfação sexual** de suporte para uma nova escala de avaliação da mesma, composta por três níveis, nomeadamente, o nível individual, que é referente às características e hábitos do indivíduo, o nível interpessoal, que tem em consideração as trocas emocionais, e o nível comportamental, que classifica as características das experiências sexuais.

Numa segunda etapa, os autores subdividiram os três níveis em cinco dimensões: a primeira dimensão (individual), as sensações sexuais, aborda o domínio do prazer sexual, a qualidade do toque e do sentir, qualidade da excitação sexual, frequência da excitação, qualidade do orgasmo, frequência do orgasmo; a segunda dimensão (individual), presença e consciência sexual, ou a habilidade em estar focado nas sensações sexuais e eróticas e da reação sexual do parceiro (Stulhofer et al., 2010).

A nível interpessoal, a terceira dimensão, trocas sexuais, realça a importância da reciprocidade do toque e contacto sexual, tais como receber prazer, dar prazer, disponibilidade sexual do parceiro, iniciativa sexual do parceiro, criatividade sexual do parceiro, balanço entre dar e receber; a quarta dimensão, a conexão e proximidade emocional, também associado à felicidade, refere que a intimidade e um forte vínculo emocional podem originar um interesse sexual a longo prazo, inclui aspetos como a confiança, abertura emocional, rendição emocional do parceiro, proximidade emocional no sexo e este como contributo do vínculo emocional (Stulhofer et al., 2010).

Ao nível comportamental, surge a quinta dimensão, atividade sexual, que realça a importância da variedade, frequência, intensidade, paixão e duração das experiências sexuais para a satisfação sexual de homens e mulheres (Stulhofer et al., 2010). No modelo conceptual, os autores salientaram a significância dos múltiplos domínios do comportamento sexual, valorizando a satisfação sexual como sendo uma experiência humana universal, de homens e mulheres, tendo em atenção a diversidade das medidas de avaliação da satisfação sexual.

Tendo em mente tudo o que foi referido até ao momento, torna-se relevante ir para lá dos modelos e focar os resultados que a investigação tem vindo a revelar nesta área.

#### **4. Satisfação Sexual: síntese de evidências**

Dada a diversidade dos conceitos e modelos explicativos da satisfação sexual, assim como a multiplicidade das variáveis associadas aos mesmos, têm sido efetuadas pesquisas objetivando estudar os fatores que poderão influenciar a satisfação sexual e os seus preditores.

Sánchez-Fuentes et al. (2014) empreenderam uma revisão sistemática da literatura das variáveis associadas à satisfação sexual, tendo como objetivo

classificar e sintetizar as mesmas, de modo a que esse estudo possa ser útil em futuras investigações e desenvolvimento de modelos de satisfação sexual. A pesquisa documental foi efetuada nas plataformas EBSCOhost, ProQuest, PsycINFO, PubMed, Scopus, and Web of Science, focando artigos publicados no período temporal entre 1979 e 2012, em Inglês ou Espanhol, tendo sido selecionados 197 artigos. Foi utilizado como critério de inclusão os estudos cuja variável dependente fosse a satisfação sexual.

No estudo acima referenciado, os autores constaram que 66,2% dos artigos foram publicados entre os anos de 2005 e 2012, considerando ser um provável indicador da progressiva importância da saúde sexual, impulsionada pela WHO e a WAS desde 2002, assim como da informação disponível sobre o prazer sexual; relativamente à amostra, 55,8% (n=110) incidiam em ambos os sexos, 28,4% (n=56) eram com mulheres e 15,7% (n=31) incluíam apenas homens (Sánchez-Fuentes et al., 2014).

Quanto à avaliação da satisfação sexual, foram identificados 40 instrumentos na referida revisão sistemática, sendo os mais frequentemente utilizados: em 24 estudos, o *Index of Sexual Satisfaction* (ISS - Hudson, Harrison & Crosscup, de 1981); em 19 estudos, o *Global Measure of Sexual Satisfaction* (GMSEX – Lawrence & Byers, de 1995); em 11 estudos, o *Satisfaction With Intercourse and Overall Satisfaction Subscales* do International Index of Erectile Function (IIEF - Rosen et al., de 1997); em dez estudos, o *Golombk-Rust Inventory of Sexual Satisfaction* (GRISS – Rust & Golombok, de 1995); em seis estudos, a subescala do *Derogatis Sexual Function Inventory* (DSFI – Derogatis & Melisaratos, de 1979) e o *Pinney Sexual Satisfaction Inventory* (PSSI – Pinney, Gerrard & Denney, de 1987); porém, de todas as escalas utilizadas, apenas duas são fundamentadas em conceptualizações sobre a satisfação sexual: a *New Sexual Satisfaction Scale* (NSSS – Štulhofer, Buško & Brouillard, de 2010) e a GMSEX, sendo que ambas consideram o contexto interpessoal em que as relações sexuais ocorrem (Sánchez-Fuentes et al., 2014).

Na sua pesquisa, Sánchez-Fuentes et al. (2014) concluíram que a satisfação sexual não é apenas influenciada por aspetos individuais e relacionais, mas também pelas variáveis associadas ao ambiente social e cultural em que indivíduo está inserido. No que se refere às variáveis individuais, os resultados indicaram que a saúde física e psicológica está associada à satisfação sexual.

Dada a importância da satisfação sexual e a multiplicidade de fatores inerentes à mesma, o estudo de Stephenson, Ahrold e Meston (2011), com uma amostra de 544 universitários (F=451; M=93) com uma idade média de 18,9 anos (DP=1,3), objetivou determinar quais as variáveis sexuais e motivacionais relacionadas com os níveis de satisfação sexual. Identificou existirem relações com a autoestima, compromisso/amor, recursos, expressão, prazer e busca de experiências no sexo feminino, enquanto no sexo masculino as relações identificadas foram a autoestima, compromisso/amor e recursos, e, apesar de ser notória a diferença entre os resultados obtidos pelos dois sexos, o correlato em comum mais significativo foi o compromisso/amor, o que confirma os dados encontrados na literatura prévia.

A satisfação sexual é um elemento crítico da saúde sexual e um potencial correlato de inúmeros indicadores de saúde; Higgins, Mullinax, Trussell, Davidson e Moore (2011) empreenderam uma investigação em que recorrendo a uma amostra de estudantes universitários, de ambos os sexos, dos Estados Unidos pretendiam: 1) avaliar a prevalência e os correlatos da satisfação sexual; 2) explorar o modo como os jovens adultos comparavam e relacionavam a sua satisfação sexual com a dos adultos; 3) explorar quais as diferenças de género nas expectativas e experiências relacionadas com a satisfação sexual; 4) analisar se o uso de métodos contraceptivos facilitava ou não a satisfação sexual.

A amostra deste estudo foi composta por 2168 participantes, 1351 mulheres e 817 homens, com idade média de 20,2 anos (DP=1,6). Pelos resultados obtidos, os investigadores verificaram que a maioria dos estudantes tinha níveis elevados de satisfação sexual, fisiológica ou psicológica, identificando algumas diferenças de género significativas, como a frequência do orgasmo ou a autoestima. Como

variáveis de influência sexual, surgiu a autoestima ao nível individual e do relacionamento. Em relação aos outros objetivos, não foram encontrados dados significativos, tendo-se concluído que tal se devia aos critérios de inclusão/exclusão que, entre outros, selecionavam os participantes com experiência de coito vaginal (Higgins et al., 2011), o que, de acordo com a literatura, é bastante redutor quanto às prováveis vivências sexuais de um indivíduo e limitativo no âmbito da satisfação sexual.

Num outro estudo, Santos e Meneses (submetido), tendo por base uma amostra de 200 estudantes universitários com idade média de 23,64 anos (DP=7,57; 18-66), realizaram um estudo cujo objetivo foi caracterizar a satisfação sexual da amostra e verificar a sua relação com variáveis como as habilidades sociais e as sensações sexuais. Os resultados revelaram que a amostra apresentava níveis elevados de satisfação sexual, encontrando-se relacionados com o estar num relacionamento, a frequência das relações sexuais e a busca de sensações sexuais.

Relativamente à satisfação sexual na mulher, Sousa (2013) realizou um estudo com uma amostra de 100 participantes com idade média de 49,6 anos (DP=6,1; 40-64), cujo objetivo foi caracterizar a satisfação sexual e a qualidade de vida e verificar a sua relação com variáveis sociodemográficas em mulheres no climatério. Verificaram-se diferenças, com significância estatística, em função da idade, escolaridade, estado civil, medicação, fases do climatério, relativamente à satisfação sexual, e também correlação com a qualidade de vida.

Vilarinho (2010), recorrendo uma amostra de 668 mulheres portuguesas com idades compreendidas entre os 18 e os 75 anos, pretendeu ampliar o conhecimento sobre as experiências sexuais da mulher sob uma perspetiva biopsicossocial, e compreender a interação entre as mesmas e variáveis relacionais, psicológicas e contextuais, fatores médicos e biológicos e aspetos sociodemográficos. Dos resultados obtidos, particularizando a satisfação sexual, salienta-se: a importância do afeto durante a atividade sexual e a sua relevância nas experiências sexuais satisfatórias; a intimidade relacional; no contexto sexual, a frequências das relações sexuais e o maior recurso a atividades auxiliares, como material erótico,

masturbação, fantasias, entre outros (Vilarinho, 2010), corroborando os estudos empíricos identificados na literatura.

Relativamente ao sexo masculino, Carvalheira e Costa (2015), utilizando uma amostra de 3253 homens, 2968 heterossexuais e 285 homossexuais, de Portugal e da Croácia, com idade média de 34,3 anos (DP=9,42), realizaram um estudo cujos resultados revelaram que os níveis de satisfação sexual estão relacionados com uma maior frequência das relações sexuais, a ausência de dificuldades sexuais, uma menor duração do relacionamento e uma elevada intimidade no relacionamento; nos participantes heterossexuais, a satisfação também está relacionada com um maior número de parceiros sexuais e com a idade. Os autores constataram que a intimidade sexual é o preditor mais significativo da satisfação sexual, confirmando assim os dados da literatura da especialidade.

Kamnerdsiri, Bartáková e Weiss (2015), com recurso a uma amostra de 1004 homens, com idades compreendidas entre os 15 aos 84 anos, estudaram as possíveis correlações entre a satisfação sexual e os seus antecedentes socio-culturais. Os resultados revelaram que os homens casados apresentam níveis mais elevados de satisfação sexual, estando estes também relacionados com a experiência, a idade e um bom estado de saúde.

A satisfação sexual é um fator significativo na qualidade de vida, pressupondo um bom funcionamento sexual; Coelho (2011), num estudo recorrendo a uma amostra de 60 mulheres portuguesas com idade média de 47,7 anos (DP=9,84; 23-70), portadoras de fibromialgia, verificou que as mesmas apresentavam níveis elevados de dor, de ansiedade e de depressão, constatando-se possuírem, maioritariamente, dificuldades no funcionamento sexual. Contudo, contrariamente aos dados da literatura científica da área, não se verificaram correlações estatisticamente significativas entre as variáveis analisadas e o funcionamento sexual. Todavia, o grupo de mulheres com uma boa relação com o companheiro/marido apresentou níveis mais baixos ansiedade e de depressão e um melhor funcionamento sexual, autora concluído que, de acordo com a literatura, este poderá estar associado aos fatores relacionais.

Num outro estudo, Cunha (2017) com uma amostra de 51 indivíduos com idade média de 50,4 anos (DP=12,2; 20-76), de ambos os sexos, portadores de dor crónica, verificou que o sexo feminino foi quem apresentou níveis mais baixos de funcionamento sexual, sendo as dimensões mais pontuadas a falta de interesse sexual e a dificuldade em ter orgasmo, constatando-se uma correlação estatisticamente significativa entre o funcionamento sexual feminino e a qualidade de vida no sexo, confirmando os dados da literatura científica. Quanto à satisfação sexual, o *score* dos participantes situou-se, maioritariamente, ligeiramente acima do valor médio da escala, tendo a autora atribuído este resultado ao bom nível de satisfação com o relacionamento dos respondentes.

## **Conclusão**

A sexualidade humana considera diversos significados atribuídos ao “sexo”, quer seja por um objetivo de reprodução ou de prazer, às atividades físicas sexuais, como o beijo, o abraço, a masturbação, as relações sexuais, sentimentos eróticos, experiências ou desejos como as fantasias e os pensamentos sexuais, os impulsos sexuais, ou a atração sexual por outra pessoa (Rathus et al., 2005).

A sexualidade humana é uma dimensão integrante do domínio da liberdade; é essencial que as relações sexuais tenham como referencial a responsividade inerente a uma ética dos relacionamentos amorosos, tais como tocar a outra pessoa, beijar, abraçar, ter relações sexuais, intimidade, entre outros, implicando o cuidado com o bem-estar da outra pessoa (Sánchez, 2005).

A sexualidade é uma parte fundamental do ser humano, sendo que a saúde sexual requer uma abordagem positiva e respeitosa dos relacionamentos sexuais, assim como da possibilidade de ter experiências sexuais seguras e prazerosas (WHO, 2006).

As alterações culturais e sociais das últimas décadas conduziram a uma modificação do comportamento sexual do indivíduos, sendo necessário incorporar consistentemente a dimensão da saúde sexual (e reprodutiva) nos cuidados de saúde.

A satisfação sexual, como um componente da sexualidade humana, está fortemente agregada à valorização da saúde, da qualidade de vida e do bem-estar mental e físico das pessoas.

A satisfação sexual é um conceito multidimensional, o qual integra diversos aspetos de natureza emocional, relacional e físico. Trata-se de um campo de pesquisa relativamente recente, verificando-se ainda alguma insuficiência de estudos, pelo que se torna pertinente ampliar o conhecimento sobre a temática, através de investigações que incluam variáveis distintas e diferentes grupos etários, e assim permitir uma cada vez maior compreensão da sua variabilidade e complexidade, bem como a sua promoção.

Durante o século XX verificou-se um progressivo interesse pelo estudo dos componentes da sexualidade e pela conceptualização dos constructos inerentes à mesma. Contudo, dada a sua complexidade, não existe consenso quanto às suas definições conceptuais, o que dificulta a recolha de dados empíricos.

Neste contexto, o presente estudo teve como linha condutora apresentar modelos conceptuais, que têm sido mais utilizados na prática clínica e na investigação, no âmbito da dimensão da satisfação sexual.

Contudo, objetivando uma melhor compreensão da variedade das definições sobre a satisfação sexual, também foram abordados os principais modelos da resposta sexual humana.

Os dados recolhidos na literatura consultada mostram que os fatores individuais e interpessoais são preditores relevantes da satisfação sexual, constatando-se que a satisfação no relacionamento é uma das variáveis mais

significativas nos preditores da satisfação sexual, assim como os efeitos decorrentes da díada relacional.

Assim, espera-se que o presente estudo possa contribuir para o delineamento de novos estudos que forneçam dados sobre a satisfação dos Portugueses (e não só), e de modos eficazes para a melhorar ao longo do ciclo vital. As equipas de saúde têm, certamente, um importante papel a desempenhar neste domínio. <sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Para facilitar a leitura da presente Dissertação de Mestrado, as referências bibliográficas do presente capítulo/artigo foram remetidas para o final da Dissertação, encontram-se a partir da página 129.

## **CAPÍTULO IV**

---

## **Satisfação sexual e correlatos sexuais e não sexuais: Diferenças entre os sexos**

Carla Bernardett Santos (1) & Rute F. Meneses (2)

(1) FCHS – UFP; (2) FCHS / CTEC / FP-B2S / HE - UFP

### **Resumo:**

**Introdução:** A satisfação sexual é um componente relevante da saúde sexual, resultando num bem-estar geral, abrangendo aspetos individuais e relacionais. Todavia, a investigação sobre a mesma é pautada pela escassez de definições e concetualizações (consensuais), pela diversidade de variáveis e discrepância de indicadores, assim como pelos resultados contraditórios dos seus estudos.

**Objetivos:** Caracterizar a satisfação sexual; analisar a sua relação com o estatuto relacional, a frequência das relações sexuais, a busca de sensações sexuais e habilidades sociais, numa amostra de universitários; e explorar as diferenças nestas relações em função do sexo. **Método:** A Nova Escala de Satisfação Sexual (NSSS), a Escala de Busca de Sensações Sexuais (SSSS) e o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) foram administrados, em contexto de sala de aula, a 200 estudantes universitários de três instituições do Norte de Portugal. **Resultados:** A amostra apresentou níveis elevados da satisfação sexual, tendo sido encontradas relações estatisticamente significativas entre estas e o estatuto relacional, a frequência das relações sexuais, com o estar num relacionamento, com a busca de sensações sexuais e algumas classes comportamentais do IHS. Verificaram-se também algumas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos. **Conclusão:** O presente estudo surge como mais um contributo para o entendimento da satisfação sexual, associando uma nova variável, as habilidades sociais, pelo que se torna pertinente o desenvolvimento desta inter-relação.

**Palavras-chave:** Satisfação sexual, busca de sensações sexuais, habilidades sociais, sexo, estudantes universitários.

**Abstract:**

**Introduction:** Sexual satisfaction is a key component of sexual health, resulting in an overall well-being, encompassing individual and relational aspects. However, research reveals a scarcity of (consensual) definitions and conceptualizations, diversity of variables and discrepancy of indicators, as well as contradictory results. **Objectives:** To characterize sexual satisfaction; to analyze its relation with relational status, frequency of sexual relations, sexual sensations seeking and social skills, in a sample of university students; and explore the differences in these relations according to participants sex. **Method:** The New Sexual Satisfaction Scale (NSSS), the Sexual Sensation Seeking Scale (SSSS) and the Social Skills Inventory (HIS) were administered, in the classroom, to 200 university students from three institutions in Northern Portugal. **Conclusion:** The sample had high levels of sexual satisfaction, statistically significant relations were found between sexual satisfaction and relational status, frequency of sexual relations, sexual sensations seeking and some behavioral classes of IHS, as well as some differences between women and men. **Conclusion:** The present study is a contribution to the understanding of sexual satisfaction, associating new variable, social skills, so that the development of this interrelationship becomes pertinent.

**Keywords:** Sexual satisfaction, sexual sensations seeking, social skills, sex, university students.

## **Introdução**

A **satisfação sexual** é considerada um componente importante da saúde sexual, um direito sexual, resultando num bem-estar geral e sexual (World Health Organization, 2010), associada ao ajustamento relacional (Byers, 1999) e envolvendo aspetos individuais e relacionais (Stulhofer, Busko, & Brouillard, 2010).

Apesar de existirem investigações, principalmente quantitativas, nas quais se verificam boas correlações entre satisfação sexual e diversas variáveis, há uma escassez de definições conceituais, poucos modelos teóricos que permitam a sua compreensão (Pascoal, Narciso, & Pereira, 2014), indicadores inconsistentes e díspares, bastantes variáveis e uma grande diversidade de medidas do constructo, inviabilizando a comparação de pesquisas (Santos Pechorro, et al., 2015), o que dificulta o estudo da satisfação sexual (Pascoal et al., 2014). Torna-se, deste modo, relevante não só desenvolver revisões da literatura na área (por exemplo, Santos & Meneses, submetido), mas também recolher dados que permitam confirmar/informar resultados prévios, robustecendo os componentes teóricos e práticos deste domínio.

A satisfação sexual é um constructo psicológico alvo de múltiplas definições, várias operacionalizações, com progressiva relevância na avaliação da qualidade de vida, uma vez que questionar um indivíduo sobre a sua satisfação sexual, implica uma série de reflexões sobre as suas qualidades interpessoais, incluindo a qualidade da sua intimidade relacional e a experiência sexual (McClelland, 2010).

Num estudo qualitativo, Pascoal et al. (2014), com uma amostra de 760 pessoas heterossexuais a vivenciar um relacionamento de compromisso, analisaram as respostas, escritas, dadas à questão “Como define a satisfação sexual?”. Os resultados revelaram que a satisfação sexual está relacionada com o processo relacional e o bem-estar sexual pessoal. Os autores referem que os aspetos que os participantes, de ambos os sexos, mais enfatizaram foram: o prazer individual e

mútuo, a frequência das relações sexuais, os sentimentos positivos e as vivências durante a atividade sexual.

Uma das dimensões intimamente relacionadas com a satisfação sexual são as **sensações sexuais**, variadas e prazerosas (Carpenter, Nathanson, & Kim, 2009; Stulhofer, 2003, citado por Stulhofer et al., 2010), indicador do prazer sexual, sendo uma das principais motivações na recorrência dos contactos sexuais (Stulhofer et al., 2010), tornando-se num ciclo virtuoso: o prazer traz mais sexo e mais sexo dá mais prazer (Hurbert & Apt, 1994, citado por Stulhofer et al., 2010).

Kalichman et al. (1994) referem a busca de sensações sexuais como uma tendência do indivíduo para preferir estímulos novos para atingir níveis elevados de excitação sexual e, conseqüentemente, envolver-se em novas experiências sexuais.

A busca de sensações consiste em quatro dimensões: busca de emoção e aventura, buscas de experiências, desinibição e a suscetibilidade de tédio (Coulter, 2007), sendo um termo, muitas vezes, atribuído a pessoas que participam em condutas de risco, tendo sido associado a comportamento de risco sexual (Sheer & Welch Cline, 1995, citado por Coulter, 2007).

Outra dimensão essencial no estudo da satisfação sexual são as **características relacionais** (Sánchez-Fuentes, Salinas, & Sierra, 2016). Muitos estudos demonstram que a satisfação sexual está associada com a satisfação com o relacionamento (Henderson, Lehavot, & Simoni, 2009; Sánchez-Fuentes & Sierra, 2015) o funcionamento sexual e suporte sexual (Henderson et al., 2009). A conexão entre o bem-estar sexual e os processos diádicos demonstra que a satisfação sexual dentro dos relacionamentos é um conceito bidimensional, em que as dimensões pessoais e relacionais são interinfluentes (Pascoal et al., 2014).

Na dinâmica inter-relacional, as habilidades sociais são parte dos componentes do desempenho social, qualificando a competência desse desempenho, ao aludir à capacidade do indivíduo para organizar sentimentos, pensamentos e comportamentos em função dos seus valores e objetivos, articulando-os com o

contexto social no qual está integrado e às suas necessidades (Del Prette & Del Prette, 2001).

Del Prette e Del Prette (2001) propuseram um modelo no qual as habilidades sociais são organizadas em classes e subclasses, nomeadamente, habilidades sociais de comunicação, de assertividade, de empatia, de expressão de sentimentos positivos, entre outras. Porém, a avaliação das habilidades sociais deverá ter em atenção que as mesmas são culturalmente determinadas, são contextuais e são socialmente aprendidas (Del Prette & Del Prette, 2013).

Na literatura consultada, não foram encontradas pesquisas sobre a relação entre a satisfação sexual e as habilidades sociais. No entanto, particularizando as habilidades sociais, foram identificados alguns estudos.

Arturo (2006), recorrendo a uma amostra totalmente homogénea quanto à representatividade de ambos os sexos, de 200 estudantes universitários, com uma idade média de 19 anos (18-25), objetivando estudar a relação entre o grau de assertividade sexual e o grau de **satisfação sexual**, verificou uma correlação direta entre ambas, concluindo que a **assertividade** é necessária para ter relações sexuais seguras, plenas e satisfatórias. Complementarmente, o autor constatou que esta correlação é mais forte no sexo feminino.

Num outro estudo, Litzinger e Gordon (2007) utilizando uma amostra de 387 casais de duas cidades americanas, com idade média de 42,2 anos no sexo feminino e 44,2 anos no sexo masculino, pretenderam explorar a relação entre a satisfação sexual e a **comunicação** e se estas contribuíam para a **satisfação conjugal**, apurando uma correlação estatisticamente significativa entre a comunicação e a satisfação sexual.

Relativamente ao papel do sexo na satisfação sexual, os estudos têm revelado resultados contraditórios. Alguns estudos têm demonstrado que o sexo feminino tem um nível de satisfação sexual superior ao do sexo masculino (Ojanlatva, Helenius, Rautava, Ahvenainen, & Koskenvuo, 2003; Rehman, Rellini,

& Fallis, 2011), outros, no entanto, concluem que os homens são mais satisfeitos sexualmente (Carpenter, Nathanson, & Kim, 2009; Litzinger & Gordon, 2007; Peterson & Hyde, 2010). Todavia, há estudos nos quais não se verificam diferenças entre os sexos relativamente à satisfação sexual (Pereira, Fávero, Barbosa-Ducharne, Almeida, & Figueiredo, 2015).

Segundo a literatura, tem vindo a ser atribuída uma progressiva importância às características relacionais nos estudos sobre a satisfação sexual, todavia, estas estão inequivocamente relacionadas com as características individuais e as vivências sexuais e não sexuais de cada indivíduo, condicionadas pelo contexto social no qual está integrado.

Com base na literatura da especialidade, o presente estudo tem como objetivos: caracterizar a satisfação sexual; analisar as relações entre satisfação sexual e o estatuto relacional (estar ou não num relacionamento), a frequência das relações sexuais, a busca de sensações sexuais, e habilidades sociais, numa amostra de universitários, e explorar as diferenças em função do sexo.

## **Método**

Este é um estudo descritivo e correlacional, no qual se recorreu a uma amostragem de conveniência e intencional, não probabilística (Maroco & Bispo, 2003).

### **Participantes**

A pesquisa incidiu em estudantes universitários de três instituições de ensino superior da zona norte de Portugal. Constituíram-se como critérios de inclusão na amostra ter idade igual ou superior a 18 anos e a nacionalidade portuguesa.

As características sociodemográficas e clínicas da amostra são apresentadas nas Tabelas 1 a 7.

A amostra foi constituída por 200 indivíduos, com uma idade média de 23,64 anos ( $DP=7,569$ ; 18-66), verificando-se uma heterogeneidade quanto à representatividade dos sexos, predominando o sexo feminino com uns 62,5%, sendo 37% do sexo masculino; todavia 0,5% não respondeu. Quanto à área de residência, a maioria vivia no meio urbano, sendo uma minoria trabalhadores estudantes, como se pode observar na Tabela 1.

**Tabela 1.** Caracterização da Residência e Profissão Amostra por Sexo (N=200)

	Feminino		Masculino		Amostra Total	
	N	%	N	%	N	%
<b>Residência</b>						
Meio Urbano	35	17,5	18	9,0	53	26,5
Meio Rural	90	45,0	50	25,0	141	70,5
Não respondeu	0	0,0	6	3,0	6	3,0
<b>Profissão</b>						
Estudante	102	51,0	39	19,5	141	70,5
Trabalhador-estudante	17	8,5	28	14,0	45	22,5
Não respondeu	6	7,0	7	3,5	14	7,0

No que respeita aos cursos que os participantes estavam a frequentar, a maior parte estudava Criminologia, como é visível na Tabela 2.

**Tabela 2.** Caracterização do Curso Frequentado pela Amostra por Sexo (N=200)

Curso	Feminino		Masculino		Amostra Total	
	N	%	N	%	N	%
Criminologia	40	20,0	23	11,8	63	31,5
Psicologia	42	21,0	11	5,5	54	27,0
Fisioterapia	14	7,0	7	3,5	21	10,5
Engenharia Ambiental	3	1,5	3	1,5	6	3,0
Engenharia Civil	0	0	12	6,0	12	6,0
Engenharia Informática	0	0	11	5,5	11	5,5
Medicina Dentária	26	13,0	7	3,5	33	16,5
Não respondeu	0	0	0	0	0	0,0

No que concerne ao estado civil, no momento em que responderam, a maioria era solteira, como se observa na Tabela 3.

**Tabela 3.** Caracterização do Estado Civil da Amostra por Sexo (N=200)

Estado Civil	Feminino		Masculino		Amostra Total	
	N	%	N	%	N	%
Solteiro/a	71	35,5	39	19,5	111	55,5
Num relacionamento	45	22,5	17	8,5	62	31,0
Casado/União de facto	3	1,5	13	6,5	16	8,0
Divorciado/a	3	1,5	0	0	3	1,5
Não respondeu	3	1,5	5	2,5	8	4,0

Quanto à orientação sexual dos participantes, a maioria era heterossexual, como é referido na Tabela 4.

**Tabela 4.** Caracterização da Orientação Sexual da Amostra por Sexo (N=200)

Orientação Sexual	Feminino		Masculino		Amostra Total	
	N	%	N	%	N	%
Heterossexual	117	58,5	65	32,5	182	91,0
Homossexual	3	1,5	4	2,0	7	3,5
Bissexual	3	1,5	0	0	3	1,5
Outro	0	0	1	0,5	1	0,5
Não respondeu	2	1,0	4	2,0	7	0,0

Em relação à vida sexual, 83,5% (n=167) da amostra afirmou já a ter iniciado, 49% (n=98) do sexo feminino e 34,5% (n=69) do sexo masculino, numa idade média de 16,6 anos ( $DP=2,157$ ; 11-23). Na subamostra do sexo feminino, a média é 17,23 ( $DP=2,16$ ; 12-23), no sexo masculino a média é 15,85 ( $DP=2,35$ ; 11-22). Dos inquiridos, 9,5% (n=19) referem já ter tido uma relação sexual não desejada, sendo estes 4% (n=8) do sexo feminino e 5,5% (n=11) do sexo masculino.

No que concerne aos dados recolhidos sobre a atividade sexual da amostra aquando da resposta ao questionário, a maioria referiu ter relações sexuais. No respeitante à frequência da atividade sexual, 7,5% da amostra referiu ser “quase todos os dias”, a opção mais escolhida “1-3 vezes por semana”, sendo que a maioria relatou que esta era com um parceiro sexual fixo, como é indicado na Tabela 5.

**Tabela 5.** Caracterização da Atividade Sexual da Amostra por Sexo (N=200)

Atividade Sexual	Feminino		Masculino		Amostra Total	
	N	%	N	%	N	%
<b>Tem relações sexuais</b>						
Não	48	24,0	13	6,5	62	31,0
Sim	62	31,0	55	27,5	117	58,5
Não respondeu	15	7,5	6	3,0	21	10,5
<b>Parceiro sexual</b>						
Fixo	62	31,0	41	20,5	103	51,5
Extraconjugal	1	0,5	1	0,5	2	1,0
Ocasional	5	2,5	8	4,0	13	6,5
Múltiplo	0	0	4	2,0	4	2,0
Não respondeu	57	28,5	20	10,0	78	39,0
<b>Frequência de relações sexuais</b>						
Quase todos os dias	5	2,5	10	5,0	15	7,5
1 a 3 vezes por semana	31	15,5	27	13,5	58	29,0
2 a 3 vezes por mês	22	11,0	12	6,0	34	17,0
1 vez por mês	6	3,0	3	1,5	9	4,5
Raramente	10	5,0	6	3,0	16	8,0
Nunca	9	4,5	1	0,5	11	5,5
Não respondeu	42	21,0	15	7,5	57	28,5

Em termos do número de parceiros sexuais, a média da amostra foi de 4,24 ( $DP=5,44$ ; 1-36), não tendo respondido à questão 26,5%. Na subamostra do sexo feminino a média foi de 2,6 ( $DP=2,99$ ; 1-17), e na do sexo masculino, a média foi de 6,98 ( $DP=7,26$ ; 1-36). Da amostra respondente, 91,8% afirmou não ter tido mais de 10 parceiros sexuais.

Quanto ao uso de métodos contraceptivos, a maior parte da amostra declaram usá-los sempre, como se observa na Tabela 6.

**Tabela 6.** Caracterização do Uso de Métodos Contraceptivos da Amostra e por Sexo (N=200)

Uso de métodos contraceptivos	Feminino		Masculino		Amostra Total	
	N	%	N	%	N	%
Sempre	72	36,0	25	12,5	97	48,5
Quase sempre	10	5,0	11	5,5	21	10,5
Algumas vezes	9	4,5	13	6,5	22	11,0
Raramente	1	0,5	5	2,5	6	3,0
Nunca	3	1,5	12	6,0	15	7,5
Não respondeu	30	15,0	8	4,0	39	19,5

No que diz respeito à questão sobre a importância que a sexualidade tem para o equilíbrio pessoal, a maioria da amostra considerava “importante”, sendo também de referir que também a maioria referir que procura informação quando tem dúvidas sobre a temática, como é visível na Tabela 7.

**Tabela 7.** Caracterização da Importância e a Procura de Informação sobre a Sexualidade da Amostra por Sexo (N=200)

Sexualidade	Feminino		Masculino		Amostra Total	
	N	%	N	%	N	%
<b>Procura de informações (dúvidas sobre sexualidade)</b>						
Não	16	8,0	17	8,5	33	16,5
Sim	105	52,5	54	27,0	159	79,5
Não respondeu	4	2,0	3	1,5	8	4,0
<b>Importância da sexualidade para o equilíbrio pessoal</b>						
Muito Importante	30	15,0	31	15,5	61	30,5
Importante	69	34,5	32	16,0	101	50,5
Não muito importante	20	10,0	8	4,0	28	14,0
Nada Importante	3	1,5	2	1,0	6	3,0
Não respondeu	3	1,5	1	0,5	4	2,0

## Material

Neste estudo foram administrados quatro questionários: um Questionário Sociodemográfico e Clínico, a Escala de Busca de Sensações Sexuais, a Nova Escala de Satisfação Sexual e o Inventário de Habilidades Sociais - IHS.<sup>6</sup>

**Questionário Sociodemográfico e Clínico** – o questionário foi elaborado pelas autoras desta investigação, é constituído por 23 itens, contém questões que permitem a recolher dados sociodemográficos tais como género, idade, estado civil, zona de residência, curso, profissão e estatuto profissional, religião; inquirir sobre a temática da saúde: doenças, medicação, consumo de tabaco e álcool e a prática de exercício físico; indagar sobre conteúdos de ordem sexual: orientação sexual,

<sup>6</sup> Por questões éticas, e por indicação da orientadora, uma das cópias das autorizações obtidas e protocolo de avaliação será fornecida, em dossier separado, apenas aos membros do júri da presente Dissertação de Mestrado.

atividade sexual, uso de métodos contraceptivos e sexualidade (a sua importância, procura de informações). No presente estudo apenas algumas das questões foram analisadas, sendo as restantes utilizadas em estudo posterior.

**Nova Escala de Satisfação Sexual - NSSS**, de Stulhofer, Busko e Brouillard, 2010 – é uma escala de autorresposta, constituída por 20 itens, com uma estrutura bidimensional, constituída por duas subescalas: “A” – “Centração no Eu” (itens 1-10) e “B” – “Centração no Parceiro e na Atividade Sexual” (itens 11-20) (Santos Pechorro, et al., 2014). Os itens são ordinais de 5 pontos (de 1 = Nada Satisfeito a 5 = Totalmente Satisfeito), a pontuação total da NSSS é obtida através da soma das pontuações de todos os itens (amplitude 20-100), e para cada uma das subescalas, pelo somatório das pontuações dos seus itens individuais (amplitude 10-50). Valores altos na pontuação da escala correspondem a níveis altos de satisfação sexual.

A NSSS foi validada para a população portuguesa por Santos Pechorro et al. em 2014, tendo sido possível demonstrar a existência de boas propriedades psicométricas, apresentando um alfa de *Cronbach* de 0,96 para a NSSS total, para a Subescala A de 0,95 e a Subescala B de 0,94. No presente estudo, o valor para a consistência interna obtido pelo Alfa de *Cronbach* apresentaram-se semelhantes aos da validação do instrumento, sendo o valor para a escala NSSS total de 0,95, da Subescala A de 0,92 e da Subescala B de 0,91.

**Escala de Busca de Sensações Sexuais - SSSS**, de Kalichman e Rompa, 1995 – é uma escala de autorresposta, unidimensional, constituída por 10 itens, ordinais de 4 pontos (de 1 = Discordo Totalmente a 4 = Concordo Totalmente), a pontuação é a obtida pela soma das pontuações de todos os itens (amplitude 10-40), em que valores altos correspondem a níveis altos de busca de sensações sexuais (Santos Pechorro, et al., 2015). A SSSS avalia a necessidade do indivíduo de ter experiências sexuais variadas, novas e complexas e a vontade em correr riscos pessoais, físicos e sociais, para aumentar as sensações sexuais, pode ser aplicada a ambos os géneros, adultos ou adolescentes.

A SSSS foi validada para a população portuguesa por Santos Pechorro et al. em 2015, tendo demonstrado possuir boas propriedades psicométricas, apresentando um alfa de *Cronbach* de 0,74. No presente estudo, o valor para a consistência interna obtido pelo Alfa de *Cronbach* é semelhante ao da validação do instrumento, sendo de 0,77.

**Inventário de Habilidades Sociais (IHS) de Del-Prette e Del Prette** (2001), adaptado à População Portuguesa, na qual foi efetuada a tradução de português brasileiro para português europeu. É um instrumento de fácil aplicação, de autorresposta, constituído por 38 itens, em que cada um deles descreve uma situação de interação social e uma possível reação à mesma, em que a resposta solicitada é a estimativa que o sujeito faz sobre a frequência com que reage do modo indicado em cada item, numa escala tipo *likert* de 5 pontos (de 0 = nunca ou raramente a 4 = sempre ou quase sempre), objetiva a caracterização do desempenho social em diferentes situações (quotidiano, família, escola, trabalho), avaliando assim o repertório de habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 2011).

O IHS está dividido em cinco subclasses: fator 1 – *enfrentamento e autoafirmação com risco*, é o indicador da assertividade e controle da ansiedade em situações interpessoais que requisitam a autoestima e a afirmação de direitos do indivíduo e a sua capacidade em lidar com as mesmas, é constituído por 11 itens e com pontuação numa amplitude 0-44; fator 2 – *autoafirmação na expressão do afeto positivo*, indicador das habilidades em elogiar familiares e outras pessoas, expressar sentimentos positivos, entre outros, em situações que não envolvam riscos interpessoais, é constituído por 7 itens e com pontuação numa amplitude 0-227; fator 3 – *conversação e desenvoltura social* – descreve a capacidade do sujeito em lidar com situações neutras de aproximação e de desenvoltura social, é constituído por 7 itens e com pontuação numa amplitude 0-28; fator 4 – *autoexposição a desconhecidos ou a situações novas*, envolve a abordagem a pessoas desconhecidas, semelhante ao anterior, mas com um maior risco da reação indesejável do outro, é constituído por 4 itens e com pontuação numa amplitude 0-16; fator 5 – *autocontrole de agressividade em situações aversivas*, avalia a capacidade de reação a estímulos aversivos do interlocutor (descontrole, agressão)

com um controlo razoável da raiva e da agressividade, é constituído por 3 itens e com pontuação numa amplitude 0-12 (Del Prette & Del Prette, 2011).

Dos 38 itens que constituem o IHS, 7 itens não estão incluídos na composição de nenhum dos cinco fatores, e o item 14 está englobado no *score* de dois fatores, sendo estes o fator 1 - *enfrentamento e autoafirmação com risco* e o fator 4 – *autoexposição a desconhecidos ou a situações novas* (Del Prette & Del Prette, 2011).

Os valores de consistência interna obtidos pelo Alfa de *Cronbach* na validação do instrumento para a população brasileira, foram no IHS total de 0,75 e nos fatores, nomeadamente, 0,97 no F1, 0,87 no F2, 0,82 no F3, 0,76 no F4 e 0,74 no F5. No presente estudo, os valores de consistência interna obtidos pelo Alfa de *Cronbach* da escala foram para o IHS total de 0,82, no F1 de 0,73, no F2 de 0,65, no F3 de 0,61, no F4 de 0,36 e F5 de 0,37. Verificou-se que os valores são semelhantes ao do instrumento na maioria das dimensões e, apesar o valor do Alfa de *Cronbach* do IHS total ser superior, nos fatores é ligeiramente inferior, com a ressalva para os valores obtidos no F4 e no F5, que apesar de serem inferiores ao recomendado optou-se pela sua utilização, mas com a respetiva cautela na análise e extrapolação dos resultados obtidos através destes.

## **Procedimento**

Este estudo insere-se num projeto mais amplo Luso-Brasileiro, que está a ser desenvolvido na Universidade Fernando Pessoa, após o parecer positivo da Comissão de Ética e autorização superior, sendo da responsabilidade da segunda autora do presente estudo.

Para o efeito, foram obtidas as autorizações para utilização dos instrumentos.

Após contacto com e autorização dos professores para recolha dos dados em contexto de sala de aula e em grupo, a mesma foi realizada na presença de um ou dois investigadores, durante os períodos letivos de 2015/2016 e 2016/2017, depois da aceitação de participação voluntária dos estudantes e do seu preenchimento do formulário do consentimento informado. A recolha decorreu na modalidade de autoadministração. Todos os potenciais participantes foram informados dos traços estruturantes do projeto, dos seus objetivos e procedimento, da salvaguarda da confidencialidade e anonimato, e que apenas os investigadores teriam acesso às respostas dos instrumentos de avaliação, sendo os participantes livres de recusar ou cessar a participação a qualquer momento, sem quaisquer consequências.

A análise estatística dos dados foi feita através do programa SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*.

Na caracterização da satisfação sexual foi realizado análise descritiva; a verificação da normalidade da distribuição dos dados, prévia às análises inferenciais, foi feita através do teste Kolmogorov-Smirnov (Maroco & Bispo, 2003; Pestana & Gageiro, 2008).

A opção pela utilização dos testes paramétricos atentou ao facto de estes serem bastante robustos, podendo ser aplicados mesmo quando o pressuposto de normalidade não se verifica para todas as dimensões, desde que a grandeza da amostra e subamostras do estudo seja superior a 30, permitindo aplicar o Teorema do Limite Central (Maroco, 2003; Maroco & Bispo, 2003). Quando se pretendeu comparar as médias de duas amostras, foi utilizado o *Test t de Student* (Maroco & Bispo, 2003; Pestana & Gageiro, 2008).

Na análise da relação entre a satisfação sexual e a busca de sensações sexuais e entre a satisfação sexual as habilidades sociais, foi calculado o coeficiente de correlação de *Pearson* (Maroco & Bispo, 2003; Pestana & Gageiro, 2008), tendo-se optado por ter como referência os valores admitidos por Pestana e Gageiro (2008) para a correlação de *Pearson*:  $r < 0,2$  correlação muito fraca;  $0,2 \leq r \leq 0,39$  correlação fraca;  $0,4 \leq r \leq 0,69$  correlação moderada;  $0,7 \leq r \leq 0,89$  correlação

forte;  $0,90 \leq r \leq 1$  correlação muito forte. O nível de significância utilizado para o presente estudo foi de 0,05 (Maroco, 2003; Pestana & Gageiro, 2008).

Tendo como objetivo avaliar os preditores das dimensões da satisfação sexual, foram realizadas regressões lineares múltiplas, pelo método *Enter*; nesse sentido, as variáveis independentes incluídas foram as que se verificaram estar correlacionadas significativamente com a variável dependente (Maroco & Bispo, 2003; Pestana & Gageiro, 2008).

## **Apresentação e Discussão dos resultados**

A NSSS é um instrumento de avaliação da satisfação sexual, indicador pertinente da saúde sexual, apresentando uma forte relação com a satisfação relacional e o ajustamento conjugal, sendo um dos critérios de inclusão na amostra da sua validação o já ter tido um relacionamento sexual (Santos Pechorro et al., 2014). Assim, dos resultados a seguir apresentados, foram excluídos os participantes que relataram ainda não ter tido relações sexuais.

### **Caracterização da Satisfação Sexual**

No que concerne à NSSS, não existindo valores de referência, optou-se por usar como ponto de corte o ponto médio para o *score* NSSS total – 60 e para os *scores* da Subescala A *Centração no Eu* e Subescala B *Centração no Parceiro e na Atividade Sexual* – 30.

Os valores médios obtidos em todos os *scores* situam-se acima do ponto médio e, considerando-se a literatura sobre o instrumento, que refere que valores mais elevados representam níveis elevados de satisfação sexual, podendo oscilar entre 20-100 (*score* global), conclui-se que a amostra tinha níveis elevados de satisfação sexual, em geral e A *Centração no Eu* e B *Centração no Parceiro e na Atividade Sexual* (amplitude 10-50), como se observa na Tabela 8.

Relativamente às diferenças em função do sexo, verifica-se que, na dimensão A *Centração no Eu*, a subamostra do sexo masculino obteve uma pontuação média mais elevada, sendo esta diferença estatisticamente significativa. O mesmo se verificou no *score* NSSS total, todavia, sem se atingir a significância estatística. Contudo, na dimensão B *Centração no Parceiro e na Atividade Sexual* a subamostra do sexo feminino obteve uma pontuação média mais elevada, ainda que a diferença não seja estatisticamente significativa. Estes resultados estão patentes na Tabela 8.

**Tabela 8.** Satisfação Sexual da Amostra por Sexo

		<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
<b>Subescala A</b>	Amostra total	162	40,35	7,088			
	Feminino	94	39,14	7,683	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>P</i>
	Masculino	68	42,01	5,825	-2,710	159,622	<b>0,007</b>
<b>Subescala B</b>	Amostra total	162	40,51	7,004			
	Feminino	94	40,99	7,567	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>P</i>
	Masculino	68	39,84	6,134	1,033	160	0,303
<b>NSSS total</b>	Amostra total	162	80,85	12,990			
	Feminino	94	80,13	14,197	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>P</i>
	Masculino	68	81,85	11,133	-,833	160	0,406

Estes resultados confirmam, maioritariamente, os dos estudos consultados, nos quais foram obtidos níveis elevados de satisfação sexual. Na Subescala B *Centração no Parceiro e na Atividade Sexual*, o *score* do sexo feminino é, usualmente, superior ao masculino; na Subescala A *Centração no Eu* o *score* do sexo masculino é, correntemente, mais elevado do que o do sexo feminino (Stulhofer, et al., 2010) tal como no presente estudo.

Quanto ao *score* total, os resultados dos estudos revistos são contraditórios: alguns referem que o sexo masculino tem um nível superior de satisfação sexual, o que está de acordo com o presente estudo, outros, no entanto, constataam que é o sexo feminino que obtém um *score* mais elevado. Analisando mais detalhadamente os resultados desses estudos, em particular os da versão original do instrumento,

uma vez que a amostra era bastante ampla e diversificada, verificou-se que esta discordância está diretamente relacionada com a diferença dos *scores* entre os dois sexos, que no presente estudo é estatisticamente significativa, na Subescala A *Centração no Eu*.

Dado a NSSS ser uma escala relacional e bidimensional, os resultados corroboram alguns estudos que referem que a mulher, na satisfação sexual, valoriza os aspetos não sexuais e o agradar o parceiro, relativizando o seu prazer físico (Basson, 2001; Reis & Kobayashi, 2015; Teira 2010).

### **Relação entre Satisfação Sexual e Estatuto Relacional**

Para a analisar a relação entre satisfação sexual com o estatuto relacional, as categorias deste estatuto foram recodificadas em duas: estar ou não num relacionamento, em concordância com a literatura. Assim, os “divorciados” e os “solteiros” foram agrupados na categoria “não estar num relacionamento”, e os “casado/união de facto” foram agregados na categoria “estar num relacionamento” (Litzinger & Gordon, 2007).

Relativamente aos indicadores de satisfação sexual em função da variável estatuto relacional, constatou-se que, na Subescala B *Centração no Parceiro e na Atividade Sexual*, os participantes (amostra total) que estavam num relacionamento obtiveram uma pontuação média mais elevada dos que os que não estavam num relacionamento, sendo esta diferença estatisticamente significativa, o que também se verificou na subamostra do sexo feminino. Quanto aos restantes *scores* da escala, ainda que sem atingir a significância estatística, a pontuação média obtida pelos participantes (amostra total e subamostras) que estavam num relacionamento é mais elevada do que a dos que não estavam, como está patente na Tabela 9.

**Tabela 9.** Satisfação Sexual em função do Estatuto Relacional da Amostra por Sexo

		Não está num relacionamento		Está num relacionamento		<i>t</i>	gl	<i>p</i>
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Subescala A	Amostra Total	40,29	6,81	40,93	6,55	-0,594	153	0,554
	Feminino	39,02	7,31	39,66	6,94	-0,426	89	0,671
	Masculino	42,00	5,75	42,86	5,46	-0,611	62	0,543
Subescala B	Amostra Total	39,73	7,24	42,01	5,25	-2,264	147,195	<b>0,025</b>
	Feminino	39,66	8,18	42,84	4,73	-2,289	74,545	<b>0,025</b>
	Masculino	39,83	5,84	40,76	5,81	-0,635	62	0,527
NSSS Total	Amostra Total	80,02	13,15	82,95	10,21	-1,890	155	0,061
	Feminino	78,68	14,75	82,50	10,11	-1,431	89	0,156
	Masculino	81,83	10,57	83,62	10,50	-0,677	62	0,501

Segundo a literatura consultada, uma das variáveis cada vez mais referenciadas nos estudos sobre a satisfação sexual é o relacionamento, estando interligada com a qualidade da relação conjugal (Barrientos & Páez, 2006), o que é confirmado pelos resultados obtidos no presente estudo. Todavia, o facto de apenas de verificarem diferenças estatisticamente significativa na Subescala B *Centração no Parceiro e na Atividade Sexual* no sexo feminino e (consequentemente) na amostra total, provavelmente pela heterogeneidade da mesma, poderá ser um indicador da relevância que a díada relacional tem na satisfação sexual da mulher, corroborando alguns estudos (Cibrián-Llenderal, Cadena-Barajas, Cuervo-Ledesma, & Martínez-Fuentes, 2016; Vilarinho, 2010).

### **Relação entre Satisfação Sexual e Frequência das Relações Sexuais**

Na análise da relação entre a satisfação sexual e a frequência das relações sexuais, dada a dispersão dos participantes por cada um dos seis subgrupos, optou-se por reagrupar os mesmos em dois, considerando a sua semelhança: no grupo “muito frequente” foram incluídos os que responderam “quase todos os dias” e “2 a 3 vezes por semana”, os restantes integraram o grupo “pouco frequente”.

Quanto à satisfação sexual em função da frequência das relações sexuais, verificou-se nas três dimensões da escala, que a pontuação média mais elevada foi

obtida pelos participantes (amostra total) com “muita frequência” de relações sexuais, sendo a diferença estatisticamente significativa: Na subamostra do sexo feminino os resultados obtidos foram idênticos, no entanto, na Subescala A *Centração no Eu* sem significância estatística. Quanto à subamostra do sexo masculino, os resultados obtidos seguem a mesma tendência dos já referidos, porém sem nunca se atingir a significância estatística, como é visível na Tabela 10.

**Tabela 10.** Satisfação Sexual em função da Frequência das Relações Sexuais da Amostra por Sexo

		Muito Frequente		Pouco Frequente		t	gl	p
		M	DP	M	DP			
Subescala A	Amostra Total	42,33	5,69	39,98	6,54	2,201	121,899	<b>0,030</b>
	Feminino	41,60	5,56	39,15	6,59	1,733	74	0,087
	Masculino	43,03	5,77	41,62	6,28	0,865	56	0,391
Subescala B	Amostra Total	42,39	5,67	40,26	5,75	2,152	128,466	<b>0,033</b>
	Feminino	43,60	4,74	41,05	5,41	2,190	73,942	<b>0,032</b>
	Masculino	41,24	6,27	38,71	6,21	1,480	56	0,144
NSSS Total	Amostra Total	84,72	9,84	80,24	10,93	2,477	124,009	<b>0,015</b>
	Feminino	85,20	8,24	80,20	10,78	2,288	73,146	<b>0,025</b>
	Masculino	84,27	11,25	80,33	11,45	1,273	56	0,208

De um modo global, os resultados obtidos confirmam os dados da literatura que apresentam a frequência das relações sexuais como uma variável significativa da satisfação sexual. Particularizando o sexo feminino, os resultados seguem a linha dos estudos que referem que uma maior frequência das relações sexuais proporciona uma maior satisfação sexual (Granero, 2010; Teira, 2010; Vilarinho, 2010), que poderá ser advindo duma aprendizagem da mulher sobre como agradar o seu companheiro e da sua própria satisfação sexual.

### **Relação entre Satisfação Sexual e Busca de Sensações Sexuais**

No que concerne à satisfação sexual da amostra em relação à busca de sensações sexuais, verificaram-se correlações estatisticamente significativas positivas da Subescala A *Centração no Eu* e da NSSS total com a SSSS, na amostra total e nas subamostras dos dois sexos. Na subamostra do sexo masculino também

se verificou uma correlação estatisticamente significativa positiva entre a na Subescala B *Centração no Parceiro e na Atividade Sexual* e a SSSS, conforme é demonstrado pela Tabela 11.

**Tabela 11.** Correlações entre a Satisfação Sexual e a Busca de Sensações Sexuais da Amostra por Sexo

NSSS	SSSS					
	Amostra Total		Feminino		Masculino	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
Subescala A	0,344	<b>0,000</b>	0,283	<b>0,006</b>	0,311	<b>0,012</b>
Subescala B	0,133	0,097	0,119	0,254	0,298	<b>0,016</b>
NSSS total	0,264	<b>0,001</b>	0,221	<b>0,033</b>	0,328	<b>0,008</b>

Os resultados confirmam os dados de alguns estudos que referem o prazer sexual como sendo uma das variáveis associadas à satisfação sexual (Stulhofer et al., 2010), sendo por isso um resultado expectável, inclusive pela existência duma sobreposição parcial de constructos nas dimensões analisadas (Santos Pechorro et al., 2015). O prazer mútuo foi identificado por Pascoal et al (2014) como uma dimensão associada à satisfação sexual nos dois sexos, porém, no presente estudo apenas se verificou tal correlação no sexo masculino, corroborando outros estudos que referem que a mulher valoriza os aspetos não sexuais (Granero, 2010).

### **Relação entre Satisfação Sexual e Habilidades Sociais**

No que diz respeito à satisfação sexual em relação às habilidades sociais, constatarem-se existirem 19 correlações estatisticamente significativas positivas, nomeadamente, sete na amostra total, duas na subamostra do sexo feminino e dez na subamostra do sexo masculino.

Entre a Subescala A *Centração no Eu* e o F1. *Enfrentamento e autoafirmação com risco*, verificaram-se correlações na amostra total, no sexo feminino e no sexo masculino. Entre a Subescala A *Centração no Eu* e o F2. *Autoafirmação na expressão do afeto positivo*, o F5. *Autocontrolo de agressividade*

em situações aversivas e o IHS total, verificaram-se correlações na amostra total e no sexo masculino. Entre a Subescala B *Centração no Parceiro e na Atividade Sexual* e o F2. *Autoafirmação na expressão do afeto positivo* e o IHS total encontraram-se correlações no sexo masculino.

Quanto à NSSS total, verificaram-se correlações deste score com o F1. *Enfrentamento e autoafirmação com risco* na amostra total e nos dois sexos, com o F2. *Autoafirmação na expressão do afeto positivo* e o IHS total na amostra total e no sexo masculino e com a F5. *Autocontrole de agressividade em situações aversivas* apenas no sexo masculino, como está patente na Tabela 12.

**Tabela 12.** Correlações entre Satisfação Sexual e Habilidades Sociais da Amostra por Sexo

	F1. Enfrentamento e autoafirmação com risco		F2. Autoafirmação na expressão do afeto positivo		F3. Conversação e desenvoltura social		F4. Autoexposição a desconhecidos ou a situações novas		F5. Autocontrole de agressividade em situações aversivas		IHS total	
	<i>r</i>	<i>P</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>
<b>Subescala A</b>												
Amostra total	<b>0,312</b>	<b>0,000</b>	<b>0,230</b>	<b>0,003</b>	-0,005	0,950	0,089	0,265	<b>0,179</b>	<b>0,023</b>	<b>0,285</b>	<b>0,000</b>
Feminino	<b>0,232</b>	<b>0,025</b>	0,172	0,099	-0,007	0,946	0,052	0,622	0,044	0,672	0,197	0,059
Masculino	<b>0,330</b>	<b>0,006</b>	<b>0,361</b>	<b>0,003</b>	-0,012	0,922	0,130	0,295	<b>0,342</b>	<b>0,005</b>	<b>0,391</b>	<b>0,001</b>
<b>Subescala B</b>												
Amostra total	0,135	0,089	0,154	0,051	0,008	0,917	0,058	0,467	0,053	0,506	0,136	0,085
Feminino	0,195	0,061	0,021	0,843	-0,046	0,658	0,059	0,575	-0,024	0,822	0,083	0,428
Masculino	0,149	0,229	<b>0,334</b>	<b>0,006</b>	0,085	0,492	0,071	0,571	0,222	0,071	<b>0,271</b>	<b>0,026</b>
<b>NSSS total</b>												
Amostra total	<b>0,246</b>	<b>0,002</b>	<b>0,212</b>	<b>0,007</b>	0,002	0,983	0,081	0,310	0,128	0,106	<b>0,232</b>	<b>0,003</b>
Feminino	<b>0,233</b>	<b>0,024</b>	0,107	0,309	-0,029	0,783	0,060	0,566	0,012	0,909	0,154	0,141
Masculino	<b>0,255</b>	<b>0,037</b>	<b>0,374</b>	<b>0,002</b>	0,041	0,741	0,107	0,389	<b>0,302</b>	<b>0,013</b>	<b>0,355</b>	<b>0,003</b>

Na análise destes resultados deverá ser tido em consideração que o IHS está em fase de validação, tendo este sido um estudo preliminar do mesmo, mais estudos terão que ser realizados e, eventualmente, poderão ainda ocorrer alterações na sua estrutura, a fim de adequar as classes comportamentais aos padrões culturais do país (Del Prette & Del Prette, 2013).

O fator 1 *Enfrentamento e autoafirmação com risco* é um indicador da assertividade em situações de relacionamento interpessoal, sendo esta a classe comportamental que apresentou mais correlações estatisticamente significativas com as dimensões da NSSS, quer na amostra total, quer nas subamostras dos dois sexos, corroborando alguns estudos prévios, que a referem como uma das variáveis diretamente relacionadas com a satisfação sexual (Arturo, 2006; Sánchez-Fuentes et al., 2014).

Alguns dos resultados obtidos não foram de encontro ao esperado, como por exemplo, a escassez de correlações entre a Subescala B *Centração no Parceiro e na Atividade Sexual* e as habilidades sociais, dado que o constructo desta dimensão aborda características relacionais; ou a correlação negativa entre a Subescala A *Centração no Eu* e o F3 *Conversação e desenvoltura social*, que se poderá atribuir ao facto da idade da amostra ser, maioritariamente, entre os 18 e 23 anos (fase de claro desenvolvimento), terem relacionamentos que se espera ainda de pouca duração, acrescido ao facto da vida académica ser, ocasionalmente, um impeditivo do fortalecimento do vínculo emocional e relacional, não permitindo ainda o desenvolvimento dum bom reportório de habilidades sociais neste campo. Por outro lado, serão também aspetos a serem considerados na validação do IHS e na sua adequação à cultura portuguesa.

Considerando-se as correlações encontradas na análise efetuada, recorreu-se à regressão múltipla com os fatores das habilidades sociais que apresentaram correlações estatisticamente significativas com as dimensões da satisfação sexual, objetivando verificar a sua intensidade preditiva.

Em relação a Satisfação Sexual – *Centração no Eu* da amostra total, o modelo de regressão é significativo ( $F(3,156)=6,765$ ;  $p<0,001$ ) e explica 9,8% da sua variância. O fator *Enfrentamento e autoafirmação com risco* foi o único fator que evidenciou de forma positiva uma predição significativa, observável na Tabela 13.

**Tabela 13.** Preditores do Satisfação Sexual – *Centração no Eu* da amostra total

	B	t	F	R <sup>2</sup> <sub>ajustado</sub>
<i>Enfrentamento e autoafirmação com risco</i>	0,258	3,117**		
<i>Autoafirmação na expressão de afeto positivo</i>	0,130	1,507	6,765	0,098
<i>Autocontrole de agressividade em situações aversivas</i>	0,027	0,308		

\* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\* p < 0,001

No que respeita à subamostra do sexo feminino, na Tabela 14, observa-se que o modelo é significativo (F(1,91)=5,181; p < 0,05) e explica 4,3 % da variância da Satisfação Sexual – *Centração no Eu*. O fator 1. *Enfrentamento e autoafirmação com risco* evidenciou de forma positiva uma predição significativa.

**Tabela 14.** Preditores da NSSS A no sexo feminino

	B	T	F	R <sup>2</sup> <sub>ajustado</sub>
<i>Enfrentamento e autoafirmação com risco</i>	0,232	2,276*	5,181	0,043

\* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\* p < 0,001

No que concerne à subamostra no sexo masculino, na Tabela 15, observa-se que o modelo de regressão não é explicativo, uma vez que nenhum dos fatores das habilidades sociais se mostrou de forma estatisticamente significativa preditor da Satisfação Sexual – *Centração no Eu*.

**Tabela 15.** Preditores da Satisfação Sexual – *Centração no Eu* do Sexo Masculino

	β	t	F	R <sup>2</sup> <sub>ajustado</sub>
<i>Enfrentamento e autoafirmação com risco</i>	0,154	1,168		
<i>Autoafirmação na expressão de afeto positivo</i>	0,240	1,937	5,267	0,162
<i>Autocontrole de agressividade em situações aversivas</i>	0,185	1,406		

\* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\* p < 0,001

Para a Satisfação Sexual – *Centração no Outro e na Atividade Sexual* da subamostra do sexo masculino, o modelo de regressão é significativo (F(1,65)=8,160; p<0,01) e explica 9,8% da sua variância. O F2. *Autoafirmação na expressão de afeto positivo* evidenciou de forma positiva uma predição significativa, visível na Tabela 16.

**Tabela 16.** Preditores Satisfação Sexual – *Centração no Outro e na Atividade Sexual do Sexo Masculino*

	$\beta$	t	F	$R^2_{ajustado}$
<i>Autoafirmação na expressão de afeto positivo</i>	0,334	2,857**	8,160	0,098

\* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\* p < 0,001

Para a Satisfação Sexual Total da amostra total, o modelo de regressão é significativo ( $F(2,157) = 6,746$ ;  $p < 0,01$ ) e explica 6,7 % da variância. O fator *Enfrentamento e autoafirmação com risco* evidenciou de forma positiva uma predição significativa, observável na Tabela 17.

**Tabela 17.** Preditores do Satisfação Sexual Total da Amostra Total

	$\beta$	T	F	$R^2_{ajustado}$
<i>Enfrentamento e autoafirmação com risco</i>	0,197	2,421**		
<i>Autoafirmação na expressão de afeto positivo</i>	0,145	1,774	6,746	0,067

\* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\* p < 0,001

Quanto à subamostra do sexo feminino, na Tabela 18, observa-se que o modelo de regressão é significativo ( $F(1,91) = 5,240$ ;  $p < 0,05$ ) e explica 4,4 % da variância da Satisfação Sexual Total. O fator *Enfrentamento e autoafirmação com risco* evidenciou de forma positiva uma predição significativa.

**Tabela 18.** Preditores do Satisfação Sexual Total do Sexo Feminino

	$\beta$	t	F	$R^2_{ajustado}$
<i>Enfrentamento e autoafirmação com risco</i>	0,233	2,289*	5,240	0,044

\* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\* p < 0,001

Em relação à subamostra do sexo masculino, na Tabela 19, observa-se que o modelo de regressão é significativo ( $F(3,63) = 4,509$ ;  $p < 0,01$ ) e explica 13,8 % da variância da Satisfação Sexual Total. O F2 *Autoafirmação na expressão do afeto positivo* evidenciou de forma positiva uma predição significativa.

**Tabela 19.** Preditores do Satisfação Sexual Total do Sexo Masculino

	$\beta$	t	F	$R^2_{ajustado}$
<i>Enfrentamento e autoafirmação com risco</i>	0,069	0,516		
<i>Autoafirmação na expressão de afeto positivo</i>	0,290	2,309*	4,509	0,138
<i>Autocontrole de agressividade em situações aversivas</i>	0,168	1,259		

\* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\* p < 0,001

Após a análise de regressão múltipla realizada, verificou-se a rejeição da hipótese nula, aceitando-se, assim, que os *scores* da escala da satisfação sexual podem ser modelados por preditores.

Apesar da existência de várias correlações entre os *scores* da satisfação sexual e de habilidades sociais, apenas algumas apresentaram intensidade significativa na predição da satisfação sexual.

No que diz respeito à capacidade de predição das habilidades sociais em relação à satisfação sexual, verificou-se que o *Enfrentamento e autoafirmação com risco* e o *Autoafirmação na expressão de afeto positivo* foram os fatores com a maior capacidade preditiva, salientando-se que o fator *Enfrentamento e autoafirmação com risco* foi o mais recorrente, assim como o que apresentou uma maior significância estatística.

Na literatura consultada, não foi identificado nenhum estudo que explorasse a capacidade preditiva das habilidades sociais em relação à satisfação sexual.

## **Conclusão**

Face aos resultados obtidos e respectivas análises dos mesmos, conclui-se que estes corroboram os dados da literatura da especialidade, constatando-se a relevância das características relacionais, não-sexuais e sexuais, para a satisfação sexual, em ambos os sexos.

Todo o processo do presente estudo reforça os estudos de alguns autores, que aludem à complexidade das pesquisas no campo da satisfação sexual, reportando a escassez de conceitos consensuais, a multiplicidade de variáveis, a discrepância de indicadores, e um grande número de medidas do constructo.

Ao refletir sobre esta circunstância, poder-se-á concluir que a satisfação sexual é, realmente, uma dimensão individual e subjetiva, dependente da leitura que cada indivíduo faz das suas experiências sexuais e não sexuais, qual a significância que lhes atribui, que, de algum modo, estará condicionado pelos padrões culturais da sociedade em que está inserido.

Quanto às limitações do estudo, pode referir-se o desequilíbrio de efetivos da amostra quanto ao sexo, o que não permitiu uma boa análise das diferenças entre os sexos, condicionando alguns resultados da amostra total; a extensão do protocolo, constituído por vários questionários, poderá ter levado ao cansaço dos participantes, influenciando as respostas aos mesmos; a recolha dos dados ter sido realizada em contexto de sala de aula poderá, de algum modo, ter inibido os participantes nas questões sobre a sexualidade, uma vez que nem sempre tinham a privacidade necessária.

Em futuros estudos, seria favorável o alargamento da amostra, a fim de obter mais dados, quer seja a nível sociodemográfico, quer a nível das atividades sexuais, acrescentando, assim, um maior e melhor entendimento sobre o impacto da satisfação sexual no bem-estar individual.

Conclusivamente, tanto quanto foi possível apurar, pode afirmar-se que o presente estudo relaciona uma nova variável com a satisfação sexual: as habilidades sociais. Apesar do IHS estar ainda em fase de validação para a população portuguesa, obtiveram-se alguns resultados pertinentes a serem desenvolvidos em futuras investigações sobre a temática, surgindo como mais um contributo na compreensão das vivências relacionais e sexuais.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Para facilitar a leitura da presente Dissertação de Mestrado, as referências bibliográficas do presente capítulo/artigo foram remetidas para o final da Dissertação, encontram-se a partir da página 134.

## **CONCLUSÃO GERAL**

---

## **Conclusão**

O termo sexualidade refere-se a uma dimensão fundamental do ser humano, com base no sexo, incluindo a identidade sexual e o género, a orientação sexual, a vinculação afetiva e o amor, a reprodução e o erotismo.

A sexualidade pode ser vivenciada de diversos modos, podendo o indivíduo ser (predominantemente) heterossexual, homossexual ou bissexual, casado ou solteiro, com ou sem uma relação de compromisso, com um ou mais parceiros sexuais, com ou sem atividade sexual, com ou sem masturbação, etc., em qualquer momento do seu percurso de vida, ao longo do ciclo vital, sendo importante que este sinta que é o responsável, com liberdade, pela sua vida sexual, pelas suas decisões, pelo seu próprio bem-estar sexual, pessoal e social.

O presente estudo propôs-se explorar duas dimensões de distintas áreas da Psicologia, a satisfação sexual e as habilidades sociais, ambas com características interpessoais e relacionais, e analisar a sua relação, tendo por base o campo da sexualidade.

No Capítulo I, cujo objetivo foi, através de uma revisão narrativa da literatura, definir as habilidades sociais e explorar a sua avaliação e treino, com enfoque em estudantes universitários, constatou-se que as habilidades sociais evidenciam-se numa adaptação académica bem-sucedida. A avaliação mostra-se crucial neste processo, proporcionando a identificação dos défices, que poderão ser colmatados através do treino.

O Capítulo II surge após a referida revisão narrativa, a qual abordou conceptualmente as habilidades sociais destacando a sua avaliação, com o objetivo de empreender uma revisão sistemática de estudos sobre habilidades sociais em adolescentes e adultos, e identificar quais os instrumentos mais utilizados na avaliação das mesmas, concluindo-se que, maioritariamente, os estudos selecionados foram realizados no Brasil e recorrendo ao IHS.

Refere-se ainda que, face à análise dos resultados obtidos, nos estudos que incluíam programas de intervenção, as habilidades sociais mais correntemente propostas a desenvolver nos mesmos são as comunicativas, as empáticas e as de expressão de sentimentos positivos.

O Capítulo III, com o objetivo de abordar a sexualidade humana, evidenciando a satisfação sexual, retratou as conceptualizações, mais amplamente aceites e utilizadas na investigação e prática clínica, da resposta sexual humana e da satisfação sexual, identificando alguns estudos empíricos. Constatou-se uma multiplicidade de variáveis associadas à satisfação sexual, sendo os fatores individuais, interpessoais e a satisfação no relacionamento os seus preditores mais salientados pela literatura.

Todavia, verificou-se alguma escassez de estudos e divergências conceptuais, indicando ser esta uma área de investigação bastante complexa, dificultada pela quantidade de instrumentos de avaliação existente, inviabilizando a comparação de estudos empíricos.

O Capítulo IV descreve o estudo empírico delineado de modo a confirmar ou infirmar os dados encontrados na literatura sobre a satisfação sexual. Dos resultados obtidos, destaca-se: que a amostra de estudantes universitários avaliada tinha níveis elevados de satisfação sexual, sendo mais elevada no sexo masculino; que o estatuto relacional estava relacionado com a satisfação sexual, que a frequência das relações sexuais estava relacionada com a satisfação sexual, sendo mais relevante no sexo feminino; que a busca de sensações sexuais estava relacionada com a satisfação sexual; que foram encontradas 19 correlações estaticamente significativas positivas entre a satisfação sexual e as habilidades sociais, considerando a amostra total e as subamostras do sexo feminino e masculino, das quais dez foram verificadas no sexo masculino e com diferenças significativas entre os sexos; e que ao aplicar a regressão múltipla, verificou-se que o *Enfrentamento e autoafirmação com risco* e o *Autoafirmação na expressão de afeto positivo* foram os fatores com a maior capacidade preditiva em relação à satisfação sexual.

Perante os resultados obtidos, apurou-se que, na literatura consultada foram sempre encontrados estudos empíricos a confirmá-los, consolidando, todavia, as afirmações de alguns estudiosos da área, que referem a dificuldade em comparar estudos, não só pelo grande número de instrumentos de avaliação da satisfação sexual, mas também pela variabilidade de fatores associados e indicadores contraditórios.

Com base no processo, considera-se que talvez tivesse sido favorável a aplicação do protocolo *on-line*, o que possibilitaria aos respondentes maior privacidade, aumentar o número de participantes, e, eventualmente, acrescentar outras questões sobre a vida sexual, que se consideraram já ser “invasivas” a nível pessoal, para um questionário a ser administrado em sala de aula, e uma maior celeridade na recolha dos dados.

Tendo em mente o principal objetivo do presente estudo, sublinha-se a obtenção de resultados significativos, contribuindo para ampliar o conhecimento de ambas as variáveis principais, pelo que continuar a desenvolver estudos nesta área se afigura relevante e promissor.

Em conclusão, considera-se que o presente estudo contribuiu para a evolução da compreensão sobre a sexualidade humana, quer na ótica da investigação quer na ótica da prática clínica, demonstrando que a satisfação sexual se associa a variáveis individuais, relacionais, comportamentais, sociais e culturais.

A mulher e o homem estão habilitados a obter muito mais das suas próprias vidas sexuais, a envolvimento num relacionamento sexual oferece um espaço imenso no qual podem desenvolver-se e crescer, desde que se predisponham a ter tempo, coragem e honestidade para o fazer. O sexo é uma aprendizagem, é instintivo e natural apenas para a reprodução, pois para o prazer todos têm muito a aprender!

## Comunicações e Publicações Desenvolvidas no Âmbito do Projeto

No decorrer da elaboração da presente dissertação, algumas das revisões da literatura e dados empíricos aqui apresentados deram lugar à realização de artigos científicos/ capítulos de livros de atas, comunicações orais e *posters*, que foram sendo apresentados em congressos. Segue-se a sua listagem:

Santos, C. B., Peixoto, A. C. & Meneses, R. F. (2017). Avaliação das habilidades sociais: uma revisão sistemática da literatura. *E- Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP*, 5, 1-30. Disponível em: <https://www.iscap.ipp.pt/cei/E-REI%20Site/Pages/5.htm> (Capítulo II).

Santos, C. B., Peixoto, A. C., & Meneses, R. F. (no prelo). Adaptação do IHS para Portugal: dados preliminares. *Atas dos Dias da Investigação na UFP, UFP Research Days Proceedings 2017*. Gabinete de Relações Internacionais e Apoio ao Desenvolvimento Institucional. Universidade Fernando Pessoa – Porto.

Peixoto, A. C., Santos, C. B., & Meneses, R. F. (no prelo). Relação entre Habilidades Sociais e Variáveis Sociodemográficas em Universitários. *Atas dos Dias da Investigação na UFP, UFP Research Days Proceedings 2017*. Gabinete de Relações Internacionais e Apoio ao Desenvolvimento Institucional. Universidade Fernando Pessoa – Porto.

Peixoto, A. C., Santos, C. B., & Meneses, R. F. (no prelo). Envelhecimento bem-sucedido. *Atas do 3º Congresso Nacional Conversas de Psicologia / 2ª Conferência Internacional de Envelhecimento Ativo*. Universidade de Coimbra.

Santos, C. B., Peixoto, A. C., & Meneses, R. F. (no prelo). Saúde sexual nos cuidados paliativos: Dados que suscitam reflexão. *Atas do 3º Congresso Nacional Conversas de Psicologia / 2ª Conferência Internacional de Envelhecimento Ativo*. Universidade de Coimbra.

- Santos, C. B., Peixoto, A. C., & Meneses, R. F. (2017, Julho). *Adaptação do IHS para Portugal: dados preliminares*. Comunicação apresentada no evento científico *Dias da Investigação na UFP 2017*. Universidade Fernando Pessoa – Porto
- Peixoto, A. C., Santos, C. B., & Meneses, R. F. (2017, Julho) *Relação entre Habilidades Sociais e Variáveis Sociodemográficas em Universitários*. Comunicação apresentada no evento científico *Dias da Investigação na UFP 2017*. Universidade Fernando Pessoa – Porto.
- Peixoto, A. C., Santos, C. B., & Meneses, R. F. (2016, Novembro). *Envelhecimento bem-sucedido*. Comunicação apresentada no 3º Congresso Nacional Conversas de Psicologia / 2ª Conferência Internacional de Envelhecimento Ativo, Universidade de Coimbra.
- Santos, C. B. & Peixoto, A. C., & Meneses, R. F. (2016, Novembro). *Habilidades Sociais e Satisfação Sexual antes, durante e depois da recuperação*. Comunicação apresentada no X Encontro de Reabilitação, Universidade Fernando Pessoa - Ponte de Lima.
- Santos, C. B., Peixoto A. C., & Meneses, R. F. (2015, Novembro). Avaliação das habilidades sociais: Revisão sistemática da literatura. Comunicação apresentada no Congresso “Uma vida, uma oportunidade de reabilitação, uma relação de ajuda”, Universidade Fernando Pessoa - Ponte de Lima.
- Peixoto, A. C., Santos, C. B., & Meneses, R. F. (2016, Novembro). *Saúde sexual nos cuidados paliativos: Dados que suscitam reflexão*. Poster apresentado no 3º Congresso Nacional Conversas de Psicologia / 2ª Conferência Internacional de Envelhecimento Ativo, Universidade de Coimbra.

Ainda no decorrer da realização da presente dissertação foi submetido um resumo para comunicação oral (acerca do traços de personalidade como preditores de satisfação sexual em mulheres no ensino superior), para o *Woman XXI - International Conference on Woman*, a realizar na Fundação Dr. António Cupertino de Miranda, Porto, em Setembro 2017.

Os trabalhos anteriormente referidos pretenderam ser singelos contributos para o desenvolvimento das temáticas, apresentando-se como oportunidades de divulgação dos estudos a serem realizados e possibilitando, através do seu debate, a ampliação de conhecimentos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

## Referências Bibliográficas - Capítulo I

- Almeida, L. S., & Cruz, J. F. (2010). Transição e adaptação académica: Reflexões em torno dos alunos do 1º ano da Universidade do Minho. *Ensino superior em mudança: Tensões e possibilidades: Actas Congresso Ibérico* (pp. 429-440). Braga: Universidade do Minho. Centro de investigação em Educação (CIEEd).
- Almeida, L. S., Soares, A. P., Guisande, M. A., & Paisana, J. (2007). Rendimento académico no ensino superior: Estudo com alunos do 1º Ano. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxia e Educación, 14*(1), 1138-1663.
- Amaral, V. A., Bravo, M. C., & Messias, T. S. (1996). Desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes portadores de deformidades faciais. *Estudos em Psicologia Campinas, 13*(3), 31-47.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica, 2*(29), 255-267.
- Angélico, A. P., Crippa, J. A., & Loureiro, S. R. (2012). Utilização do Inventário de Habilidades Sociais no diagnóstico do transtorno de ansiedade social. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 25*(3), 467-476. .
- Angélico, A. P., Crippa, J. d., & Loureiro, S. R. (2006). Fobia social e habilidades sociais: uma revisão da literatura. *Interação em Psicologia, 10*(1), 113-125.
- Bandeira, M. (2002). Escala de Avaliação da Competência Social de pacientes psiquiátricos através de desempenho de papéis - EACS. *Avaliação Psicológica, 2*, 159-171.
- Bandeira, M., & Quaglia, M. A. (2005). Habilidades sociais de estudantes universitários: identificação de situações sociais significativas. *Interação em Psicologia, 9*(1), 45-55.

- Bandeira, M., Costa, M. N., Del Prette, Z., Del Prette, A., & Gerke-Carneiro, E. (2000). Qualidades psicométricas do Inventário de Habilidades Sociais (IHS): estudo sobre a estabilidade temporal e a validade concomitante. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 401-419.
- Bandeira, M., Quaglia, M. C., Bachetti, L. S., Ferreira, T. L., & Souza, G. G. (2005). Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, locus de controle e auto-estima em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 22(2), 111-121.
- Bartholomeu, D., Carvalho, L. F., Silva, M. C., Miguel, F. K., & Machado, A. A. (2011). Aceitação e rejeição entre pares e habilidades sociais em universitários. *Estudos de Psicologia*, 16(2), 155-162.
- Bartholomeu, D., Nunes, C. H., & Machado, A. A. (2008). Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. *Psico-USF*, 13(1), 41-50.
- Bolsoni-Silva, A. T. (2002). Habilidades sociais: breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. *Interação em Psicologia*, 6(2), 233-242.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2016). Validação do Questionário de Avaliação de Habilidades Sociais, comportamentos, contextos para universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(2), 1-12.
- Bolsoni-Silva, A. T., Loureiro, S. R., Rosa, C. F., & Oliveira, M. C. (2010). Caracterização das habilidades sociais de universitários. *Contextos Clínicos*, 3(1), 62-75.
- Bolsoni-Silva, A. T., Salina-Brandão, A., Versuti-Stoque, F. M., & Rosin-Pinola, A. R. (2008). Avaliação de um programa de intervenção de habilidades sociais educativas parentais: um estudo-piloto. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 28(1), 18-33.

- Braz, A. C. (2013). *Habilidades sociais e solidariedade intergeracional no relacionamento entre pais idosos e filhos adultos (Tese de Douturamento)*. Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
- Caballo, V. E. (1993). Relaciones entre diversas medidas conductuales y de autoinforme de las habilidades sociales. *Psicologia Conductual*, 1(1), 73-99.
- Caballo, V. E. (1996). *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento*. São Paulo: Santos Editora.
- Caballo, V. E. (2007). *Manual de Evaluación y Entrenamiento de Habilidades Sociales*. Madrid: SIGLO XXI de España Editores.
- Cerutti, P. S., & Wagner, M. F. (2014). Habilidades Sociais no atendimento ao público. *Revista de Psicologia da IMED*, 6(1), 40-46.
- Cia, F., Pereira, C. d., Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filhos. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 73-81.
- Cordier, R., Speyer, R., Chen, Y.-W., Wlikes-Gillan, S., Brown, T., Bourke-Taylor, H., . . . Leicht, A. (2015). Evaluating the Psychometric Quality of Social Skills Measures : A Systematic Review. *PLos ONE*, 10(7), 1-32. doi:10.1371/journal.pone.0132299.
- Couto, G., Hattum, A. C., Vandenberghe, L. M., & Benfica, E. (2005). Tradução, análise semântica e adaptação do Check List of Interpersonal Transactions – Revisado. *Avaliação Psicológica*, 4(1), 45-46.
- Couto, G., Vandenberghe, L., Tavares, W. M., & Silva, R. L. (2012). Interações e habilidades sociais entre universitários: um estudo correlacional. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 29(Sup.), 667s-677s.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2001). *Psicologia das Relações Interpessoais*. Petrópolis: Editora Vozes.

- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2003). No contexto da travessia para o ambiente de trabalho: treinamento de habilidades sociais com universitários. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 413-420.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2006). *Habilidades sociais: Conceitos e campo teórico-prático*. Obtido de <http://www.rihs.ufscar.br>.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A., & Branco, U. V. (1992). Competência social na formação do psicólogo. *Paidéia*, 2, 40-50.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A., Torres, A. C., & Pontes, A. C. (1998). Efeitos de uma intervenção sobre a topografia das habilidades sociais de professores. *Psicologia Escolar e Educacional (Campinas)*, 2(1), 11-22. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85571998000100002> .
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(2), 233-255.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2002). Avaliação de habilidades sociais de crianças com um inventário multimídia: indicadores sociométricos associados a frequência versus dificuldade. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 7(1), 61-73.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2010). Habilidades sociais e análise do comportamento: Proximidade histórica e atualidades. *Revista Perspectivas*, 1(2), 104-115.
- Del Prette, Z. A., Del Prette, A., & Barreto, M. M. (1998). Análise de um Inventário de Habilidades Sociais (IHS) em uma amostra de universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(3), 219-228.
- Del Prette, Z. A., Del Prette, A., & Villa, M. B. (2005). Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, da avaliação e intervenção. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 441-364.

- Del Prette, Z. A., Del Prette, A., Barreto, M. C., Bandeira, M., Rios-Saldaña, M. R., Ulian, A. L. & Villa, B. B. (2004). Habilidades Sociais de Estudantes de Psicologia: Um Estudo Multicêntrico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 341-350.
- Diniz, A. M., & Almeida, L. S. (2006). Adaptação à universidade em estudantes do primeiro ano: Estudo diacrónico da interacção entre o relacionamento com pares, o bem-estar pessoal e o equilíbrio emocional. *Análise Psicológica*, 1(24), 29-38.
- Douaire, J. (2008). *Étude descriptive des habilités sociales déployées lors de sessions de clavardage chez les jeunes: Le cas de la tribu des scientigines (Dissertação de Doutoramento)*. Université du Quebec à Montréal, Canadá.
- Falcone, E. (1999). A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 1(1), 23-32.
- Feitosa, F. B. (2013). Habilidades sociais e sofrimento psicológico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(1), 36-48.
- Freitas, L. C. (2011). *Habilidades sociais de crianças com diferentes necessidades educacionais especiais: comparações múltiplas (Dissertação de Doutoramento)*. Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
- Furtado, E. d., Falcone, E. M., & Clark, C. (2003). Avaliação do estresse e das habilidades sociais na experiência académica de estudantes de medicina de uma universidade do Rio de Janeiro. *Interação em Psicologia*, 7(2), 43-51.
- Garrido, M. V., Azevedo, C., & Palma, T. (2011). Cognição social: fundamentos, formulações actuais e perspectivas futuras. *PSICOLOGIA Edições Colibri*, 25(1), 113-157.
- Gismero, E. (2000). *EHS: Escala de Habilidades Sociais*. Madrid: TEA.

- Gomes, G., & Soares, A. B. (2013). Inteligência, Habilidades Sociais e Expectativas Acadêmicas no Desempenho de Estudantes Universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 780-789.
- Grün, T. B. (2006). Habilidades sociais em portadores de câncer de estômago. *Estudos de Psicologia Campinas*, 23(2), 151-158.
- Jiménez, A. P. (2003). *Habilidades sociales en enfermería: Propuesta de un programa de intervención (Dissertação de Doutoramento)*. Universitat de les Illes Balears, Espanha.
- Lange, A., & Jakubowski, P. (1976). *Responsible assertive behavior*. Champaign, Illinois: Research Press.
- Leal, K. B., Quadros, S. A., & Reis, M. E. (2011). *A terapia cognitivo-comportamental e o treino de habilidades sociais no tratamento da fobia social (Trabalho de Graduação)*. UNIME/Itabuna, Brasil.
- Lemos, M. S., & Meneses, H. I. (2002). A Avaliação da Competência Social: Versão Portuguesa da Forma para Professores do SSRS. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(3), 267-274.
- Lima, D. C., Bandeira, M., Oliveira, M. S., & Tostes, J. G. (2014). Habilidades sociais de familiares cuidadores de pacientes psiquiátricos. *Estudos de Psicologia Campinas*, 31(4), 549-558. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2014000400009>.
- Lima, M. (2005). Atuação psicológica coletiva: uma trajetória profissional em unidade básica de saúde. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 10(3), 431-440.
- Lima, T. H. (2006). Inventário de Habilidades Sociais: Pioneirismo na Avaliação Clínica, Educacional e Organizacional. *Avaliação Psicológica*, 5(2), 277-278.

- Loureiro, C. R. (2011). Treino de competências sociais – uma estratégia em saúde mental: conceptualização e modelos teóricos. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 6, 7-14.
- Loureiro, C. R. (2013). *Competências sociais de estudantes do ensino secundário: construção, implementação e avaliação de um programa de intervenção (Dissertação de Doutoramento)*. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto.
- Lucca, E. d. (2016). *Habilidade Social: uma questão de qualidade de vida*. Obtido de Psicologia.com.pt: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0224.pdf>
- Magalhães, P. P., & Murta, S. G. (2003). Treinamento de habilidades sociais em estudantes de psicologia: um estudo pré-experimental. *Temas em Psicologia da SBP*, 11(1), 28-37.
- McFall, R. M. (1982). A review and reformulation of the concept of social skills. *Behavioral Assessment*, 4(1), 1-33.
- Murta, S. G. (2005). Aplicações do treinamento em habilidades sociais: Análise da produção nacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 283-291.
- Naves, R. M., Rotundo, R. C., Carvalho, K. D., & Baia, F. H. (2011). Treinamento de habilidades sociais em grupo: Uma Intervenção com Tarefas Lúdicas. *Psicologia em Pesquisa*, 5 (1), 39-50.
- Ongaratto, G. L., Grazziotin, J. B., & Scortegagna, S. A. (2016). Habilidades sociais e autoestima em idosos participantes de grupos de convivência. *Psicologia em Pesquisa UFJF*, 10(2), 12-20. doi: 10.5327/Z1982-1247201600020003.
- Padovani, R. C., Schelini, P. W., & Williams, L. C. (2009). Inventário de Resolução de Problemas Sociais: evidências de validade e precisão. *Avaliação Psicológica*, 8(2), 267-276.

- Pasquali, L., & Gouveia, V. V. (1990). Escala de Assertividade de Rathus - RAS: adaptação brasileira. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília*, 6(3), 233-249.
- Pureza, J. R., Souza Rusch, S. G., Wagner, M., & Oliveira, M. d. (2012). Treinamento de Habilidades Sociais em Universitários: uma proposta de intervenção. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8(1), 2-9. doi: 10.5935/1808-5687.20120002.
- Santos, C. B., Peixoto, A. C. & Meneses, R. F. (2017). Avaliação das habilidades sociais: uma revisão sistemática da literatura. *E- Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP*, 5, 1-30. Disponível em: <https://www.iscap.ipp.pt/cei/E-REI%20Site/Pages/5.htm>
- Soares, A. B., & Del Prette, Z. A. (2015). Habilidades sociais e adaptação à universidade: Convergências e divergências dos construtos. *Análise Psicológica*, 2(33), 139-151. doi: 10.14417/ap.911.
- Tavares, C. F. (2014). *Adaptação ao ensino superior, personalidade e optimismo em estudantes universitários do 1º ciclo de estudos (Tese de Mestrado)*. Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Tavares, W. M., Couto, G., & Silva, R. L. (2012). Perfil de relações interpessoais e habilidades sociais de estudantes de psicologia. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 3(1), 75-92.
- Teixeira, M. A., Castro, G. D., & Piccolo, L. R. (2007). Adaptação à universidade em estudantes universitários: Um Estudo Correlacional. *Interação em Psicologia*, 11(2), 211-220.
- Teixeira, M. A., Dias, A. C., Wottrich, S. H., & Oliveira, A. M. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, 12(1), 185-202.

Teixeira, M. O. (2009). Uma medida de auto-eficácia percebida em contextos sociais e académicos. *Psychologia*, 51, 47-55. doi:[http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606\\_51\\_4](http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_51_4).

Teles, L. C., Fernandes, N. F., & Abramides, D. V. (2015). Habilidades sociais em estudantes de jornalismo. *Revista CEFAC*, 17(1), 27-33.

Vagos, P., & Pereira, A. (2010). Escala de Comportamento Interpessoal: Adaptação para a língua portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 8(1), 37-49.

## Referências Bibliográficas - Capítulo II

- Angélico, A. P., & Del Prette, A. (2011). Avaliação do Repertório de Habilidades Sociais de Adolescentes com Síndrome de Down. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(2), 207-217.
- Angélico, A. P., Crippa, J. A., & Loureiro, S. R. (2012). Utilização do Inventário de Habilidades Sociais no Diagnóstico do Transtorno de Ansiedade Social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), 467-476.
- Bartholomeu, D., Carvalho, L. F., Silva, M. C., Miguel, F. K., & Machado, A. A. (2011). Aceitação e rejeição entre pares e habilidades sociais em universitários. *Estudos de Psicologia*, 16(2), 155-162.
- Bartholomeu, D., Montiel, J. M., & Pessotto, F. (2011). Sociometria e habilidades sociais em alunos do ensino médio. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina*, 2(2), 211-228.
- Bartholomeu, D., Nunes, C. H., & Machado, A. A. (2008). Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. *Psico-USF*, 13(1), 41-50.
- Bender, R. S., & Calvetti, P. Ü. (2015). Instrumentos de avaliação psicológica em habilidades sociais. *Revista de Psicologia da IMED*, 7(1), 4-14.
- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, Z. A., Del Prette, G., Montanher, A. P., Bandeira, M., & Del Prette, A. (2006). A área das habilidades sociais no Brasil: uma análise dos estudos publicados em periódicos. In M. Bandeira, Z. A. Del Prette, & A. Del Prette, *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal* (pp. 1-45). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bolsoni-Silva, A. T., Mariano, M. L., Loureiro, S. R., & Bonaccorsi, C. (2013). Contexto escolar: práticas educativas do professor, comportamento e habilidades sociais infantis. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 17(2), 259-269.

- Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M., Pereira, V. A., & Manfrinato, J. W. (2006). Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento de Pré-Escolares: Comparando Avaliações de Mães e de Professoras. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 460-469.
- Bolsoni-Silva, A. T., Salina-Brandão, A., Versuti-Stoque, F. M., & Rosin-Pinola, A. R. (2008). Avaliação de um programa de intervenção de habilidades sociais educativas parentais: um estudo-piloto. *Psicologia, Ciencia e Profissãi*, 28(1), 18-33.
- Carrara, K., & Betetto, M. F. (2009). Formação ética para a cidadania: uma investigação de habilidades sociais medidas pelo inventário de habilidades sociais. *Estudos de Psicologia - Campinas*, 26(3), 337-347.
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças estudo sobre resiliência com crianças. *Estudos de Psicologia Competência Social e Empatia*, 5(1), 71-93.
- Cordier, R., Speyer, R., Chen, Y.-W., Wlikes-Gillan, S., Brown, T., Bourke-Taylor, H., . . . Leicht, A. (2015). Evaluating the Psychometric Quality of Social Skills Measures : A Systematic Review. *PLos ONE*, 10(7). Obtido de PLOS ONE | DOI:10.1371/journal.pone.0132299.
- Couto, G., Vandenberghe, L., Tavares, W. M., & Silva, R. L. (2012). Interações e habilidades sociais entre universitários: um estudo correlacional. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 29 (Supl.), 667-677.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(2), 233-255.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2011). *Inventário de Habilidades Sociais - Manual de aplicação, apuração e interpretação*. Brasil: Editora Casa do Psicólogo.

- Del Prette, Z. A., Del Prette, A., & Villa, M. B. (2005). Habilidades Sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, da avaliação e intervenção. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 441-364.
- Freitas, L. C. (2013). Uma revisão sistemática de estudos experimentais sobre treinamentos de habilidades sociais. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental e Cognitiva*, XV(2), 72-88.
- Gomes, G., & Soares, A. B. (2013). Inteligência, Habilidades Sociais e Expectativas Acadêmicas no Desempenho de Estudantes Universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 780-789.
- Grazziotin, J. B., & Scortegagna, S. A. (2013). Relacionamento interpessoal, produtividade e habilidades sociais: um estudo correlacional. *Psico-USP, Bragança Paulista*, 18(3), 491-500.
- Gresham, F. M., & Elliot, D. N. (2008). *Social Skills Improvement System: Rating Scales*. Bloomington: Pearson Assessments.
- Jeffery, R. (1989). Risk Behaviors and health constrating individual and population perspectives. *American Psychologist*, 44, 1194-1202.
- Júnior, C. A. (2009). Questões em Bioestatística: o tamanho da amostra. *Revista Interdisciplinar de Estudos Experimentais*, 1(1), 26-28.
- Kloster, M. C., Perotta, B., Junior, A. H., Paro, H. B., & Tempski, P. (2013). Sonolência Diurna e Habilidades Sociais em Estudantes de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 37(1), 103-109.
- Lange, A., & Jakubowski, P. (1976). *Responsible assertive behavior*. Champaign, Illinois: Research Press.
- Leme, V. B., & Bolsoni-Silva, A. T. (2010). Habilidades Sociais Educativas Parentais e comportamentos pré-escolares. *Estudos de Psicologia*, 15(2), 161-173.

- Liberati, A., Altman, D. G., Tetzlaff, J., Mulrow, C., Gøtzsche, P. C., Ioannidis, J. P., . . . Moher, D. (2009 Aug 18;151(4):W65-94. Epub 2009 Jul 20 de 2009 Aug 18;151(4):W65-94. Epub 2009 Jul 20 de 2009). The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: explanation and elaboration. *Annals of Internal Medicine*, 151(4), 65-94.
- Lima, D. C., Bandeira, M., Oliveira, M. S., & Tostes, J. G. (2014). Habilidades Sociais de familiares cuidadores de pacientes psiquiátricos. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 31(4), 549-558.
- MacKray, D. (1988). Dificuldades sociais e interpessoais. In H. W. Lettner, & B. P. Rangé, *Manual de Psicologia Comportamental* (pp. 137-148). São Paulo: Malone.
- Magalhães, P. P., & Murta, S. G. (2003). Treinamento de habilidades sociais em estudantes de psicologia: um estudo pré-experimental. *Temas em Psicologia da SBP*, 11(1), 28-37.
- McFall, R. M. (1982). A review and reformulation of the concept of social skills. *Behavioral Assessment*, 4(1), 1-33.
- Miot, H. A. (2011). Tamanho da amostra em estudos clínicos e experimentais. *Jornal Vascular Brasileiro*, 10(4), 275-278.
- Pacheco, J. T., Teixeira, M. A., & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 117-126.
- Pereira, C. S., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2009). Habilidades Sociais de Trabalhadores Com e Sem Deficiência Física. *Psicologia: Teoria e Pesquisam* 25(3), 339-346.
- Pinto, F. N., & Barham, E. J. (2014). Habilidades sociais e estratégias de enfrentamento de estresse: relação com indicadores de bem-estar psicológico

- em cuidadores de idosos de alta dependência. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 17(3), 525-539.
- Rojas, R. (1995). Habilidades Sociais: psicoterapia grupal con pacientes esquizofrenicos cronocos. *Revista de Psicología de la PUCP*, XIII(1), 63-95.
- Rondina, R. C., Martins, R., Manzato, A. J., & Terra, A. P. (2013). Habilidades sociais e dependência nicotínica em universitários fumantes. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14(1), 232-244.
- Sardinha, A., Falcone, E. M., & Ferreira, M. C. (2009). As Relações entre a Satisfação Conjugal e as Habilidades Sociais percebidas no Cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 395-402.
- Tavares, W. M., Couto, G., & Silva, R. L. (2012). Perfil de relações interpessoais e habilidades sociais de estudantes de psicologia. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina*, 3(1), 75-92.
- Teles, L. C., Fernandes, N. F., & Abramides, D. V. (2015). Habilidades sociais em estudantes de jornalismo. *Revista CEFAC*, 17(1), 27-33.
- Teles, L. C., Fernandes, N. F., Romero, C. D., & Abramides, D. V. (2015). Análise comparativa das habilidades sociais dos estudantes de jornalismo e de fonoaudiologia. *Revista CEFAC*, 17(2), 343-348.
- Thompson, S., & Rappe, R. M. (2002). The effect of situational structure on the social performance of socially anxious and non-anxious participants. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 33(2), 91-102.
- Villa, M. B., Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2007). Habilidades sociais conjugais e filiação religiosa: um estudo descritivo. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 23-32.
- Wagner, M. F., & Oliveira, M. S. (2009). Estudo das Habilidades Sociais em Adolescentes usuários de Maconha. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 101-110.

### Referências Bibliográficas - Capítulo III

- Almagia, E. B. (2002). *Psicologia de la Sexualidad*. Chile: Sello Editorial - Universidad de Concepción.
- Barrientos, E. J., & Páez, D. (2006). Psychosocial Variables of Sexual Satisfaction in Chile. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 32, 351-365. doi: 10.1080/00926230600834695.
- Barros, F., & Figueiredo, R. (2014). *Manual de Medicina Sexual - Visão Multidisciplinar*. Lisboa: HSJ Consultores.
- Basson, R. (2000). The Female Sexual Response: A Different Model. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 26(1), 51-65. doi:10.1080/009262300278641.
- Basson, R. (2001). Human Sex-Response Cycles. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 27(1), 33-43. doi: 10.1080/00926230152035831.
- Basson, R. (2005). Women's sexual dysfunction: revised and expanded definitions. *CMAJ*, 172(10), 1327-1333.
- Byers, E. S. (1999). The Interpersonal Exchange Mode I of Sexual Satisfaction: Implications for Sex Therapy with Couples. *Canadian Journal of Counselling*, 33(2), 95-111.
- Byers, E., & Cohen, J. N. (2017). Validation of the Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction With Women in a Same-Sex Relationship. *Psychology of Women Quarterly*, 41(1), 32-45. doi: 10.1177/0361684316679655.
- Carvalho, A. A., & Costa, P. A. (2015). The impact of relational factors on sexual satisfaction among heterosexual and homosexual men. *Sexual and Relationship Therapy*, 30(3), 314-324. doi: 10.1080/14681994.2015.1041372.

- Coelho, C. F. (2011). *Dor, Ansiedade, Depressão e Funcionamento Sexual em mulheres com Fibromialgia (Tese de Mestrado)*. Porto: Faculdade Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa.
- Cunha, A. R. (2017). *Qualidade de Vida e Funcionamento Sexual em indivíduos com Dor Crónica (Tese de Mestrado)*. Porto: Faculdade Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa.
- Fleury, H. J., & Abdo, C. H. (2009). Desejo sexual feminino. *Medicina Sexual - Diagnostico e Tratamento*, 14(1), 47-51.
- Granero, M. (2014). Sexologia basada en la evidencia: historia y actualización. *Revista Costarricense de Psicología*, 33(2), 179-197.
- Henderson, A. W., Lehavot, K., & Simoni, J. M. (2009). Ecological Models of Sexual Satisfaction among Lesbian/Bisexual and Heterosexual Women. *Archives of Sexual Behavior*, 38, 50-65. doi: 10.1007/s10508-008-9384-3.
- Higgins, J. A., Mullinax, M., Trussell, J., Davidson, J., & Moore, N. B. (2011). Sexual Satisfaction and Sexual Health Among University Students in the United States. *American Journal of Public Health*, 101(9), 1643-1654.
- Hyde, J. S., & DeLamater, J. D. (2006). *Sexualidad humana*. México: McGraw-Hill Interamericana.
- Kammerdsiri, W. A., Bartáková, J., & Weiss, P. (2015). *Determinants of Sexual Satisfaction in Men*. Obtido de Research Gate: [https://www.researchgate.net/publication/284633827\\_Determinants\\_of\\_Sexual\\_Satisfaction\\_in\\_Men](https://www.researchgate.net/publication/284633827_Determinants_of_Sexual_Satisfaction_in_Men)
- Lawrence, K.-A., & Byers, E. (1995). Sexual satisfaction in long-term heterosexual relationships: The interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Personal Relationships*, 2, 267-285. doi: 10.1111/j.1475-6811.1995.tb00092.x.

- Leiblum, S. R., & Rosen, R. C. (s.d.). Introduction: Changing perspectives on sexual desire.
- Lins, R. N., & Braga, F. (2005). *O Livro de Ouro do Sexo*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações.
- Marques, F. Z., Chedid, S. B., & Eizerik, G. C. (2008). Resposta Sexual Humana. *Revista de Ciência Médicas de Campinas*, 17(3-6), 175-183.
- McClelland, S. I. (2010). Intimate Justice: A Critical Analysis of Sexual Satisfaction. *Social and Personality Psychology Compass*, 4(9), 663–680. doi: 10.1111/j.1751-9004.2010.00293.x.
- Nobre, P. (2006). *Disfunções sexuais. Teoria, Investigação e Tratamento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Oliveira, F. R. (2014). Saúde Sexual. In F. Barros, & R. Figueiredo, *Manual de Medicina Sexual* (pp. 37-41). Lisboa: HSJ Consultores.
- Pechorro, P. F. (2006). *Funcionamento sexual e ciclo-de-vida em mulheres portuguesas (Tese de Mestrado)*. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Peplau, L. A. (2003). *Human Sexuality: How Do Men and Women Differ?* Los Angeles, California: American Psychological Society.
- Pfaus, J. G., & Scepkowski, L. A. (2005). The Biologic Basis for Libido. *Current Sexual Health Reports*, 2, 95-100.
- Pi, I. C. (2008). *Comportamiento Sexual Humano*. Santiago de Cuba: Editorial Oriente.
- Rathus, S. A., Nevid, J. S., & Fichner-Rathus, L. (2005). *Sexualidad humana 6ª edición*. Madrid: Pearson Educacion, S. A.

- Sánchez, F. L. (2005). Prólogo a la edición española. In S. A. Rathus, J. S. Nevid, & L. Fichner-Rathus, *Sexualidad humana 6ª edición* (pp. XXI-XXIV). Madrid: Pearson Educacion, S. A.
- Sánchez-Fuentes, M., Santos-Iglesias, P., & Sierra, J. C. (2014). A systematic review of sexual satisfaction. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 14*, 67-75.
- Santos, C. B., & Meneses, R. F. (submetido). *Satisfação sexual e correlatos sexuais e não sexuais: Diferenças entre os sexos*.
- Sena, T. (2010). Os relatórios Masters & Johnson: gênero e as práticas psicoterapêuticas sexuais a partir da década de 70. *Estudos Feministas, Florianópolis, 18(1)*, 221-239.
- Sousa, I. M. (2013). *Satisfação Sexual e Qualidade de Vida da Mulher no Climatério (Tese de Mestrado)*. Porto: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa.
- Sprecher, S. (2001). Equity and Social Exchange in Dating Couples: Associations With Satisfaction, Commitment, and Stability. *Journal of Marriage and Family, 63*, 599-623. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00599.x.
- Sprecher, S. (2002). Sexual satisfaction in premarital relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability. *The Journal of Sex Research, 39(3)*, 190-196. doi: 10.1080/00224490209552141.
- Stephenson, K. R., Ahrold, T. K., & Meston, C. M. (2011). The Association Between Sexual Motives and Sexual Satisfaction: Gender Differences and Categorical Comparisons. *Archives of Sexual Behavior, 40*, 607-618. doi: 10.1007/s10508-010-9674-4.
- Stulhofer, A., Busko, V., & Brouillard, P. (2010). Development and Bicultural Validation of the New Sexual Satisfaction Scale. *Journal of Sex Research, 47(4)*, 257-265. doi: 10.1080/00224490903100561.

Teira, B. G. (2010). La respuesta sexual humana. *AMF*, 6(10), 543-546.

Vilarinho, S. M. (2010). *Funcionamento e satisfação sexual feminina. Integração do afecto, variáveis cognitivas e relacionais, aspectos biológico e contextuais (Dissertação de Doutoramento)*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra.

World Association for Sexology. (2014). *Declaration of Sexual Rights*. Obtido de World Association for Sexual Health: [http://www.worldsexology.org/wp-content/uploads/2013/08/declaration\\_of\\_sexual\\_rights\\_sep03\\_2014.pdf](http://www.worldsexology.org/wp-content/uploads/2013/08/declaration_of_sexual_rights_sep03_2014.pdf)

World Health Organization. (1975). *Education and treatment in human sexuality: The training of health professionals. (Technical Report Series, n°572)*. Geneva: World Health Organization.

World Health Organization. (2004). *Progress in Reproductive Health Research, Geneva*. Obtido de World Health Organization: [http://www.who.int/](http://www.who.int/reproductivehealth/publications/general/RHR_04_8/en/)

[reproductivehealth/publications/general/RHR\\_04\\_8/en/](http://www.who.int/reproductivehealth/publications/general/RHR_04_8/en/)

World Health Organization. (2006). *Defining Sexual Health: Report of a technical consultation on sexual health, 28-32, January 2002, Geneva*. Obtido de World Health Organization: [http://www.who.int/reproductivehealth/topics/gender\\_rights/defining\\_sexual\\_health/en](http://www.who.int/reproductivehealth/topics/gender_rights/defining_sexual_health/en)

## Referências Bibliográficas - Capítulo IV

- Arturo, H. E. (2006). Estudio de correlacion entre satisfacción sexual y asertividad sexual. *Archivos Hispanoamericanos de Sexología*, 12(2), 199-216.
- Barrientos, E. J., & Páez, D. (2006). Psychosocial Variables of Sexual Satisfaction in Chile. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 32, 351-365. doi: 10.1080/00926230600834695.
- Byers, E. S. (1999). The Interpersonal Exchange Mode 1 of Sexual Satisfaction: Implications for Sex Therapy with Couples. *Canadian Journal of Counselling*, 33(2), 95-111.
- Carpenter, L. M., Nathanson, C. A., & Kim, Y. J. (2009). Physical Women, Emotional Men: Gender and Sexual Satisfaction in Midlif. *Archives of Sexual Behavior*, 38(1), 87-107. doi: 10.1007/s10508-007-9215-y.
- Cibrián-Llenderal, T., Cadena-Barajas, M., Cuervo-Ledesma, F., & Martínez-Fuentes, E. (2016). Variables sexuales, emocionales y físicas asociadas a la respuesta sexual en mujeres. *Revista de Comunicación Vivat Academia*, 136, 34-51.
- Coulter, A. (2007). *Sexual sensation seeking and self-efficacy's relationship to sexual risk taking behavior*. California: The Faculty of Humboldt State University.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2001). *Psicologia das Relações Interpessoais*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2001). *Inventário de Habilidades Sociais - Manual de aplicação, apuração e interpretação*. Brasil: Editora Casa do Psicólogo.

- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2013). Social Skills Inventory (SSI-Del-Prette): Characteristics and Studies in Brazil. In F. L. Osório, *Social anxiety disorders: From theory to practice* (pp. 47-62). New York: Nova Science Publishers.
- Granero, M. (2014). Sexologia basada en la evidencia: historia y actualización. *Revista Costarricense de Psicología*, 33(2), 179-197.
- Henderson, A. W., Lehavot, K., & Simoni, J. M. (2009). Ecological Models of Sexual Satisfaction among Lesbian/Bisexual and Heterosexual Women. *Archives of Sexual Behavior*, 38, 50-65. doi: 10.1007/s10508-008-9384-3.
- Kalichman, S. C., Johnson, J. R., Adair, V., Rompa, D., Multhauf, K., & Kelly, J. A. (1994). Sexual sensation seeking: scale development and predicting AIDS-risk behavior among homosexually active men. *Journal of Personality Assessment*, 62(3), 385-397 doi: 10.1207/s15327752jpa6203\_1.
- Litzinger, S., & Gordon, K. C. (2007). Exploring Relationships Among Communication, Sexual Satisfaction, and Marital Satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 31(5), 409-424. doi: 10.1080/00926230591006719.
- Maroco, J. (2003). *Análise Estatística*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Maroco, J., & Bispo, R. (2003). *Estatística aplicada às ciências sociais e humanas*. Lisboa: Climepsi Editores.
- McClelland, S. I. (2010). Intimate Justice: A Critical Analysis of Sexual Satisfaction. *Social and Personality Psychology Compass*, 4(9), 663-680. doi: 10.1111/j.1751-9004.2010.00293.x.
- Ojanlatva, A., Helenius, H., Rautava, P., Ahvenainen, J., & Koskenvuo, M. (2003). Importance of and Satisfaction with Sex Life in a Large Finnish Population. *Sex Roles*, 48(11/12), 543-553. doi:10.1023/A:1023579313434.

- Pascoal, P. M. (2012). *Contributo de variáveis individuais e relacionais para a satisfação sexual de pessoas em conjugalidade com e sem problemas sexuais (Dissertação de Doutoramento)*. Lisboa: Universidade de Lisboa - Faculdade de Psicologia.
- Pascoal, P. M., Narciso, I. S., & Pereira, N. M. (2014). What is Sexual Satisfaction? Thematic Analysis of Lay People's Definitions. *Journal of Sex Research*, *51*(1), 22-30. doi: 10.1080/00224499.2013.815149.
- Pereira, A., Fávero, M., Barbosa-Ducharne, M. A., Almeida, A. I., & Figueiredo, C. (2015). Comunicação com o/a parceiro/a sexual acerca de preocupações preventivas, auto-eficácia contraceptiva e (in)satisfação sexual. *Análise Psicológica*, *33* (2), 195-206. doi: 10.14417/ap.949.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de Dados para Ciências Sociais - A Complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Peterson, J. L., & Hyde, J. S. (2010). A meta-analytic review of research on gender differences in sexuality, 1993–2007. *Psychological Bulletin*, *136*(1), 21-38, 21-38. doi: 10.1037/a0017504.
- Rehman, U. S., Rellini, A. H., & Fallis, E. (2011). The Importance of Sexual Self-Disclosure to Sexual Satisfaction and Functioning in Committed Relationships. *The Journal of Sexual Medicine*, *8*(11), 3108-3155. doi: 10.1111/j.1743-6109.2011.02439.x.
- Reis, A. S., & Kobayashi, C. (2015). A satisfação sexual de mulheres jovens considerando dois conceitos: excitação e orgasmo. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, *36*(1), 29-36. doi: 10.5433/1679-0383.2015v36n1p29.
- Sánchez-Fuentes, M., & Sierra, J. C. (2015). Sexual satisfaction in a heterosexual and homosexual Spanish sample: the role of socio-demographic characteristics, health indicators, and relational factors. *Sexual and Relationship Therapy*, *30*(2), 226-242. doi: 10.1080/14681994.2014.978275.

- Sánchez-Fuentes, M. M., Salinas, J. M., & Sierra, J. C. (2016). Use of an Ecological Model to Study Sexual Satisfaction in a Heterosexual Spanish Sample. *Archives of Sexual Behavior*, 45(8), 1973-1988. doi: 10.1007/s10508-016-0703-9.
- Sánchez-Fuentes, M., Santos-Iglesias, P., & Sierra, J. C. (2014). A systematic review of sexual satisfaction. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 14, 67-75.
- Santos Pechorro, P., Almeida, A. I., Figueiredo, C. S., Pascoal, P. M., Vieira, R. X., & Jesus, N. S. (2014). Validação portuguesa da Nova Escala de Satisfação Sexual. *Revista Internacional de Andrologia*, 86.
- Santos Pechorro, P., Pascoal, P. M., Figueiredo, C. S., Almeida, A. I., Vieira, R. X., & Jesus, S. N. (2015). Validação portuguesa da Escala de Busca de Sensações Sexuais. *Revista Internacional de Andrologia*, 87. Obtido de <http://dx.doi.org/10.1016/j.androl.2014.11.003>
- Santos, C. B., & Meneses, R. F. (submetido). Perspetivando a Satisfação Sexual: Da delimitação do conceito à síntese de evidências.
- Stulhofer, A., Busko, V., & Brouillard, P. (2010). Development and Bicultural Validation of the New Sexual Satisfaction Scale. *Journal of Sex Research*, 47(4), 257-265. doi: 10.1080/00224490903100561.
- Teira, B. G. (2010). La respuesta sexual humana. *AMF*, 6(10), 543-546.
- Vilarinho, S. M. (2010). *Funcionamento e satisfação sexual feminina. Integração do afecto, variáveis cognitivas e relacionais, aspectos biológico e contextuais (Dissertação de Doutoramento)*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra.
- World Health Organization. (2010). *Measuring sexual health: Conceptual and practical considerations and related indicators*. Geneva: World Health Organization.

## Referências Bibliográficas <sup>8</sup>

- Almagia, E. B. (2002). *Psicologia de la Sexualidad*. Chile: Sello Editorial - Universidad de Concepción.
- Almeida, L. S., & Cruz, J. F. (2010). Transição e Adaptação Acadêmica: reflexões em torno dos alunos do 1º ano da Universidade do Minho. *Ensino superior em mudança: Tensões e possibilidades: Actas Congresso Ibérico* (pp. 429-440). Braga: Universidade do Minho. Centro de investigação em Educação (CIEd).
- Almeida, L. S., Soares, A. P., Guisande, M. A., & Paisana, J. (2007). Rendimento Académico no Ensino Superior: Estudo com Alunos do 1º Ano. *Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación, 14(1)*, 1138-1663.
- Amaral, V. A., Bravo, M. C., & Messias, T. S. (1996). Desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes portadores de deformidades faciais. *Estudos em Psicologia Campinas, 13(3)*, 31-47.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica, 2(29)*, 255-267.
- Angélico, A. P., & Del Prette, A. (2011). Avaliação do Repertório de Habilidades Sociais de Adolescentes com Síndrome de Down. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 24(2)*, 207-217.
- Angélico, A. P., Crippa, J. A., & Loureiro, S. R. (2012). Utilização do Inventário de Habilidades Sociais no Diagnóstico do Transtorno de Ansiedade Social. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 25(3)*, 467-476.
- Angélico, A. P., Crippa, J. d., & Loureiro, S. R. (2006). Fobia social e habilidades sociais: uma revisão da literatura. *Interação em Psicologia, 10(1)*, 113-125.

---

<sup>8</sup> Daqui em diante é apresentada a totalidade das referências bibliográficas citadas.

- Arturo, H. E. (2006). Estudio de correlacion entre satisfacci3n sexual y asertividad sexual. *Archivos Hispanoamericanos de Sexología*, 12(2), 199-216.
- Bandeira, M. (2002). Escala de Avalia3n da Compet4ncia Social de Pacientes Psiquiátricos através de Desempenho de Pap4is - EACS. *Avalia3n Psicol3gica*, 2, 159-171.
- Bandeira, M., & Quaglia, M. A. (2005). Habilidades sociais de estudantes universitários: identifica3n de situa33es sociais significativas. *Intera3n em Psicologia*, 9(1), 45-55.
- Bandeira, M., Costa, M. N., Del Prette, Z., Del Prette, A., & Gerk-Carneiro, E. (2000). Qualidades psicom4tricas do Inventáριο de Habilidades Sociais (IHS): estudo sobre a estabilidade temporal e a validade concomitante. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 401-419.
- Bandeira, M., Quaglia, M. C., Bachetti, L. S., Ferreira, T. L., & Souza, G. G. (2005). Comportamento assertivo e sua rela3n com ansiedade, locus de controle e auto-estima em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 22(2), 111-121.
- Barrientos, E. J., & Páez, D. (2006). Psychosocial Variables of Sexual Satisfaction in Chile. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 32, 351-365. doi: 10.1080/00926230600834695.
- Barros, F., & Figueiredo, R. (2014). *Manual de Medicina Sexual - Vis3n Multidisciplinar*. Lisboa: HSJ Consultores.
- Bartholomeu, D., Carvalho, L. F., Silva, M. C., Miguel, F. K., & Machado, A. A. (2011). Aceita3n e rejei3n entre pares e habilidades sociais em universitários. *Estudos de Psicologia*, 16(2), 155-162.
- Bartholomeu, D., Montiel, J. M., & Pessotto, F. (2011). Sociometria e habilidades sociais em alunos do ensino médio. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina*, 2(2), 211-228.

- Bartholomeu, D., Nunes, C. H., & Machado, A. A. (2008). Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. *Psico-USF, 13(1)*, 41-50.
- Basson, R. (2000). The Female Sexual Response: A Different Model. *Journal of Sex & Marital Therapy, 26(1)*, 51-65. doi:10.1080/009262300278641.
- Basson, R. (2001). Human Sex-Response Cycles. *Journal of Sex & Marital Therapy, 27(1)*, 33-43. doi: 10.1080/00926230152035831.
- Basson, R. (2005). Women's sexual dysfunction: revised and expanded definitions. *CMAJ, 172(10)*, 1327-1333.
- Bender, R. S., & Calvetti, P. Ü. (2015). Instrumentos de avaliação psicológica em habilidades sociais. *Revista de Psicologia da IMED, 7(1)*, 4-14.
- Bolsoni-Silva, A. T. (2002). Habilidades sociais: breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. *Interação em Psicologia, 6(2)*, 233-242.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2016). Validação do Questionário de Avaliação de Habilidades Sociais, Comportamentos, Contextos para Universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 32(2)*, 1-12.
- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, Z. A., Del Prette, G., Montanher, A. P., Bandeira, M., & Del Prette, A. (2006). A área das habilidades sociais no Brasil: uma análise dos estudos publicados em periódicos. In M. Bandeira, Z. A. Del Prette, & A. Del Prette, *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal* (pp. 1-45). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bolsoni-Silva, A. T., Loureiro, S. R., Rosa, C. F., & Oliveira, M. C. (2010). Caracterização das habilidades sociais de universitários. *Contextos Clínicos, 3(1)*, 62-75.

- Bolsoni-Silva, A. T., Mariano, M. L., Loureiro, S. R., & Bonaccorsi, C. (2013). Contexto escolar: práticas educativas do professor, comportamento e habilidades sociais infantis. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 17(2), 259-269.
- Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M., Pereira, V. A., & Manfrinato, J. W. (2006). Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento de Pré-Escolares: Comparando Avaliações de Mães e de Professoras. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 460-469.
- Bolsoni-Silva, A. T., Salina-Brandão, A., Versuti-Stoque, F. M., & Rosin-Pinola, A. R. (2008). Avaliação de um programa de intervenção de habilidades sociais educativas parentais: um estudo-piloto. *Psicologia, Ciencia e Profissão*, 28(1), 18-33.
- Braz, A. C. (2013). *Habilidades sociais e solidariedade intergeracional no relacionamento entre pais idosos e filhos adultos (Tese de Douturamento)*. Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
- Byers, E. S. (1999). The Interpersonal Exchange Mode 1 of Sexual Satisfaction: Implications for Sex Therapy with Couples. *Canadian Journal of Counselling*, 33(2), 95-111.
- Byers, E., & Cohen, J. N. (2017). Validation of the Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction With Women in a Same-Sex Relationship. *Psychology of Women Quarterly*, 41(1), 32-45. doi: 10.1177/0361684316679655.
- Byers, E., & Macneil, S. (2006). Further Validation of the Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 32(1), 53-69. doi: 10.1080/00926230500232917.
- Caballo, V. E. (1993). Relaciones entre diversas medidas conductuales y de autoinforme de las habilidades sociales. *Psicologia Conductual*, 1(1), 73-99.

- Caballo, V. E. (1996). *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento*. São Paulo: Santos Editora.
- Caballo, V. E. (2007). *Manual de Evaluación y Entrenamiento de Habilidades Sociales*. Madrid: SIGLO XXI de España Editores.
- Carpenter, L. M., Nathanson, C. A., & Kim, Y. J. (2009). Physical Women, Emotional Men: Gender and Sexual Satisfaction in Midlife. *Archives of Sexual Behavior*, *38*(1), 87-107. doi: 10.1007/s10508-007-9215-y.
- Carrara, K., & Betetto, M. F. (2009). Formação ética para a cidadania: uma investigação de habilidades sociais medidas pelo inventário de habilidades sociais. *Estudos de Psicologia - Campinas*, *26*(3), 337-347.
- Carvalho, A. A., & Costa, P. A. (2015). The impact of relational factors on sexual satisfaction among heterosexual and homosexual men. *Sexual and Relationship Therapy*, *30*(3), 314-324. doi: 10.1080/14681994.2015.1041372.
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças estudo sobre resiliência com crianças. *Estudos de Psicologia Competência Social e Empatia*, *5*(1), 71-93.
- Cerutti, P. S., & Wagner, M. F. (2014). Habilidades Sociais no Atendimento ao Público. *Revista de Psicologia da IMED*, *6*(1), 40-46.
- Cia, F., Pereira, C. d., Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filhos. *Psicologia em Estudo*, *11*(1), 73-81.
- Cibrián-Llenderal, T., Cadena-Barajas, M., Cuervo-Ledesma, F., & Martínez-Fuentes, E. (2016). Variables sexuales, emocionales y físicas asociadas a la respuesta sexual en mujeres. *Revista de Comunicación Vivat Academia*, *136*, 34-51.

- Coelho, C. F. (2011). *Dor, Ansiedade, Depressão e Funcionamento Sexual em mulheres com Fibromialgia (Tese de Mestrado)*. Porto: Faculdade Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa.
- Cordier, R., Speyer, R., Chen, Y.-W., Wlikes-Gillan, S., Brown, T., Bourke-Taylor, H., . . . Leicht, A. (2015). Evaluating the Psychometric Quality of Social Skills Measures : A Systematic Review. *PLoS ONE*, *10*(7), 1-32. doi:10.1371/journal.pone.0132299.
- Coulter, A. (2007). *Sexual sensation seeking and self-efficacy's relationship to sexual risk taking behavior*. California: The Faculty of Humboldt State University.
- Couto, G., Hattum, A. C., Vandenberghe, L. M., & Benfica, E. (2005). Tradução, análise semântica e adaptação do Check List of Interpersonal Transactions – Revisado. *Avaliação Psicológica*, *4*(1), 45-46.
- Couto, G., Vandenberghe, L., Tavares, W. M., & Silva, R. L. (2012). Interações e habilidades sociais entre universitários: um estudo correlacional. *Estudos de Psicologia, Campinas*, *29* (Sup.), 667s-677s.
- Cunha, A. R. (2017). *Qualidade de Vida e Funcionamento Sexual em indivíduos com Dor Crónica (Tese de Mestrado)*. Porto: Faculdade Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2001). *Psicologia das Relações Interpessoais*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2003). No contexto da travessia para o ambiente de trabalho: treinamento de habilidades sociais com universitários. *Estudos de Psicologia*, *8*(3), 413-420.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2006). *Habilidades sociais: Conceitos e campo teórico-prático*. Obtido de <http://www.rihs.ufscar.br>

- Del Prette, A., Del Prette, Z. A., & Branco, U. V. (1992). Competência social na formação do psicólogo. *Paidéia*, 2, 40-50.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A., Torres, A. C., & Pontes, A. C. (1998). Efeitos de uma intervenção sobre a topografia das habilidades sociais de professores. *Psicologia Escolar e Educacional (Campinas)*, 2(1), 11-22. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85571998000100002> .
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(2), 233-255.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2002). Avaliação de habilidades sociais de crianças com um inventário multimídia: indicadores sociométricos associados a frequência versus dificuldade. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 7(1), 61-73.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2010). Habilidades sociais e análise do comportamento: Proximidade histórica e atualidades. *Revista Perspectivas*, 1(2), 104-115.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2011). *Inventário de Habilidades Sociais - Manual de aplicação, apuração e interpretação*. Brasil: Editora Casa do Psicólogo.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2013). Social Skills Inventory (SSI-Del-Prette): Characteristics and Studies in Brazil. In F. L. Osório, *Social anxiety disorders: From theory to practice* (pp. 47-62). New York: Nova Science Publishers.
- Del Prette, Z. A., Del Prette, A., & Barreto, M. M. (1998). Análise de um Inventário de Habilidades Sociais (IHS) em uma amostra de universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(3), 219-228.

- Del Prette, Z. A., Del Prette, A., & Villa, M. B. (2005). Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, da avaliação e intervenção. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 441-364.
- Del Prette, Z. A., Del Prette, A., Barreto, M. C., Bandeira, M., Rios-Saldaña, M. R., Ulian, A. L., . . . Villa, B. B. (2004). Habilidades Sociais de Estudantes de Psicologia: Um Estudo Multicêntrico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 341-350.
- Diniz, A. M., & Almeida, L. S. (2006). Adaptação à Universidade em estudantes do primeiro ano: Estudo diacrônico da interação entre o relacionamento com pares, o bem-estar pessoal e o equilíbrio emocional. *Análise Psicológica*, 1(24), 29-38.
- Douaire, J. (2008). *Étude descriptive des habilités sociales déployées lors de sessions de clavardage chez les jeunes: Le cas de la tribu des scientigines (Dissertação de Doutorado)*. Université du Quebec à Montréal, Canadá.
- Falcone, E. (1999). A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 1(1), 23-32.
- Feitosa, F. B. (2013). Habilidades sociais e sofrimento psicológico. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, 65(1), 38-50.
- Fleury, H. J., & Abdo, C. H. (2009). Desejo sexual feminino. *Medicina Sexual - Diagnostico e Tratamento*, 14(1), 47-51.
- Freitas, L. C. (2011). *Habilidades sociais de crianças com diferentes necessidades educacionais especiais: comparações múltiplas (Dissertação de Doutorado)*. Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
- Freitas, L. C. (2013). Uma revisão sistemática de estudos experimentais sobre treinamentos de habilidades sociais. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental e Cognitiva*, XV(2), 72-88.

- Furtado, E. d., Falcone, E. M., & Clark, C. (2003). Avaliação do estresse e das habilidades sociais na experiência acadêmica de estudantes de medicina de uma universidade do Rio de Janeiro. *Interação em Psicologia*, 7(2), 43-51.
- Garrido, M. V., Azevedo, C., & Palma, T. (2011). Cognição social: fundamentos, formulações actuais e perspectivas futuras. *PSICOLOGIA Edições Colibri*, 25(1), 113-157.
- Gismero, E. (2000). *EHS: Escala de Habilidades Sociais*. Madrid: TEA.
- Gomes, G., & Soares, A. B. (2013). Inteligência, Habilidades Sociais e Expectativas Acadêmicas no Desempenho de Estudantes Universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 780-789.
- Granero, M. (2014). Sexologia basada en la evidencia: historia y actualización. *Revista Costarricense de Psicología*, 33(2), 179-197.
- Grazziotin, J. B., & Scortegagna, S. A. (2013). Relacionamento interpessoal, produtividade e habilidades sociais: um estudo correlacional. *Psico-USP, Bragança Paulista*, 18(3), 491-500.
- Gresham, F. M., & Elliot, D. N. (2008). *Social Skills Improvement System: Rating Scales*. Bloomington: Pearson Assessments.
- Grün, T. B. (2006). Habilidades sociais em portadores de câncer de estômago. *Estudos de Psicologia Campinas*, 23(2), 151-158.
- Henderson, A. W., Lehavot, K., & Simoni, J. M. (2009). Ecological Models of Sexual Satisfaction among Lesbian/Bisexual and Heterosexual Women. *Archives of Sexual Behavior*, 38, 50-65. doi: 10.1007/s10508-008-9384-3.
- Higgins, J. A., Mullinax, M., Trussell, J., Davidson, J., & Moore, N. B. (2011). Sexual Satisfaction and Sexual Health Among University Students in the United States. *American Journal of Public Health*, 101(9), 1643-1654.

- Hyde, J. S., & DeLamater, J. D. (2006). *Sexualidad humana*. México: McGraw-Hill Interamericana.
- Jeffery, R. (1989). Risk Behaviors and health constrating individual and population perspectives. *American Psychologist*, *44*, 1194-1202.
- Jiménez, A. P. (2003). *Habilidades sociales en enfermería: Propuesta de un programa de intervención (Dissertação de Doutoramento)*. Universitat de les Illes Balears, Espanha.
- Júnior, C. A. (2009). Questões em Bioestatística: o tamanho da amostra. *Revista Interdisciplinar de Estudos Experimentais*, *1(1)*, 26-28.
- Kalichman, S. C., Johnson, J. R., Adair, V., Rompa, D., Multhauf, K., & Kelly, J. A. (1994). Sexual sensation seeking: scale development and predicting AIDS-risk behavior among homosexually active men. *Journal of Personality Assesment*, *62(3)*, 385-397 doi: 10.1207/s15327752jpa6203\_1.
- Kamnerdsiri, W. A., Bartáková, J., & Weiss, P. (2015). *Determinants of Sexual Satisfaction in Men*. Obtido de Research Gate: [https://www.researchgate.net/publication/284633827\\_Determinants\\_of\\_Sexual\\_Satisfaction\\_in\\_Men](https://www.researchgate.net/publication/284633827_Determinants_of_Sexual_Satisfaction_in_Men)
- Kloster, M. C., Perotta, B., Junior, A. H., Paro, H. B., & Tempski, P. (2013). Sonolência Diurna e Habilidades Sociais em Estudantes de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, *37(1)*, 103–109.
- Lange, A., & Jakubowski, P. (1976). *Responsible assertive behavior*. Champaign, Illinois: Research Press.
- Lawrence, K.-A., & Byers, E. (1995). Sexual satisfaction in long-term heterosexual relationships: The interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Personal Relationships*, *2*, 267-285. doi: 10.1111/j.1475-6811.1995.tb00092.x.

- Leal, K. B., Quadros, S. A., & Reis, M. E. (2011). *A terapia cognitivo-comportamental e o treino de habilidades sociais no tratamento da fobia social (Trabalho de Graduação)*. UNIME/Itabuna, Brasil.
- Leiblum, S. R., & Rosen, R. C. (s.d.). Introduction: Changing perspectives on sexual desire.
- Leme, V. B., & Bolsoni-Silva, A. T. (2010). Habilidades Sociais Educativas Parentais e comportamentos pré-escolares. *Estudos de Psicologia*, *15*(2), 161-173.
- Lemos, M. S., & Meneses, H. I. (2002). A Avaliação da Competência Social: Versão Portuguesa da Forma para Professores do SSRS. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *18*(3), 267-274.
- Liberati, A., Altman, D. G., Tetzlaff, J., Mulrow, C., Gøtzsche, P. C., Ioannidis, J. P., . . . Moher, D. (2009 Aug 18;151(4):W65-94. Epub 2009 Jul 20 de 2009 Aug 18;151(4):W65-94. Epub 2009 Jul 20 de 2009). The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: explanation and elaboration. *Annals of Internal Medicine*, *151*(4), 65-94.
- Lima, D. C., Bandeira, M., Oliveira, M. S., & Tostes, J. G. (2014). Habilidades sociais de familiares cuidadores de pacientes psiquiátricos. *Estudos de Psicologia Campinas*, *31*(4), 549-558. doi:http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2014000400009.
- Lima, M. (2005). Atuação psicológica coletiva: uma trajetória profissional em unidade básica de saúde. *Psicologia em Estudo, Maringá*, *10*(3), 431-440.
- Lima, T. H. (2006). Inventário de Habilidades Sociais: Pioneirismo na Avaliação Clínica, Educacional e Organizacional. *Avaliação Psicológica*, *5*(2), 277-278.

- Lins, R. N., & Braga, F. (2005). *O Livro de Ouro do Sexo*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações.
- Litzinger, S., & Gordon, K. C. (2007). Exploring Relationships Among Communication, Sexual Satisfaction, and Marital Satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 31(5), 409-424. doi: 10.1080/00926230591006719.
- Loureiro, C. R. (2011). Treino de competências sociais – uma estratégia em saúde mental: conceptualização e modelos teóricos. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 6, 7-14.
- Loureiro, C. R. (2013). *Competências sociais de estudantes do ensino secundário: construção, implementação e avaliação de um programa de intervenção (Dissertação de Doutoramento)*. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto.
- Lucca, E. d. (2016). *Habilidade Social: uma questão de qualidade de vida*. Obtido de Psicologia.com.pt: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0224.pdf>
- MacKray, D. (1988). Dificuldades sociais e interpessoais. In H. W. Lettner, & B. P. Rangé, *Manual de Psicologia Comportamental* (pp. 137-148). São Paulo: Malone.
- Magalhães, P. P., & Murta, S. G. (2003). Treinamento de habilidades sociais em estudantes de psicologia: um estudo pré-experimental. *Temas em Psicologia da SBP*, 11(1), 28–37.
- Maroco, J. (2003). *Análise Estatística*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Maroco, J., & Bispo, R. (2003). *Estatística aplicada às ciências sociais e humanas*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Marques, F. Z., Chedid, S. B., & Eizerik, G. C. (2008). Resposta Sexual Humana. *Revista de Ciência Médicas de Campinas*, 17(3-6), 175-183.

- McClelland, S. I. (2010). Intimate Justice: A Critical Analysis of Sexual Satisfaction. *Social and Personality Psychology Compass*, 4(9), 663–680. doi: 10.1111/j.1751-9004.2010.00293.x.
- McFall, R. M. (1982). A review and reformulation of the concept of social skills. *Behavioral Assessment, Vol 4(1)*, 1-33.
- Miot, H. A. (2011). Tamanho da amostra em estudos clínicos e experimentais. *Jornal Vascular Brasileiro*, 10(4), 275-278.
- Murta, S. G. (2005). Aplicações do treinamento em habilidades sociais: Análise da produção nacional. *Psicologia: Reflexão e Critica*, 18(2), 283-291.
- Naves, R. M., Rotundo, R. C., Carvalho, K. D., & Baia, F. H. (2011). Treinamento de Habilidades Sociais em Grupo: Uma Intervenção com Tarefas Lúdicas. *Psicologia em Pesquisa*, 5(01), 39-50.
- Nobre, P. (2006). *Disfunções sexuais. Teoria, Investigação e Tratamento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ojanlatva, A., Helenius, H., Rautava, P., Ahvenainen, J., & Koskenvuo, M. (2003). Importance of and Satisfaction with Sex Life in a Large Finnish Population. *Sex Roles*, 48(11/12), 543-553. doi:10.1023/A:1023579313434.
- Oliveira, F. R. (2014). Saúde Sexual. In F. Barros, & R. Figueiredo, *Manual de Medicina Sexual* (pp. 37-41). Lisboa: HSJ Consultores.
- Ongaratto, G. L., Grazziotin, J. B., & Scortegagna, S. A. (2016). Habilidades sociais e autoestima em idosos participantes de grupos de convivência. *Psicologia em Pesquisa UFJF*, 10(2), 12-20. doi: 10.5327/Z1982-1247201600020003.
- Pacheco, J. T., Teixeira, M. A., & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 117-126.

- Padovani, R. C., Schelini, P. W., & Williams, L. C. (2009). Inventário de Resolução de Problemas Sociais: evidências de validade e precisão. *Avaliação Psicológica*, 8(2), 267-276.
- Pascoal, P. M. (2012). *Contributo de variáveis individuais e relacionais para a satisfação sexual de pessoas em conjugalidade com e sem problemas sexuais (Dissertação de Doutoramento)*. Lisboa: Universidade de Lisboa - Faculdade de Psicologia.
- Pascoal, P. M., Narciso, I. S., & Pereira, N. M. (2014). What is Sexual Satisfaction? Thematic Analysis of Lay People's Definitions. *Journal of Sex Research*, 51(1), 22-30. doi: 10.1080/00224499.2013.815149.
- Pasquali, L., & Gouveia, V. V. (1990). Escala de Assertividade de Rathus - RAS: adaptação brasileira. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília*, 6(3), 233-249.
- Pechorro, P. F. (2006). *Funcionamento sexual e ciclo-de-vida em mulheres portuguesas (Tese de Mestrado)*. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Peplau, L. A. (2003). *Human Sexuality: How Do Men and Women Differ?* Los Angeles, California: American Psychological Society.
- Pereira, A., Fávero, M., Barbosa-Ducharne, M. A., Almeida, A. I., & Figueiredo, C. (2015). Comunicação com o/a parceiro/a sexual acerca de preocupações preventivas, auto-eficácia contraceptiva e (in)satisfação sexual. *Análise Psicológica*, 33 (2), 195-206. doi: 10.14417/ap.949.
- Pereira, C. S., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2009). Habilidades Sociais de Trabalhadores Com e Sem Deficiência Física. *Psicologia: Teoria e Pesquisam* 25(3), 339-346.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de Dados para Ciências Sociais - A Complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Peterson, J. L., & Hyde, J. S. (2010). A meta-analytic review of research on gender differences in sexuality, 1993–2007. *Psychological Bulletin*, *136*(1), 21-38, 21-38. doi: 10.1037/a0017504.
- Pfaus, J. G., & Scepkowski, L. A. (2005). The Biologic Basis for Libido. *Current Sexual Health Reports*, *2*, 95-100.
- Pi, I. C. (2008). *Comportamiento Sexual Humano*. Santiago de Cuba: Editorial Oriente.
- Pinto, F. N., & Barham, E. J. (2014). Habilidades sociais e estratégias de enfrentamento de estresse: relação com indicadores de bem-estar psicológico em cuidadores de idosos de alta dependência. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, *17*(3), 525-539.
- Pureza, J. R., Souza Rusch, S. G., Wagner, M., & Oliveira, M. d. (2012). Treinamento de Habilidades Sociais em Universitários: uma proposta de intervenção. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, *8*(1), 2-9. doi: 10.5935/1808-5687.20120002.
- Rathus, S. A., Nevid, J. S., & Fichner-Rathus, L. (2005). *Sexualidad humana 6ª edición*. Madrid: Pearson Educacion, S. A.
- Rehman, U. S., Rellini, A. H., & Fallis, E. (2011). The Importance of Sexual Self-Disclosure to Sexual Satisfaction and Functioning in Committed Relationships. *The Journal of Sexual Medicine*, *8*(11), 3108-3155. doi: 10.1111/j.1743-6109.2011.02439.x.
- Reis, A. S., & Kobayashi, C. (2015). A satisfação sexual de mulheres jovens considerando dois conceitos: excitação e orgasmo. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, *36*(1), 29-36. doi: 10.5433/1679-0383.2015v36n1p29.
- Rojas, A. D. (2010). Estudio sobre la asertividad y las habilidades sociales en el alumnado de Educación Social. *Revista de Educación*, *12*, 225-239.

- Rojas, R. (1995). Habilidades Sociales: psicoterapia grupal con pacientes esquizofrenicos cronocos. *Revista de Psicología de la PUCP*, XIII(1), 63-95.
- Rondina, R. C., Martins, R., Manzato, A. J., & Terra, A. P. (2013). Habilidades sociais e dependência nicotínica em universitários fumantes. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14(1), 232-244.
- Sánchez, F. L. (2005). Prólogo a la edición española. In S. A. Rathus, J. S. Nevid, & L. Fichner-Rathus, *Sexualidad humana 6ª edición* (pp. XXI-XXIV). Madrid: Pearson Educacion, S. A.
- Sánchez-Fuentes , M., & Sierra, J. C. (2015). Sexual satisfaction in a heterosexual and homosexual Spanish sample: the role of socio-demographic characteristics, health indicators, and relational factors. *Sexual and Relationship Therapy*,30(2), 226-242. doi: 10.1080/14681994.2014.978275.
- Sánchez-Fuentes, M. M., Salinas, J. M., & Sierra, J. C. (2016). Use of an Ecological Model to Study Sexual Satisfaction in a Heterosexual Spanish Sample. *Archives of Sexual Behavior*, 45(8), 1973-1988. doi: 10.1007/s10508-016-0703-9.
- Sánchez-Fuentes, M., Santos-Iglesias, P., & Sierra, J. C. (2014). A systematic review of sexual satisfaction. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 14, 67-75.
- Santos Pechorro, P., Almeida, A. I., Figueiredo, C. S., Pascoal, P. M., Vieira, R. X., & Jesus, N. S. (2014). Validação portuguesa da Nova Escala de Satisfação Sexual. *Revista Internacional de Andrologia*, 86.
- Santos Pechorro, P., Pascoal, P. M., Figueiredo, C. S., Almeida, A. I., Vieira, R. X., & Jesus, S. N. (2015). Validação portuguesa da Escala de Busca de Sensações Sexuais. *Revista Internacional de Andrologia*, 87. Obtido de <http://dx.doi.org/10.1016/j.androl.2014.11.003>.

- Santos, C. B., Peixoto, A. C. & Meneses, R. F. (2017). Avaliação das habilidades sociais: uma revisão sistemática da literatura. *E- Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP*, 5, 1-30. Disponível em: <https://www.iscap.ipp.pt/cei/E-REI%20Site/Pages/5.htm>
- Santos, C. B., Peixoto, A. C., & Meneses, R. F. (no prelo). Adaptação do IHS para Portugal: dados preliminares. *Atas dos Dias da Investigação na UFP, UFP Research Days Proceedings 2017*. Gabinete de Relações Internacionais e Apoio ao Desenvolvimento Institucional. Universidade Fernando Pessoa – Porto.
- Santos, C. B., & Meneses, R. F. (submetido). Perspetivando a Satisfação Sexual: Da delimitação do conceito à síntese de evidências.
- Santos, C. B., & Meneses, R. F. (submetido). Satisfação sexual e correlatos sexuais e não sexuais: Diferenças entre os sexos.
- Sardinha, A., Falcone, E. M., & Ferreira, M. C. (2009). As Relações entre a Satisfação Conjugal e as Habilidades Sociais percebidas no Cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 395-402.
- Sena, T. (2010). Os relatórios Masters & Johnson: gênero e as práticas psicoterapêuticas sexuais a partir da década de 70. *Estudos Feministas, Florianópolis*, 18(1), 221-239.
- Soares, A. B., & Del Prette, Z. A. (2015). Habilidades sociais e adaptação à universidade: Convergências e divergências dos construtos. *Análise Psicológica*, 2(33), 139-151. doi: 10.14417/ap.911.
- Sousa, I. M. (2013). *Satisfação Sexual e Qualidade de Vida da Mulher no Climatério (Tese de Mestrado)*. Porto: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa.

- Sprecher, S. (2001). Equity and Social Exchange in Dating Couples: Associations With Satisfaction, Commitment, and Stability. *Journal of Marriage and Family*, 63, 599-623. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00599.x.
- Sprecher, S. (2002). Sexual satisfaction in premarital relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability. *The Journal of Sex Research*, 39(3), 190-196. doi: 10.1080/00224490209552141.
- Stephenson, K. R., Ahrold, T. K., & Meston, C. M. (2011). The Association Between Sexual Motives and Sexual Satisfaction: Gender Differences and Categorical Comparisons. *Archives of Sexual Behavior*, 40, 607-618. doi: 10.1007/s10508-010-9674-4.
- Stulhofer, A., Busko, V., & Brouillard, P. (2010). Development and Bicultural Validation of the New Sexual Satisfaction Scale. *Journal of Sex Research*, 47(4), 257-265. doi: 10.1080/00224490903100561.
- Tavares, C. F. (2014). *Adaptação ao ensino superior, personalidade e optimismo em estudantes universitários do 1º ciclo de estudos (Tese de Mestrado)*. Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Tavares, W. M., Couto, G., & Silva, R. L. (Junho de 2012). Perfil de relações interpessoais e habilidades sociais de estudantes de psicologia. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 3(1), 75-92.
- Teira, B. G. (2010). La respuesta sexual humana. *AMF*, 6(10), 543-546.
- Teixeira, M. A., Castro, G. D., & Piccolo, L. R. (2007). Adaptação à Universidade em Estudantes Universitários: Um Estudo Correlacional. *Interação em Psicologia*, 11(2), 211-220.
- Teixeira, M. A., Dias, A. C., Wottrich, S. H., & Oliveira, A. M. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, 12(1), 185-202.

- Teixeira, M. O. (2009). Uma medida de auto-eficácia percebida em contextos sociais e académicos. *Psychologia*, 51, 47-55. doi:[http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606\\_51\\_4](http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_51_4).
- Teles, L. C., Fernandes, N. F., & Abramides, D. V. (2015). Habilidades sociais em estudantes de jornalismo. *Revista CEFAC*, 17(1), 27-33.
- Teles, L. C., Fernandes, N. F., Romero, C. D., & Abramides, D. V. (2015). Análise comparativa das habilidades sociais dos estudantes de jornalismo e de fonoaudiologia. *Revista CEFAC*, 17(2), 343-348.
- Thompson, S. &. (2002). The effect of situational structure on the social performance of socially anxious and non-anxious participants. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 33(2), 91-102.
- Vagos, P., & Pereira, A. (2010). Escala de Comportamento Interpessoal: Adaptação para a língua portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 8(1), 37-49.
- Vilarinho, S. M. (2010). *Funcionamento e satisfação sexual feminina. Integração do afecto, variáveis cognitivas e relacionais, aspectos biológico e contextuais (Dissertação de Doutoramento)*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra.
- Villa, M. B., Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2007). Habilidades sociais conjugais e filiação religiosa: um estudo descritivo. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 23-32.
- Wagner, M. F., & Oliveira, M. S. (2009). Estudo das Habilidades Sociais em Adolescentes usuários de Maconha. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 101-110.
- World Association for Sexual Health. (2014). *Declaration of Sexual Rights*. Obtido de World Association for Sexual Health: [http://www.worldsexology.org/wp-content/uploads/2013/08/declaration\\_of\\_sexual\\_rights\\_sep03\\_2014.pdf](http://www.worldsexology.org/wp-content/uploads/2013/08/declaration_of_sexual_rights_sep03_2014.pdf)

World Health Organization. (1975). *Education and treatment in human sexuality: The training of health professionals. (Technical Report Series, n°572)*. Geneva: World Health Organization.

World Health Organization. (2004). *Progress in Reproductive Health Research, Geneva*. Obtido de World Health Organization: [http://www.who.int/reproductivehealth/publications/general/RHR\\_04\\_8/en/](http://www.who.int/reproductivehealth/publications/general/RHR_04_8/en/)

World Health Organization. (2006). *Defining Sexual Health: Report of a technical consultation on sexual health, 28-32, January 2002, Geneva*. Obtido de World Health Organization: [http://www.who.int/reproductivehealth/topics/gender\\_rights/defining\\_sexual\\_health/en](http://www.who.int/reproductivehealth/topics/gender_rights/defining_sexual_health/en)

World Health Organization. (2010). *Measuring sexual health: Conceptual and practical considerations and related indicators*. Geneva: World Health Organization.